



FRANÇA E ESCOLA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA:

Verso e Reverso

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante

Universidade Federal do Ceará**Reitor**

Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor

Prof. Henry de Holanda Campos

Editora UFC**Editor**

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselho Editorial**Presidente**

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros

Prof^a. Adelaide Maria Gonçalves Pereira

Prof^a. Angela Maria R. Mota de Gutiérrez

Prof. Gil de Aquino Farias

Prof. Ítalo Gurgel

Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

Coleção Estudos Geográficos**Coordenação Editorial****Coordenador**

Prof. Eustógio Wanderley Correia Dantas

Membros

Prof^a. Ana Fani Alessandri Carlos

Prof. Antônio Jeovah de Andrade Meireles

Prof. Christian Dennys Oliveira

Prof. Edson Vicente da Silva

Prof. Francisco Mendonça

Prof. Hérve Théry

Prof. Jordi Serra i Raventos

Prof. José Borzacchiello da Silva

Prof. Jean-Pierre Peulvast

Prof^a. Maria Elisa Zanella

José Borzacchiello da Silva

FRANÇA E ESCOLA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA:

Verso e Reverso



Fortaleza
2012

França e escola brasileira de geografia: verso e reverso

© 2012 Copyright by José Borzacchiello da Silva

Impresso Brasil / Printed in Brazil

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

Todos os Direitos Reservados

Edições UFC (Coleção Estudos Geográficos)

Pós-Graduação em Geografia da UFC

Campus do Pici, Bloco 911, Fortaleza – Ceará - Brasil

CEP: 60445-760 – tel. (85) 3366.9855 – fax: (85) 3366.9864

Site: www.posgeografia@ufc.br – e-mail: edantas@ufc.br

Divisão de Editoração

Coordenação Editorial

Moacir Ribeiro da Silva

Leitura e Revisão de Texto

Leonora Vale de Albuquerque

Normalização Bibliográfica

Perpétua Socorro Tavares Guimarães

Programação Visual

Luiz Carlos Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3/801

S 586 f	Silva, José Borzacchiello da França e escola brasileira de geografia: verso e reverso / José Borzacchiello da Silva. – Fortaleza: Edições UFC, 2012. 232 p.: il. ISBN: 978-85-7282-512-2 (Coleção Estudos Geográficos, n. 12). 1. Geografia 2. Geografia Francesa 3. Geografia-Brasil 4. Epistemologia I. Título
---------	---

CDD: 910

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	19
2 ANTECEDENTES: A GEOGRAFIA FRANCESA NO BRASIL.....	49
3 A HEGEMONIA DA GEOGRAFIA FRANCESA NO BRASIL	57
4 PERIODIZAÇÃO: UMA SUGESTÃO	65
4.1 Aproximações: a Implantação de Cursos de Geografia no Brasil	69
4.1.1 Fase da construção da hegemonia	71
4.1.2 O Congresso da UGI	72
4.1.3 Distanciamentos: a “Nova Geografia”... e a França passou a ser vista por lideranças da geografia brasileira como referência do velho, do passado	74
4.1.4 Exclusividades: Pierre George	76
4.1.5 Novas alianças: Rochefort e Kayser, o urbano e o rural	80
4.1.6 Rupturas, estremecimentos: a “Geografia Nova” – Yves Lacoste faz a Geografia, a Guerra... ..	102
5 NOVOS GEÓGRAFOS FRANCESES ENTRAM EM CENA.....	133
6 O BRASIL NA FRANÇA	175

7	A PRODUÇÃO DE TESES DE BRASILEIROS NA FRANÇA	191
8	CONCLUSÕES	213
	BIBLIOGRAFIA	225

PREFÁCIO

O Brasil foi, em 1998, o país convidado de honra na Feira do Livro de Paris, e uma das mesas-redondas organizadas nesta ocasião pelo Syndicat National de l'Édition – da qual eu tive a honra de participar – era intitulada “peripécias amorosas do relacionamento entre a França e o Brasil”. Parece que este título se aplicaria igualmente bem ao presente livro de José Borzacchiello da Silva sobre a relação entre a geografia francesa e a brasileira, como evidenciado pelas palavras que ele usa para se referir às fases desse relacionamento: “aproximações”, “distanciamentos”, “exclusividades”, “rupturas”. Há de fato muito carinho e até mesmo muita paixão - às vezes desapontada – nesta longa história de casal, que teve inevitavelmente altos e baixos.

José Borzacchiello da Silva discute essas fases em detalhe, oferecendo uma periodização inédita, em que a fundação da USP, em 1934, e o Congresso da UGI, em 1956, no Rio de Janeiro, são momentos-chave, voltando às origens distantes e indo até a época na qual ele fez uma ampla pesquisa de pós-doutorado na França sobre este assunto. Ele tinha então (em 1992-1993) analisado os 104 volumes do *Bulletin Intergéo*, publicado desde 1966 pelo CNRS (Conselho Nacional de Pesquisa Científica), e a produção de teses francesas sobre o Brasil e de brasileiros

na França. Ele fornece, portanto, uma quantidade de dados de primeira mão que dão à sua obra uma densidade notável e reforçam significativamente as análises, relevantes e sutis, que ele faz ao interpretá-los.

O objetivo dele é claro:

Estudar a formação de uma geografia nacional advinda das relações estabelecidas entre a França e o Brasil permitia apreender o nível de envolvimento de geógrafos dos dois países, identificando momentos diferenciados de acordo com suas conjunturas.

A maneira de fazê-lo é claramente enunciada:

- enumerar os geógrafos daquele país que trabalharam sobre o Brasil ou que influenciaram a geografia brasileira, por meio da orientação de teses, edição de livros, textos ou outra atividade;
- verificar, em termos analíticos, os momentos de pico dessas influências;
- relacionar aspectos da história de vida desses profissionais com o tipo de influência exercida na geografia brasileira;
- mapear, no espaço brasileiro, as áreas que foram mais estudadas e quais foram os centros que estabeleceram maior intercâmbio geográfico com universidades francesas;
- localizar na França, quais as cidades/universidades que mais influenciaram a geografia brasileira;
- situar na França que cidades/universidades receberam maior quantidade de pesquisadores brasileiros na área de Geografia;

- listar as principais linhas de pesquisas brasileiras que guardam ligação estreita com a França;
- identificar a partir dos títulos das pesquisas realizadas por franceses no Brasil, o grau de inovação quanto ao enfoque teórico-conceitual e metodológico;
- verificar em que medida ocorre a inserção e assimilação dessas inovações em termos de Brasil.

O livro aborda a maioria destas perguntas, mas ressaltamos aqui que uma das principais conclusões do trabalho é que a relação entre geógrafos franceses e brasileiros tornou-se menos assimétrica. No início, e durante décadas,

a relação estabelecida entre os profissionais dos dois países não era marcada pela simetria, ao contrário, a tradição acadêmica francesa associada a longo período de aplicação de teorias e métodos em sua ação expansionista, garantia um caráter universal, até então desconhecido pela geografia feita no Brasil.

Como resultado,

aqui os franceses fazem suas pesquisas e no passado muito contribuíram para que se fizesse a leitura geográfica do país, vislumbrando um projeto nacional a partir da ótica deles. Na França, o brasileiro enquanto profissional situava-se, predominantemente, na condição de aprendiz da fundamentação teórica e metodológica norteadora daquela escola geográfica com suas diversas correntes.

Com o passar do tempo, porém, o Brasil mudou muito, e com ele a relação entre os geógrafos brasileiros e franceses, que tem um pouco arrefecido:

A geografia, sintonizada com a experiência que o Brasil atravessava com crescimento econômico e grandes obras de infraestrutura, exerceu destacado papel naquele momento. Buscou nos métodos quantitativos, as fórmulas possíveis de oferecer explicações espaciais e resultados esperados. Viveu naquele momento situação de ruptura parcial com a geografia francesa de corte mais clássico, pautada no ideário do arranjo e organização espacial. Esta pratica dominante de parcela da geografia oficial, atendia aos interesses do governo militar e da elite burocrática que se instalara no país. Por outro lado, as esquerdas, com apoio da Igreja e de outras instituições não oficiais buscam referências teóricas capazes de sustentar suas utopias de realidade e propostas partidárias.

José Borzacchiello da Silva nota, no entanto, um caso que cruza essas fases diversas sem perda de influência, o de Pierre George:

Dentre os vários que aqui estiveram Pierre George merece destaque, pois exerceu enorme influência na geografia brasileira. Tornou-se referência bibliográfica quase que obrigatória nos cursos de Geografia. Nas discussões que enfocam a relação da geografia francesa com a brasileira, Pierre George pode ser classificado como exemplo de uma situação de permanência [...] Independentemente de opções teórico-metodológicas, o ilustre professor permanecia como inalterado, numa posição tranquila, editando seus livros em português pela DIFEL – Difusão Europeia do Livro, de São Paulo, sob os auspícios da Presses Universitaires de France, de Paris e pela Editora Fundo de Cultura, do Rio de Janeiro. Mantinha um público cativo. A estabilidade alcançada por Pierre George não indica de forma alguma que as relações acadêmicas seguiam o curso regular com os franceses.

Note-se aqui como José Borzacchiello da Silva é capaz de ligar de maneira convincente desenvolvimento econômico, si-

tuações políticas e o seu impacto tanto na geografia brasileira como na sua relação com a geografia francesa. O mesmo se aplica para o período seguinte, aquele no qual a redução progressiva da pressão política ligada ao fim do regime militar permitiu que os geógrafos brasileiros mudassem profundamente o rumo de suas pesquisas, recorrendo com entusiasmo às análises marxistas, que lhes eram previamente proibidas:

A geografia pós-78, através de parte significativa da categoria dos geógrafos [...] encontra, na escassa literatura de fundamento marxista, elementos para a reorganização da ciência. O movimento denominado Fortaleza 1978 foi um divisor de opiniões e posturas no modo de conceber, ensinar e aplicar a geografia no país [...]. O Pós-78 significou um rearranjo no mapa da produção geográfica do país, inseriu novos personagens em cena, sacralizou uns, demonizou outros.

Lamentamos apenas que José Borzacchiello da Silva não tenha prolongado a sua análise até os dias atuais, gostaríamos de saber como ele vê a evolução de hoje, 34 anos após a “virada de mesa” de Fortaleza e vinte anos após a sua pesquisa. Talvez poderia ser o objeto de uma nova pesquisa de ambos os lados do Atlântico ...

Mas tal como ele está, este livro já é fascinante (mesmo para quem não é, como eu sou, um dos atores nessa relação franco-brasileira), e um dos seus aspectos mais interessantes e mais originais, é que José Borzacchiello da Silva, durante a sua estadia de pós-doutorado, entrevistou vários geógrafos franceses que desempenharam um papel na colaboração entre as duas escolas de geografia, sempre seguindo o mesmo questionário, com algumas adaptações para “aprender ao máximo as contribuições capazes de responder às indagações que norteavam a pesquisa”. Ele transcreveu no livro as respostas dos entrevistados e às vezes as suas próprias reações – muitas vezes entusiasmadas – às respos-

tas, e os diálogos adicionais que surgiram quando ele, sempre educadamente mas com firmeza, obrigava os seus interlocutores a completar as respostas. Jacques Lévy, que admite que “para ser honesto, devo dizer que a geografia brasileira que eu conheço é aquela que gravita em torno de Milton Santos” e de fato a participação dele à colaboração franco-brasileira foi mínima (com apenas duas breves visitas ao Brasil). Uma das entrevistas obteve um resultado inesperado, mostrando que Yves Lacoste “não tinha ideia da importância dele no Brasil, sobretudo, a partir de seu livro, *A Geografia Serve...*”, livro que foi tão influente na evolução da geografia brasileira, primeiro na forma de uma edição pirata (sob o regime militar), e em seguida abertamente, após o retorno da democracia.

Com Paul Claval, cuja cooperação com o Brasil foi – e ainda é – importante, se impõe uma conclusão, que se torna mais forte ainda considerando que a sua participação ocorreu um pouco tarde no período, quando a geografia brasileira já estava bem consolidada: “A relação que tive com colegas brasileiros foi sempre para mim interessante e tenho a impressão de estar num terreno onde falo para iguais.”

Michel Rochefort chega a uma conclusão similar: “houve uma renovação da geografia francesa e há uma bela fase da geografia brasileira e elas são capazes de se aproximar, mas, agora são relações adultas. Mas o mais notável é que essa análise vem depois de ele ter acompanhado uma mudança significativa, que observou desde a década de 1950 (no momento da entrevista, ele tinha passado 27 temporadas no Brasil):

Houve a fase infantil quando o Brasil se formou pelos mestres franceses; houve a fase da adolescência quando a geografia brasileira rejeitou os pais e, enfim, agora, tem relações adultas quando se discute, se troca, mas não há qualquer supremacia de uma sobre a outra.

Michel Rochefort faz, porém, uma leve crítica aos colegas brasileiros, que ainda não se atreviam no momento da entrevista – e ainda é verdade hoje em grande parte – a ir além dos limites de seu país para estudar países vizinhos ou mais distantes, o que os impediu de tirar pleno partido da cooperação com os geógrafos franceses, que uma longa história preparou para analisar sem complexos os países estrangeiros, e a fazer comparações entre eles: “o Brasil se fechou na geografia brasileira [quando as] abordagens que os franceses podem fazer é uma abordagem de comparação.”

No total, José Borzacchiello da Silva faz uma avaliação diferenciada da influência francesa na geografia brasileira: “dentro os estrangeiros, não resta a menor dúvida que, no Brasil, os franceses ocuparam e ocupam papel destacado” [...]

durou mais de meio século o mito em torno da qualidade da geografia francesa. Não importa saber se ele foi elaborado dentro ou fora das fronteiras daquele país. Os professores franceses, especialmente os orientadores de tese e coordenadores de laboratórios foram convidados para vir ao Brasil ministrar cursos, proferir palestras, acompanhar trabalhos de campo ou assessorar grupos de pesquisa ou equipes ministeriais. Apesar do mito e de uma sensível reação da geografia francesa face a geografia germânica, ainda é duvidoso saber se hoje ela ainda estaria habilitada a manter-se em posição confortável como o foi nos anos anteriores.

José Borzacchiello da Silva deixa a porta aberta para futuras discussões, com um claro sentido de otimismo, e uma atitude proativa: “As relações entre os dois países devem ser reforçadas, propiciando a troca recíproca”. Mas esse otimismo e esta vontade de ver se confirmar uma relação mais simétrica, se fundamentam numa confiança – justificada – na maturidade da geografia brasileira, que deverá permitir-lhe agora olhar para

além das suas fronteiras: “cabe à geografia brasileira importante papel na explicação da realidade do país, da América Latina e por que não, do mundo”. Ambição louvável, os geógrafos franceses ficarão felizes e orgulhosos ao acompanhar.

Hervé Théry

Directeur de recherches au CNRS

Professor convidado na USP

APRESENTAÇÃO

As relações entre França e Brasil no âmbito da Geografia sempre despertaram meu interesse. Minha formação profissional tem sido construída com muita aproximação da cultura francesa, especialmente, a geográfica. Este livro resulta de pesquisas desenvolvidas a partir da minha vivência na Universidade de Paris IV-Sorbonne, onde contei com o apoio incondicional do Prof. Paul CLAVAL, profundo conhecedor da geografia francesa, fecundo pesquisador e em constante diálogo com a geografia brasileira. Desfrutar desta diletta companhia e compartilhar de discussões teóricas e metodológicas, foi um privilégio. Tenho prazer de constar na sua relação de amigos.

O estudo de aspectos da geografia francesa, suas escolas e tendências, a criação e difusão de suas linhas de pesquisa pelo mundo, especialmente no Brasil, motivaram uma permanência de dezoito meses em Paris, onde tive amplas oportunidades para aprofundar o objeto de estudo.

Selecionei Cursos e Seminários estabelecendo os seguintes critérios:

- Perceber o nível geral de discussão da Geografia Humana;

- Verificar os cursos e seminários que trabalhavam temas novos e a manter relações com as atividades da Geografia no Brasil;
- Contemplar áreas que possibilitassem desenhar e perceber um amplo espectro das ciências humanas na França.

Entre os critérios gerais, incluí a escolha de instituições para a realização da pesquisa. Elegi o Instituto de Geografia, localizado no 191 da Rue Saint Jacques, que abriga os cursos de Geografia das Universidades de Paris I e IV. O Boletim Intergeo facilitou a pesquisa em seus arquivos sobre as atividades da geografia francesa. A Biblioteca do Instituto de Geografia, da Sorbonne, foi fundamental para o avanço da pesquisa.

Na França contei ainda com a colaboração dos professores Martine Droulers, Michel Rochefort, Jacques Lévy, Yves Lacoste, Marion Aubrée, Alain Touraine, Cornelius Castoriadis e Augustin Berque.

Destaco os diálogos mantidos com Bernard Lepetit, precocemente falecido. Seu interesse pelo tema, aumentou meu compromisso.

Alex Mengue, geógrafo da República de Camarões foi um excelente interlocutor. Compartilhamos ricas e profícuas discussões.

Clélia Lustosa, Vanda Sales e Maria Geralda de Almeida com suas críticas e sugestões permitiram o aprofundamento da pesquisa e o aprimoramento da análise.

A Eustógio Dantas, parceiro de tantas jornadas, meu agradecimento pela insistência na publicação do livro.

Aos meus colegas do Departamento de Geografia da UFC, especialmente os do Programa de Pós-Graduação, pelo estímulo

constante e pelo enfrentamento dos desafios, e do Observatório das Metrôpoles.

Aos meus orientandos, pela interlocução científica e pela convivência agradável e jovial.

Ao Prof. Hervé Théry, agradeço a gentileza da apresentação do livro.

Emília, minha mulher , companheira de todas as horas, participou ativamente nos momentos da pesquisa e na elaboração do livro.

Ao CNPq que financiou a pesquisa.

À Editora da UFC e a todos que colaboraram direta ou indiretamente, o meu muito obrigado.

1

INTRODUÇÃO

Debruçado sobre imagens de satélite é possível ao observador ver, perceber e representar a terra em sua totalidade finita contida na esfericidade de uma de suas faces (PINCHEMEL).¹ Essas imagens, reais hoje, constituíam, num passado bem recente o virtual, a ficção, o inatingível. Hoje, a partir do avanço tecnológico, pensa-se que tudo é possível. Seria essa promessa de possibilidade o que se poderia chamar de fim da Geografia? Assim, essa ciência clássica se converteria em outro ramo do saber, talvez uma técnica. Enquanto técnica estaria desprovida da preocupação básica que caracteriza a Geografia e sobre a qual se fundamenta: a localização, a descrição e a comparação. Seria o fim de toda possibilidade de descoberta, de observação, de análise? Seria o fim do secretar emoções que torna a geografia uma ciência fascinante? Uma ciência que tem o charme do desvendar, da descoberta, do inusitado, do premeditado, do induzido, enfim, um “algo mais” todo especial que só os que se dedicam a ela com paixão podem sentir, e eu sinto.

¹ PINCHEMEL, P. L. I. A venture géographique de la terre In: _____. *Encyclopedie de geographie*. Paris: Economica, 1992.

Teria se tornado finito todo o desejo secreto da aventura consorciada aos pressupostos científicos?

A história da Geografia tem sido construída desde seus primórdios, e permanece, ainda hoje, como grande motivadora de seus adeptos, o sentido da ousadia, da afronta, no desvendamento das relações Sociedade e Natureza.

Cartas geográficas, atlas, globos terrestres, fatos, fotos, realidades processos, imagens de satélites fascinam o observador. Se for geógrafo, esse fascínio parece maior. São profissionais que trabalham em várias escalas. Em suas observações e análises tentam dominar e comandar o mundo quando alcançam, em termos de produção e reprodução de imagens, redutibilidades extraordinárias. Estaria sendo atingida a tão propalada síntese. Essa totalidade simbiótica de Natureza e Sociedade seria, no âmbito da observação e representação, a possibilidade de conhecimento e de controle. A natureza mesclada com sociedade mostra-se aí adestrável, estática, indolente, domável e controlável.

Essa realidade não reduz a geografia à representação e à observação, mas, sem dúvida, guarda toda uma historicidade, todo um processo em que inquietante busca impulsionou a humanidade em todas as direções. Singrando mares, galgando montanhas, atravessando desertos, penetrando florestas... . Num longo processo, lenta, lentamente, o mundo tornava-se dialeticamente viável, em âmbito dos macroespaços e impunha um rigor ótico ao nível dos microespaços desconhecidos.

A ciência geográfica tratando de escalas tão diferentes, tem feito um longo percurso.

Inserida nesse processo, a Geografia teve sua gênese, sua evolução, suas angústias, dúvidas e inquietações. Qualquer tentativa de reconstituir a história do pensamento geográfico pode significar passar ao largo de sua discussão epistemológica que lhe dá suporte e lhe garante o estatuto de ciência.

No contexto da história da ciência, quando busca a origem e evolução de um ramo do saber, constrói-se a história do conhecimento. A produção dessa história, seu teor narrativo, suas implicações políticas estarão diretamente ligadas, imbricadas com o seu narrador. Uma história depende de quem a conta.

Gramsci, a propósito da relação entre ciência e concepção de mundo, afirma:

Colocar a ciência na base da vida, fazer da ciência a concepção do mundo por excelência, a que liberta os olhos de qualquer ilusão ideológica, que põe o homem em face da realidade tal como ela é, isto significa recair no conceito de que a filosofia da práxis tenha necessidade de sustentáculos filosóficos fora de si mesma. Mas, na realidade, também a ciência é uma superestrutura, uma ideologia. É possível dizer, contudo, que no estudo das superestruturas a ciência ocupa um lugar privilegiado, pelo fato de que a sua reação sobre a natureza tem um caráter particular, de maior extensão e continuidade de desenvolvimento, notadamente após o século XVIII, a partir de quando a ciência seja uma superestrutura, e o que é demonstrado também pelo fato de que ela tenha tido períodos inteiros de eclipse, obscurecida que foi por uma outra ideologia dominante, a religião, que afirmava ter absorvido a própria ciência. Assim, a ciência e a técnica dos árabes eram tidas pelos cristãos como pura baixaria. Além disso, não obstante todos os esforços dos cientistas, a ciência jamais se apresenta como uma noção objetiva. Ela aparece sempre revestida por uma ideologia e, concretamente, a ciência e a união do fato objetivo com uma hipótese, ou um sistema de hipóteses, que superam o mero fato objetivo. (GRAMSCI).²

A Geografia não foge à regra. Enquanto saber científico em seu processo histórico confundiu-se com ideologia, ficou a

² GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p. 70-1.

serviço do poder, revestiu-se de uma visão romântica idealista a partir de valores forjados no ocidente, principalmente na Europa. Com foro de ciência na construção do saber, a Geografia tem sido instrumentalizada o suficiente para dar conta de discursos ideológicos elaborados por diferentes atores sociais.

No acúmulo de experiências da humanidade, a Terra enquanto planeta, aparentemente livre de questões teóricas mais complexas e consequentes, atinge uma mudança radical de sua emblemática, ou seja, da Terra compartimentada, longínqua que separa e isola os indivíduos e sociedades, nas relações com os elementos que a compõem: terra, ar e água - sua forma e distribuição: continente, mares, oceanos e atmosfera, a majestática observação do planeta enquanto totalidade no universo obtida pelas imagens transmitidas pelos satélites.

Da horizontalidade que separa, compartimenta, isola e camufla a visibilidade do planeta reduzindo e criando deformações de perspectiva. A conquista da visão plena obtida nas alturas até a verticalidade das fotografias aéreas do globo, ao universal das imagens transmitidas e retransmitidas diretamente por possantes e complexas aparelhagens desenvolvidas e aperfeiçoadas por uma tecnologia avançada em que a imagem virtual confunde-se com o real.

Ao homem, concebido e aceito como sujeito do planeta é permitido o isolar-se, o colocar-se alheio à Terra como o universo objetivo que lhe é exterior. Esse rompimento de distâncias, essa dinâmica estática que articula sujeitos/atores cada vez mais próximos/distantes em seus lares informatizados nos espaços técnicos, científicos e informacionais (SANTOS).³ Os fluxos e as redes conectam todos os espaços reduzindo-os a imagens observáveis nas telas “mágicas” de TV e dos computadores. Via-

³ SANTOS, M. “Flexibilidade tropical” In: _____. *Arquitetura e urbanismo*, n. 38, out/nov. 91.

gens intermináveis conduzem o sujeito a um universo coletivo onde a interação se dá via redes conectadas.

Hoje, a concepção de mundo distorce os conceitos vigentes de limites, fronteiras e barreiras. As minorias nacionais insistem em institucionalizar seus Estados. Novas formas de federação concentram terras, unem países, experimentam linguagens unificadas nos setores político, econômico e cultural. Ao mesmo tempo, nações e federações se fragmentam instaurando a competição. As guerras e lutas sustentam sonhos, mantêm grupos hegemônicos e fomentam planos de conquistas.

Essa trama do jogo dialético, essa interação em escalas diferenciadas que integram ou alternam macro e micro, afirmação e negação contínua de realidades cambiantes são, em última instância, a razão primeira da geografia. Sua condição científica coloca-a diante do desvelar, do descobrir o mundo em suas partes componentes de um mosaico. As interpretações gerais e regionais as visões centradas em partes do mundo dando origem a políticas de controle e modelagem. Essa fragmentação da totalidade, muitas vezes intencional, justifica a adoção de políticas colonialistas empregadas na gestão do território. Confirmando esta prática calcada em pontos de vista de pessoas abalizadas, os governos centrais elaboraram seus planos de expansão e exploração de terras e povos. Vidal de La Blache, eminente geógrafo francês, teceu a seguinte consideração:

Devemos nos congratular porque a tarefa da colonização que constitui a glória de nossa época seria apenas uma vergonha se a natureza pudesse ter estabelecido limites rígidos, em vez de deixar margem para o trabalho de transformação ou de reconstrução cuja realização está dentro do poder do homem. (VIDAL DE LA BLACHE).⁴

⁴ VIDAL DE LA BLACHE, P. *Géographie Générale. Annales de Géographie*, n. 38, 1989. In: SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978. p.15.

Prosseguindo nessa tônica, com base no mesmo texto, afirma Demangeon:

Nessa África Negra que ainda oferece à colonização europeia um campo maravilhoso (DEMANGEON)⁵

A Geografia Colonial assumiu destaque para o império francês. Enquanto saber acadêmico e disciplina escolar, a geografia vai conhecer na França, um crescimento considerável já no início do século XX. Segundo Droulers (1991)⁶, em 1923, Albert Demangeon e Emmanuel de Martonne fundaram o Instituto de Geografia de Paris que conheceu dias de glória. Os cursos de licenciatura (licence) e agrégation spécialisée en géographie⁷, só foram criados em 1941. Referindo-se à Geografia Colonial, como base da Geografia francesa durante o século XIX, Bruneau (1989)⁸ assim se coloca:

“Sua finalidade era fornecer um conhecimento... aprofundado dos meios e territórios colonizados de sua posição em valor racional.”

Contrapondo-se essa imagem clássica de Geografia, construída a partir de suas visões de mundo, a uma Geografia dos tempos presentes, da pós-modernidade⁹, em que a sua razão

⁵ DEMANGEON, A. *Traite de geographie*. Armand Colin: Paris, 1947 In: SANTOS, M. Op. cit., p. 15.

⁶ DROULERS, M. “L’ocole française de geographie”. In: MONBEIG, Pierre. *Un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, 1991.

⁷ Não chega a ser uma especialização. Trata-se de um concurso publico para recrutamento de professores do ensino secundário.

⁸ BRUNEAU, M. *Les enjeux de la tropicalitt*. Paris: Masson, 1989. In: DROULERS M. Op. cit., p. 35.

⁹ A descrição que Baudrillard faz do espaço americano, como contraponto ao europeu fornece essa ideia de leitura pós-moderna de espaço geográfico. O trecho a seguir sugere essa situação “Os pores-do-sol são arco-íris gigantescos que duram uma hora. As estações ali não têm sentido: a manhã, e a primavera, o meio-dia e o verão, e as noites do deserto são frias sem que jamais seja o inverno. É uma espécie de eternidade suspensa ou o ano que se renova todos os dias” In: BAUDRILLARD, J. “*Amérique*”. Paris: GRASSET/Le Livre de Poche, 1986. p.117.

maior, espaço território/sociedade parece fugir à análise como um punhado de areia a escoar entre os dedos.

A Geografia insiste em buscar sua identidade. A espacialidade do mundo contemporâneo, o caráter de redutibilidade a partir da transformação do real pela imagem, coloca a Geografia em posição incômoda entre as demais ciências humanas.

“Em que espelho ficou perdida a minha face?”. Cecília Meireles no poema “Retrato Natural” (1987)¹⁰ mergulha na trágica constatação da perda de seus traços, aqueles que lhe garantiam a identidade. Em que espelho/imagens a Geografia construiu a sua face, ao menos aquela mais conhecida vulgarmente?

Neste jogo de imagens, reflexos, espelhos, identidades, a Geografia tenta sua sorte, seu caminho. Procura construir um perfil que lhe garanta confiabilidade e permanência. Sua existência repousa na possibilidade de tomar-se, cada vez mais, útil, reflexiva e prática face as mudanças de um novo tempo.

A renovação tecnológica se dá com uma rapidez avassaladora. Grandes grupos econômicos que controlam a criação e produção de inovações colocam-se numa guerra sem igual, rumo aos lucros. Políticas autofágicas são adotadas de tal forma que novos modelos comprometem muitas vezes aqueles colocados à disposição do público há tão pouco tempo. Uma avidez insana do mercado em busca desesperada pelo lucro cerca o homem, convertendo-o em consumidor por toda parte, a todo instante.

Em nome da modernidade, esse processo avança e avança cada vez mais. Não há limite! Formam-se sucatas de produtos praticamente novos, e já ultrapassados por modelos recém-saídos das linhas de produção. Diminui a vida útil dos produ-

¹⁰ MEIRELES, Cecília. “Viagem”. In: MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A., 1987. p. 84.

tos. Para um produto lançado há uma espécie de “morte anunciada”, isto é, um protótipo que, ao contrário da “Anunciação” de Niccolo Pisano (Séc. XVI), prenuncia sua morte. É lamentável, mas essa mudança, essa rapidez, não atinge o mundo sincronicamente. Espaços e tempos diferenciados integram uma lógica onde fome e fartura, doença e bem-estar, déficit e superávit convivem entre outros antípodas de uma simbiose fundada na injustiça e na desigualdade.

Nesse percurso longo e difícil, a Geografia construiu sua história, ganhou notoriedade, respeitabilidade. Houve tempo em que intelectuais reuniam-se em torno de sociedades de Geografia como as de Paris criada em 1821, Berlim em 1828, Londres em 1830. Os ares de cientificidade emprestavam à geografia o charme do método, da teoria, da análise. A base empírica, as expedições, as viagens, os trabalhos de campo, revestem esse setor do conhecimento de mistério; aquele mistério da aventura, do novo, do desbravar o desconhecido. A Geografia ganha peso, mais fôlego. Instrumentalizada, torna-se um saber a serviço do poder (SANTOS, 1978, DRESCH, 1948). Abordando este assunto no contexto da discussão da “utilidade” da Geografia, Lacoste foi enfático:

Colocar para início de conversa que a Geografia serve antes de mais nada, para fazer a guerra não implica dizer que ela só serve para realizar operações militares. Ela serve também para organizar os territórios não somente em previsão de batalhas que poderia livrar contra tal e tal adversário, mas também para melhor controlar os homens sobre os quais o aparelho de Estado exerce sua autoridade. A Geografia é, antes de mais nada, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares[...] LACOSTE (1982).¹¹

¹¹ LACOSTE, Y. *La Géographie, ça sert d'abord, à faire la guerre*. Paris: MASPERO, 1982. p. 7.

Essa pecha, a Geografia carregou por muito tempo ou talvez carregue, ainda. Quaini (1978)¹² denuncia sua inutilidade enquanto conteúdo pedagógico assim como o faz também Lacoste (1982)¹³ quando identifica na Geografia uma “Geografia dos professores” e outra que ele chamou de “Geografia dos Estados Maiores.”

Na busca de legitimidade e aceitação, a geografia conheceu diferentes abordagens. Em algumas, confundia-se com técnicas, como o foi com a New Geography que instaurou no Brasil a conhecida “revolução quantitativa”. Referindo-se a essa fase de implantação afirma Monteiro (1980):¹⁴

Após assessoria prestada por M. Rochefort ao CNG em transformação em 1966, uma das mudanças sensíveis na orientação da nova Fundação IBGE e seu IBG foi uma reabertura da Geografia anglo-saxônica. No limiar dessa faixa de transição à segunda época (1967-1968) deu-se a introdução efetiva das técnicas quantitativas e preocupações “teoréticas” através das visitas de Gauthier, Cole e Berry.

Em outras abordagens, a Geografia consistia mais em método, como o foi no conhecido Método Regional proposto por Hartshorne.¹⁵ Segundo Claval, seria uma espécie de reação a Fred Schaefer que contestava a Geografia como ciência do único no artigo intitulado “O Exceptionalismo em Geografia”. Claval (1976)¹⁶ é categórico:

¹² QUAINI, M. *Marxismo e geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

¹³ LACOSTE, Y. *La Géographie, ça sert d'abord, à faire la guerre*, 1982. 235 P.

¹⁴ MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. Universidade de São Paulo-USP, 1980. p. 27.

¹⁵ HARTSHORNE, R. The nature of Geography. *Annals Association of American Geographers* XXIX, 1939.

¹⁶ CLAVAL, P. Essai sur L'Evolution de la Géographie Humaine” *Annales Littéraires de L'Université de Besançon*. Paris: Les Belles Lettres, 1976. p. 185.

Assim, o artigo de SCHAEFER está indiretamente na origem da publicação de 'Perspective on the Nature of Geography', e esta obra é além de uma consideração, uma resposta de Schaefer, um contra-manifesto.

Sua abordagem enquanto escola adquiriu feições de geografia voltada para determinados modelos nacionais. Em decorrência, a caracterização de uma Escola alemã, uma francesa, sueca etc.

A aceitação imediata da existência de uma escola nacional pode configurar em muitos casos um reducionismo. Uma análise mais acurada daquilo que se convencionou chamar de escola pode revelar na verdade tratar-se de grupos mais ou menos definidos, diferenciados e que, em muitos casos, se opõem. Entretanto, o que dá visibilidade e caracteriza ou configura a escola e aquele grupo unido em torno de determinados princípios ou doutrinas. Para fins de análise nessa pesquisa, tratamos por escola o conjunto nacional e tentamos verificar se a Geografia brasileira já se constitui ou se configura como escola.

Segundo Capel (1999)

a existência de uma comunidade científica especializada modela o pensamento de seus integrantes e, com o tempo, origina o que se tem denominado *estilos de pensamento*, que determinam a eleição dos problemas científicos, as perguntas que são feitas, guiam as observações, estabelecem as regras para se trabalhar e ainda predeterminam o vocabulário que se há de utilizar. O que em muitas disciplinas científicas se denominou de ponto de vista, talvez não seja mais que uma aplicação do estilo próprio de pensar da comunidade. (CAPEL, 1999).¹⁷

¹⁷ CAPEL, Horácio. *O nascimento da ciência moderna e a América*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999. p. 20 e 21.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do trabalho e a realidade desnudam a questão e colocam em evidência a mescla de princípios, conceitos e métodos em termos globais, o que dificulta a construção e definição de identidades localizadas. A mundialização da economia, as megacidades, a revolução nos transportes e nas comunicações, as mais variadas formas de linguagens mesclam e imbricam as ideias, dificultando ao analista a elaboração de atestados de originalidade. O mercado editorial distribui seus catálogos mundialmente, as universidades se cruzam por meio dos programas de intercâmbio. O computador conecta e interage em sistemas específicos organizados em forma de redes. Sociedade, paisagem, ambiente, espaço e território circulam nas telas de cinema. Não obstante, sabe-se que nas relações sociais de produção que estruturam e dinamizam o mercado, o sistema de trocas, de intercâmbio geram uma situação de desigualdade, de excludência.

O Brasil e os demais países periféricos ficam contidos no quadro da porção dos excluídos, com sérias dificuldades de projetar sua forma de conceber a ciência e, em caso específico, a Geografia. E, como em outros países, não existe a princípio, uma única escola. Mesmo no interior das universidades localizam-se grupos de afinidades que se contrapõem quanto às suas concepções, doutrinas, princípios e bases filosóficas sustentadoras de suas posições no contexto da ciência geográfica.

Neste livro, considero enquanto escola brasileira, o conjunto de conhecimento sistematizado, conhecido e identificado como Geografia.

Esse saber produzido no Brasil acaba muitas vezes reduzindo suas fronteiras, como se uma geografia brasileira só fosse capaz de gerar um saber interpretativo da realidade interna do país.

O Instituto de Geografia, em Paris, foi o local privilegiado dos geógrafos. A complementação da pesquisa foi realizada

na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), instituição que desfruta de grande prestígio internacional, por reunir em seu interior, profissionais de todas as áreas das Ciências Humanas e, no IHEAL, Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine. Paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa e frequência aos cursos, integramos dois grupos que reúnem pesquisadores franceses e brasileiros voltados para a organização de seminários e discussões em torno da realidade brasileira.

- GRUPO BRASIL, tinha como animadores os geógrafos Martine DROULERS e Bernard BRET do quadro do CREDAL (Centre de Recherche et de Documentation sur l'Amérique Latine), URA do CNRS, associado ao Institut des Hautes Etudes de L'Amérique Latine.
- GROUPE DE REFLEXION SUR LE BRESIL CONTEMPORAIN, tinha como animadores os professores Ignacy SACHS e Marion AUBREE do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain da Maison de Sciences de L'Homme.

O triângulo constituído pelos Institut de Géographie, Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine e École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, da Maison de Sciences de l'Homme propiciou uma rara oportunidade de poder **olhar, comparar e questionar** o estado da arte da Geografia francesa e suas repercussões no Brasil. Inserida no contexto histórico de relações mantidas entre os dois países, a pesquisa foi adquirindo mais nitidez. Permitiu traçar um percurso da geografia brasileira, em particular o retorno às suas origens. Recuperar a partir dos primeiros contatos acadêmicos estabelecidos entre os dois países no período a partir do levantamento da produção cientí-

fica de brasileiros na França e de franceses que elegeram o Brasil como tema e campo de pesquisa.

Estudar a formação de uma geografia nacional advinda das relações estabelecidas entre a França e o Brasil permitia apreender o nível de envolvimento de geógrafos dos dois países, identificando momentos diferenciados de acordo com suas conjunturas. Na pretensão de construir um perfil da geografia brasileira, consoante as influências da escola geográfica francesa permitiu: enumerar os geógrafos daquele país que trabalharam sobre o Brasil ou que influenciaram a geografia brasileira, por meio da orientação de teses, edição de livros, textos ou outra atividade; verificar em termos analíticos os momentos de pico dessas influências; relacionar aspectos da história de vida desses profissionais com o tipo de influência exercida na geografia brasileira; mapear no espaço brasileiro as áreas que foram mais estudadas e quais foram os centros que estabeleceram maior intercâmbio geográfico com universidades francesas; localizar na França, quais as cidades/universidades que mais influenciaram a geografia brasileira; situar na França que cidades/universidades receberam maior quantidade de pesquisadores brasileiros na área de Geografia; listar as principais linhas de pesquisas brasileiras que guardam ligação estreita com a França; identificar a partir dos títulos das pesquisas realizadas por franceses no Brasil o nível de inovação quanto ao enfoque teórico-conceitual e metodológico; verificar em que medida ocorre a inserção e assimilação dessas inovações em termos de Brasil.

A definição dos procedimentos metodológicos e a abrangência da pesquisa, dado ao seu caráter histórico-analítico exigiu o levantamento de fontes primárias e secundárias, entrevistas, e a elaboração de quadros e tabelas.

A fonte privilegiada de pesquisa primária foi a série de 104 volumes do *Bulletin Intergeo*, publicado desde 1966, pelo

CNRS (Conselho Nacional de Pesquisa Científica), que registra os principais aspectos do desenvolvimento e da prática da geografia francesa. A estrutura da pesquisa atende satisfatoriamente as perguntas que a nortearam. O Intergeo contempla aspectos da formação de quadros, publica listas de professores e pesquisadores das universidades francesas. Informa sobre os eventos mais importantes da comunidade geográfica daquele país. Fornece com detalhes a posição de teses em geografia na França em vários períodos, publicação e/ou defesa de teses, bem como, o quadro de previsão de futuras defesas. Contar com essas informações significa ter a possibilidade de conhecer em termos evolutivos a expressão da geografia francesa, identificar seus principais produtores e divulgadores nesse período. Outro aspecto interessante foi a possibilidade de se verificar a evolução de temáticas, relacionando os assuntos pesquisados pelos brasileiros com dados da realidade do país. A consulta minuciosa dos 104 volumes do INTERGEO, seguida de registros dos dados necessários foi complementada por levantamentos em fonte secundária capazes de cobrir o período de 1934 a 1966. A aplicação de entrevistas junto a professores, técnicos e administradores forneceram as demais informações para o preenchimento de nosso quadro de referências.

O levantamento forneceu-nos a listagem dos professores e pesquisadores franceses que estudaram ou trabalharam no Brasil. Permitiu identificar, de imediato, os centros franceses geradores de pesquisa sobre o país.

As temáticas principais relacionadas com as mudanças sofridas na espacialidade brasileira, revelaram a constante tentativa de atualização da geografia francesa, como importante campo do conhecimento.

Os temas da atualidade e o surgimento e aplicação de novos conceitos revelam um período de grande efervescência

da geografia quando os termos espaço, organização, “aménagement”, território, meio, “médience” etc., assumem destaque na produção geográfica do país e são logo incorporados pela geografia que está se construindo no exterior. A comunidade organizada em torno de uma escola teria um forte poder direcionador de se pensar a ciência a partir de sua organização e de seus pressupostos. Para Bailly e Ferras (1997)¹⁸, a epistemologia em seu sentido etimológico é abordada como teoria da ciência, como dinâmica de um pensamento e de um discurso científico. A epistemologia visa ainda três objetivos: um objetivo de conhecimento do pensamento dominante, ou seja, a pesquisa da problemática ou dos problemas maiores; um objetivo metodológico para entender as modalidades de aquisição e de organização de conhecimentos que serão utilizados; um objetivo de clarear as providências para a organização do pensamento, indo da coleta de dados aos procedimentos de controle dos resultados.

A epistemologia adquiriu seu estatuto científico na linha da filosofia das ciências, a partir das obras de Descartes, *Discurso do Método*, de 1637 e *Ensaio sobre a filosofia das ciências* de Ampère, de 1860.

No Brasil, o tema da epistemologia da geografia adquiriu maior vigor a partir de 1978. Milton Santos foi pioneiro com seu livro *Por uma geografia nova* (1978), em que afirma:

[...] desde a fundação do que historicamente se chama geografia científica, no fim do século XIX, jamais nos foi possível construir um conjunto de proposições baseados num sistema comum e entrelaçado por uma lógica interna. Se a geografia não foi capaz de ultrapassar esta deficiência, é porque esteve sempre muito mais preocupada com uma discussão narcísica em torno da geografia como disciplina ao invés de preocupar-

¹⁸ BAILLY, A. e FERRAS, R. *Éléments d'épistémologie de la géographie*. Paris: Armand Collin, 1997. p. 6.

-se com a geografia como objeto. Sempre, e ainda hoje, se discute muito mais sobre a geografia do que sobre o espaço, que é o objeto da ciência geográfica.¹⁹

Quanto à produção de brasileiros na França, o levantamento evidenciou as áreas mais estudadas, as Universidades mais solicitadas e os orientadores mais procurados no período pesquisado. Lamentavelmente, os dados fornecidos pelo Boletim Intergêo não são precisos quanto ao ano de defesa da tese dos inscritos em programas de pós-graduação e não indicam a área de conhecimento desses estudantes.

Esse último aspecto impediu comparações entre o número de geógrafos e o de outros profissionais brasileiros que realizaram suas teses na França.

As viagens de estudo de franceses ao Brasil foi outro tema enfocado na pesquisa. Há um período em que é frequente a presença de estudiosos franceses no Brasil. .

Quanto à ida a França de pesquisadores ou professores brasileiros da área de geografia como convidados daquele país, a pesquisa registra um tratamento deveras desigual como já o era esperado em intercâmbios dessa natureza. O IHEAL - Instituto de Altos Estudos para a América Latina, é o centro de estudos e pesquisa que mais atraiu estudiosos brasileiros, num momento de forte interesse da França em estudar e compreender o Brasil.

O exame da listagem de cursos oferecidos pelas universidades francesas, permitiu perceber a natureza dos temas relacionados e determinados professores. Esse levantamento comprovou um acentuado interesse por temas ligados ao desenvolvimento, como crescimento demográfico, Terceiro Mundo etc.

O material obtido com a aplicação de entrevistas revelou-se valiosa fonte para a compreensão da presença do pensamen-

¹⁹ SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: HUCITEC, 1978. p. 2.

to francês na geografia brasileira. Do universo de professores e pesquisadores franceses que, de alguma maneira, exerceram influência na geografia brasileira, selecionamos alguns professores que ministraram curso ou desenvolveram pesquisa no Brasil; professores que orientaram teses de brasileiros na França; autores de livros e textos geográficos que influenciaram o pensamento geográfico brasileiro independentemente de conhecerem ou não o país.

O roteiro de entrevista foi o mesmo do questionário enviado por carta aos professores selecionados. Em alguns casos, conforme a natureza do entrevistado, houve ajustes buscando-se apreender ao máximo as contribuições capazes de responder às indagações que norteavam a pesquisa.

No seu todo, o material obtido durante a pesquisa possibilitou uma visão ampla da presença do pensamento francês na geografia brasileira e forneceu pistas para a elaboração da presente investigação.

Dentre os professores brasileiros foram entrevistados: Milton SANTOS e Pedro Pinchas GEIGER, que muito contribuíram para a recuperação de informações sobre as relações França e Brasil, no período anterior a 1966, início de registro do boletim INTERGEO.

Hoje, é bem maior o interesse que a França tem pelo Brasil. Há uma renovação do quadro de professores e pesquisadores interessados pelo estudo e compreensão do país. É evidente que houve uma mudança de atitude. O Brasil dos anos 1990 guarda poucos vestígios daquele país que foi conhecido pelos expoentes da geografia francesa. O XVIII Congresso da União Geográfica Internacional, realizado em 1956, no Rio de Janeiro, foi o evento que marcou de vez a geografia brasileira. Foi a maior mostra da capacidade de ler e interpretar os fatos de natureza geográfica, a partir da realidade brasileira. Rigorosa na teoria e no método, a

geografia brasileira mostrou-se vigorosa, com formidável apoio oficial, no caso, do IBGE. Os estrangeiros que visitaram as instalações do Conselho Nacional de Geografia, nesse ano, ficaram impressionados com a dinâmica e diversidade da produção geográfica brasileira. O evento foi marcante:

Pela primeira vez a U.G.I. promovia um colóquio mundial no hemisfério sul, e que atraiu uma delegação francesa constituída de geógrafos da primeira linha tendo na linha de frente Maximilien SORRE.²⁰

Além das atividades desenvolvidas, foram preparadas dezoito excursões atravessando vasta extensão do território brasileiro, sendo uma antes e outra depois do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Os Guias para as excursões abarcavam os aspectos geográficos mais importantes das regiões visitadas. Foram todos publicados pelo Conselho Nacional de Geografia. Para sua confecção, foram reunidos profissionais de primeira linha que garantiram o sucesso do evento. A versão em português começou a ser editada em 1957. As excursões com seus Guias correspondentes foram as seguintes: 1) Planalto Centro-Ocidental e Pantanal Mato-Grossense, de Fernando F. M. de Almeida e Miguel Alves de Lima (1959); 2) Zona Metalúrgica de Minas Gerais e Vale do Rio Doce, de Ney Strauch (1958); 3) A marcha do Café e as Frentes Pioneiras, de Ary França (1960); 4) Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo, de Aziz Nacib Ab'Saber e Nilo Bernardes (1958); 5) Planície Litorânea e Região Açucareira do Estado do Rio de Janeiro, de Lysia Maria Cavalcanti Bernardes (1957); 6) Bahia, de Alfredo José Porto Domingues e Elza Coelho de Souza Keller (1958);

²⁰ VALVERDE, Orlando. La Coopération française dans la géographie bresilienne. In: FRANCE - BRESIL, VINGT ANS DE COOPERATION. CARDOSO, Luiz Claudio e MARTINIÈRE, Guy, Paris: IHEAL/PUG, Paris/Grenoble, 1984. p. 83.

7) Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba, de Mario Lacerda de Melo (1958); 8) Amazônia, de Lúcio de Castro Soares (1963); 9) Planalto Meridional do Brasil, de Orlando Valverde (1957). Foram publicados durante o evento, em inglês e francês, constituindo uma das melhores mostras da capacidade brasileira de produzir geografia na segunda metade do século XX, quando eram poucos os cursos de graduação em geografia no país. A delegação francesa era a maior.

Se hoje é bem maior o interesse da França pelo Brasil, a reciprocidade não é perfeita. A França permanece como um dos países mais procurados pelos brasileiros para realizarem seus cursos de pós-graduação. É razoável o número de brasileiros matriculados nos cursos daquele país. Também é relevante a tradução de textos e publicação de autores franceses no Brasil.

Buscando diferentes caminhos e vivendo realidades distintas, a situação da geografia nos dois países impõe novos elementos de reflexão. A França, passada a grande crise teórica pós-marxista, a situação do Leste Europeu e a construção de uma Europa federativa, volta-se também para uma geografia europeia, buscando compreender temas que não foram estudados. As geografias de recorte nacional adquirem novos contornos com o novo desenho da Europa. A Comunidade Europeia e a Europa num sentido mais amplo têm impelido com maior afinco a geografia francesa à compreensão da nova configuração do continente. Essa postura não invalida sua prática tradicional - a França e o Mundo, lendo-se como Mundo a África Negra, o Maghreb, a América Latina e o Sudeste Asiático.

O Brasil, por sua vez, na busca de afirmação de uma geografia nacional, depara-se com uma profunda e longa crise que impõe a busca de novos referenciais capazes de explicar essa realidade. Essa diferença de postura e interesse inseridos num contexto histórico, coloca em evidência as geografias dos dois países.

A Geografia francesa goza de grande prestígio e reconhecimento internacional. Entretanto, viveu seus “anos dourados” desde o início do século, alcançando o apogeu nas décadas de cinquenta e sessenta do século vinte. O Brasil, mesmo tendo conhecido a influência de outras escolas geográficas como a americana, a alemã, a inglesa, firmou-se, na verdade, como um país sob forte influência da Geografia francesa.

A criação do curso superior de Geografia no Brasil, na USP – Universidade de São Paulo – no mesmo ano em que se criava aquela Universidade – 1934 – propiciou a formação de quadros nacionais que aos poucos foram auxiliando e substituindo os mestres estrangeiros ao término de suas atividades no país.

Aos poucos, o Brasil busca sua autonomia por meio da criação de novos cursos de Geografia (Rio de Janeiro, em 1935) e criação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1937. O IBGE desempenhou um papel fundamental para delimitação, conformação e compreensão da realidade espacial brasileira. Foi o órgão que formou várias gerações de geógrafos de excelente qualidade técnica, constituindo-se uma das principais “escolas” de geografia do país.

A pesquisa mostra com maior nitidez o percurso da geografia brasileira. A volta às origens, a leitura de relatos de viagens, o acesso a uma vasta bibliografia e a realização de várias entrevistas e contatos com professores e pesquisadores que exerceram influência no pensamento geográfico brasileiro foram, em suma, reveladores.

Desnecessário falar da importância atribuída à produção científica francesa e do processo de maturidade alcançado pelos intelectuais brasileiros. Sergio MICELI, no seu livro *Les Intellectuels et le Pouvoir au Brésil*, assim comenta essa questão:

A emergência desta categoria particular de intelectual que é o pesquisador profissional firmou-se, na América Latina, após a Segunda Guerra mundial e, sobretudo, nos anos 1960. O nascimento do pesquisador como também do universitário é, pois, particularmente recente. No máximo uma geração. O papel jogado por esta primeira geração de pesquisadores, nascidos entre 1945 e 1960, modificou consideravelmente as relações estabelecidas nos anos 1920/1945 entre os intelectuais e a pesquisa científica de uma parte, os intelectuais e o poder de outra. A análise de questões colocadas por esses novos intelectuais para compreender as grandes transformações que suas sociedades conheceram nestes últimos trinta anos, apareceu como uma pedra de toque de projetos de estabelecimentos de uma nova pesquisa em cooperação entre a França e a América Latina.²¹

A afirmativa é verdadeira no caso brasileiro. É inegável a qualidade de nossos profissionais, como o é também, o peso intelectual que eles passaram a exercer na tomada de decisão de importantes políticas públicas brasileiras. No caso específico dos geógrafos, é representativo o reconhecimento que eles conquistam. Além da qualidade, expressa em seus postos de trabalho, vários geógrafos brasileiros alcançaram reputação internacional. Entretanto, mesmo conhecendo e reconhecendo essa qualidade, ficava evidente a supremacia da geografia francesa. Os aspectos ligados a qualidade, o estabelecimento de vínculos entre a França e o Brasil firmaram-se de tal forma que tornou quase constante a presença de franceses no Brasil e de brasileiros na França.

A relação estabelecida entre os profissionais dos dois países não era marcada pela simetria, ao contrário, a tradição acadê-

²¹ MICELI, Sérgio. *Les intellectuels et le pouvoir au Brésil (1920/1945)*. Paris: Ed. de la Maison de Sciences de l'Homme, 1981. In: CHOCCOL, J. e MARTINIERE, G. *L'Amérique Latine et le latino-americanisme en France*. Paris: L'Harmattan, 1985. p. 28-30.

mica francesa associada a longo período de aplicação de teorias e métodos em sua ação expansionista, garantia um caráter universal, até então desconhecido pela geografia feita no Brasil. Aqui os franceses fazem suas pesquisas e no passado muito contribuíram para que se fizesse a leitura geográfica do país, vislumbrando um projeto nacional a partir da ótica deles. Na França, o brasileiro enquanto profissional situava-se, predominantemente, na condição de aprendiz da fundamentação teórica e metodológica norteadora daquela escola geográfica com suas diversas correntes. Poucos foram os casos de brasileiros que exerceram o magistério na França, e, quando o fizeram, era majoritariamente para falar de Brasil, do mundo tropical, de Amazônia ou Nordeste. Raros são os casos dos que ensinam ou ensinaram temas gerais ou europeus para os franceses.

Pesquisa realizada pela CAPES e CNPq, em 1992, junto a 635 estudantes brasileiros na França e respondida por cerca de 50% deles, a partir de questionários destinados a avaliação pessoal apresentou, dentre outros, os seguintes resultados: os bolsistas classificaram a orientação recebida como fraca (28%), boa (43.6%) e ótima (45.2%). Quanto ao interesse do orientador no tópico de pesquisa do bolsista, 20% consideraram-no normal, 32.5% grande e 45.2%, muito grande. Na mesma pesquisa, 92% dos entrevistados, acharam o nível do corpo docente bom ou excelente, e 94.7% julgaram ser bom ou excelente o nível das pesquisas realizadas em seus departamentos. Quanto aos orientadores, 91.7% os recomendam, indicando também para 92.7%, os seus departamentos de estudos a outros bolsistas brasileiros.²²

Não temos dados específicos para bolsistas da área de Geografia. Os resultados, entretanto, revelam certa uniformi-

²² Publicado pelo *Nouvelles APEB, Informativo da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França*, n. 7 dez. 1992, Paris.

dade se for considerada a diversidade de áreas representadas nas respostas.

A pesquisa de antemão desperta novos interesses, exigindo desdobramentos inclusive aqueles pertinentes ao retorno dos estudantes e profissionais que optam pela França para realizar seus estudos de pós-graduação. Os dados da pesquisa realizada pela CAPES e pelo CNPq aguçam a curiosidade científica e constituem um incentivo ao prosseguimento, agora com outra abordagem e outras características, bem como novos objetivos e aspectos do percurso das relações França-Brasil.

O novo percurso significa apreender com a maior nitidez possível, para fins de análise, a condição profissional em Geografia no Brasil, ou seja, ao voltar ao Brasil, qual a contribuição do profissional que fora, anteriormente, bolsista na França? A análise de temporalidades diferentes calcadas no antes e depois da permanência na França surge como uma espécie de apreciação sobre o desempenho de representantes da categoria dos geógrafos atuando na condição de técnico ou de professor após sua volta ao Brasil. Os questionamentos norteadores foram os seguintes:

- Esses profissionais apresentaram mudança substancial na sua prática profissional após sua permanência na França?.
- Exerceram/exercem função inovadora na produção geográfica brasileira?
- Assumiram cargos expressivos em diferentes órgãos de gestão administrativa pública ou privada no país?
- Têm tido forte ingerência em políticas públicas?

Constatou-se que parte da liderança intelectual dos profissionais da área de geografia repousa sobre aqueles que tiveram sua formação doutoral no exterior. No caso francês, é muito evidente. Todo esse quadro engendrou a necessidade de se repen-

sar a Geografia brasileira, buscar compreender em que consiste a sua essência, e quais são suas novas possibilidades. O livro resgata o conhecimento sobre as origens e caminhos da geografia brasileira, no que se relaciona com a influência exercida pelos franceses. A tese em si não esgota o assunto, mas permite aprofundar o conhecimento em torno das relações entre os dois países a partir da geografia. Com certeza, ela responde de imediato às indagações e pressupostos norteadores iniciais da pesquisa.

Sabemos que a conjuntura dos últimos anos delinea novos blocos de poder, altera o mapa do mundo e estabelece novas relações. Nesse contexto, antigas e novas parcerias mantidas pelo Brasil com os chamados países centrais exigem interpretações mais acuradas que permitam verificar o desempenho de setores profissionais no país, bem como avaliar a performance de um setor do conhecimento científico do país.

A Geografia francesa firmou-se a partir da empreitada colonial estabelecida por aquele país. Num outro contexto histórico expandiu-se sob o rótulo de Geografia Tropical como desdobramento da Geografia colonial e, mais tarde, ajustando-se ao quadro resultante da 2ª Grande Guerra, converte-se numa Geografia Terceiro-Mundista. Hoje, a realidade mostra um mundo integrado pelo mercado. Considerando essa nova realidade, pergunta-se até que ponto a Geografia francesa tem gerado conhecimento capaz de explicá-la?

O Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, inscreveu-se entre os países com possibilidades de desenvolvimento, conhecido como tardio. Na década de sessenta do século passado, após o golpe militar, o processo de modernização implicou na busca de modelos matemáticos neopositivistas, tidos como capazes de explicar a realidade social do país. A geografia, sintonizada com a experiência que o Brasil atravessava com crescimento econômico e grandes obras de infraestrutura, exerceu

destacado papel naquele momento. A ciência geográfica buscou nos métodos quantitativos, as fórmulas possíveis de oferecer explicações espaciais e resultados esperados. Viveu, naquele momento, situação de ruptura parcial com a geografia francesa de corte mais clássico, pautada no ideário do arranjo e organização espacial. Esta prática dominante de parcela da geografia oficial, atendia aos interesses do governo militar e da elite burocrática que se instalara no país. Por outro lado, as esquerdas, com apoio da Igreja e de outras instituições não oficiais, buscam referências teóricas capazes de sustentar suas utopias de realidade e propostas partidárias.

A geografia pós-78, por meio de parte significativa da categoria dos geógrafos, dentre aqueles mais atuantes, tendo à frente a AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros), encontra, na escassa literatura de fundamento marxista, elementos para a reorganização da ciência. O movimento denominado Fortaleza 1978 foi um divisor de opiniões e posturas no modo de conceber, ensinar e aplicar a geografia no país. Inconformados com a estrutura hierárquica da AGB, vários estudantes e geógrafos propuseram outros rumos à Assembleia Geral, realizada no término do 3º Encontro Nacional de Geógrafos. Os conflitos não foram facilmente resolvidos, quiçá, jamais resolvidos. De concreto, aconteceu um movimento de renovação da geografia marcado pelo lançamento de livros, edição de artigos de teor marxista, com forte conteúdo social, exigindo uma postura dos profissionais geógrafos diante da realidade. O Pós-78 significou um rearranjo no mapa da produção geográfica do país, inseriu novos personagens em cena, sacralizou uns e satanizou outros.

Neste quadro, Yves Lacoste, através de seu livro *La géographie ça sert d'abord a faire la guerre*²³, torna-se como uma espécie

²³ LACOSTE, Y. *O livro era divulgado informalmente em cópias feitas a partir da versão em português*. Publicada em Portugal.

de “guru” de toda uma geração de geógrafos brasileiros. A situação decorrente desta mudança radical na geografia brasileira exige um balanço do desenvolvimento da geografia nesse período via análise das relações entre os dois países. A pergunta que ficou foi se teriam os brasileiros produzido teses de teor marxista em programas de pós-graduação realizado na França ou se haveria uma geografia marxista naquele país quando da publicação do livro?

A prática colonial, característica da Geografia francesa, uma espécie de marca registrada, transformou-a num dos últimos ramos das ciências humanas a sofrer efeitos dos fundamentos teóricos de origem marxista. A crise do marxismo dos anos 1980 impôs a busca de novos paradigmas. A geografia francesa teria encontrado no marxismo novos caminhos ou a publicação do livro de Lacoste, não estaria inserida num contexto mais amplo com possibilidades de explicação da realidade daquele país.

A afirmação da geografia francesa em forma de ciência e conteúdo pedagógico resultou na criação de cursos de geografia em vários centros universitários. Esta expansão promoveu o surgimento de centros especializados, como por exemplo: Grenoble (Geografia Alpina); Brest (Geografia da Pesca e do Mar); Montpellier (Geografia do Magheb); Bordeaux (Geografia do Mundo Tropical) etc. A dispersão e a especialização de centros de ensino e pesquisa provocaram grandes mudanças na geografia francesa.

Com relação aos geógrafos e suas áreas de especialização, denota-se uma espécie de recortes de especialização, muitas vezes coincidentes com os recortes de um país ou conjunto de países. Na América Latina se traduz em Argentina com domínio sobre a referência de Pierre Denis; Brasil com as figuras basilares de Pierre MONBEIG e Pierre DEFFONTAINES; México com

Claude BATAILLON, Peru com Claude COLIN-DELA VAUD, entre outros.

Os discípulos desses mestres continuaram e continuam trabalhando sobre as abordagens fundadas em suas formulações iniciais, fazendo os ajustes que se tornam necessários. Muitos deles elegeram, a exemplo de seus mestres, aqueles países como áreas preferenciais de pesquisa. No caso brasileiro, é visível a diminuição em termos de área da abrangência da pesquisa. É compreensível a mudança ocorrida no país e o aumento do nível de complexidade exigido por cada pesquisador. Isto quer dizer que Hervé Théry pesquisou Rondônia; Yves Leloup, Minas Gerais; Raymond Pebayle, o Rio Grande do Sul, Martine Droulers, o Maranhão etc. Ao contrário de seus mestres que realizaram abordagens mais gerais sobre o país, estes fizeram estudos completos em ambientes rural e urbano.

Outra evidência é a redução do número de pesquisadores vinculados ao Brasil e outros países da América Latina. Esta redução estaria indicando o alcance de certa autonomia, quando relacionada com a análise da realidade brasileira. Seria isso, se não, indica que a América Latina teria deixado de ser centro de interesse para a Geografia francesa. Hoje, os geógrafos franceses presentes em missão ao Brasil, são ligados, majoritariamente a órgãos de pesquisa, independentemente de universidades.

A geografia francesa das últimas décadas mudou de foco, voltando-se para um debate mais amplo capaz de inseri-la com maior consistência nos meios acadêmicos. Entre os geógrafos, alguns mais experientes gozam de muito prestígio. Entre os mais novos, vários ensaiam novas formulações. O antigo Grupo RECLUS, de Montpellier, em que a M.G.M (Maison de la Géographie de Montpellier), foi fonte de inovação da geografia francesa e referência para o mundo, sua análise muda totalmente de eixo, ajusta-se às novas linguagens informacionais, convertendo-se

em inovação na representação cartográfica e na análise geográfica de maior complexidade.

Mediante os vínculos da geografia brasileira com a geografia francesa, vários integrantes das novas correntes dominantes no Brasil colocaram em dúvida a tradicional filiação.

Tendo exercido grande influência na formação técnico-científica brasileira a geografia francesa contribuiu em vários programas e ações no país, ocasionando uma ampla divulgação e assimilação de novos conceitos como: “aménagement du territoire”, “ville-moyenne”, “métropole d’équilibre”, “technopole”, etc.. Hoje, domina outra realidade. A geografia se consolidou no país, firmou-se em vários centros com a criação de cursos de graduação e de pós-graduação.

A propósito do avanço da geografia brasileira, Milton Santos, no início dos anos noventa do século passado, já afirmava que o país apresentava uma contrapartida:

Já é tempo de nos explicarmos sobre o que consideramos uma geografia brasileira. Não se trata de propor que se cerquem as fronteiras do país com uma espécie de cordão sanitário que impeça pessoas e idéias elaboradas no estrangeiro de aqui se instalar e influir. Nada disso. O objetivo é outro. Trata-se de ajudar o país a ser uma nação adulta, de um ponto de vista intelectual e cultural. Um país incapaz de gerar suas próprias idéias, está fadado a ser um país dependente, ou, mesmo, não ser um país. Mas, construir uma Geografia brasileira significa também construir um pensamento geográfico que, nascido no Brasil, seja universal.²⁴

O ilustre professor provoca um debate amplo e necessário. Sua fala significa dizer que se nos mantivermos dependentes, se não alcançarmos um estágio caracterizado pela construção de

²⁴ SANTOS, M. “O Pensamento geográfico e a realidade brasileira” In: SANTOS, Milton. (Org.). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 217.

um discurso próprio, nada mais faremos do que importar fórmulas e modelos e camuflar soluções aplicadas em realidades distintas da brasileira.

A construção do conhecimento pressupõe um processo lento. O conhecimento geográfico concebido e produzido a partir de ideias originais impõe desafios. Cabe lembrar a importância que Milton Santos atribui ao intercâmbio e à convivência com profissionais estrangeiros.

Milton Santos insistiu na construção de um pensamento geográfico brasileiro. Seu pioneirismo aparece com maior clareza no livro *Por uma geografia nova*, de 1978. Faz uma severa crítica aos rumos da geografia afirmando:

[...] desde a fundação do que historicamente se chama geografia científica, no fim do século XIX, jamais nos foi possível construir um conjunto de proposições baseados num sistema comum e entrelaçado por uma lógica interna. Se a geografia não foi capaz de ultrapassar esta deficiência, é porque esteve sempre muito mais preocupada com uma discussão narcísica em torno da geografia como disciplina ao invés de preocupar-se com a geografia como objeto. Sempre, e ainda hoje, se discute muito mais sobre a geografia do que sobre o espaço, que é o objeto da ciência geográfica.²⁵

A construção do conhecimento no contexto da produção científica é expressão da formação de grupos especializados formados em ambientes propícios à reflexão, à análise e à crítica. Referindo-se ao conhecimento científico, Pinto (1969), assim se expressou:

Sendo processo, e histórico e progressivo, por essência, o conhecimento científica de cada momento constitui a premissa do conhecimento científico do momento seguinte. Sendo

²⁵ SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 2.

metódico, e adquirido voluntariamente e em função de *regras* para a exploração da realidade objetiva, física e social que condicionam a natureza dos resultados obtidos.²⁶

O ambiente francês anunciava inovações no campo teórico-metodológico. Segundo Pinchemel (1992)²⁷ a nova geografia acarretou, necessariamente, uma mudança nos conceitos. Os conceitos da Geografia Clássica, região, sobretudo meio, paisagem não resistiram às mudanças de perspectivas e de métodos e foram substituídos por um único conceito, o de espaço. Pinchemel (1992).²⁸

²⁶ PINTO A. V. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 31.

²⁷ PINCHEMEL, Philippe. L'Aventure géographique sur la terre". In: *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1992. 1132p.

²⁸ _____. L'Aventure géographique sur la terre". In: *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1992. 1132p.

2

ANTECEDENTES: A GEOGRAFIA FRANCESA NO BRASIL

A geografia francesa sempre demonstrou muito vigor. Entretanto, sua afirmação passa pelo reconhecimento internacional das teses formuladas por Vidal de La Blache (1845/1918). O mais famoso geógrafo francês de todos os tempos foi professor da Escola Normal Superior de Paris desde 1878. A partir daí ampliou significativamente seu raio de ação quando ocupou a cátedra de Geografia da Universidade de Sorbonne, influenciando um grande número de discípulos em França e no exterior, principalmente nos Estados Unidos da América. La Blache é considerado o fundador da Escola Francesa de Geografia. Cabe destacar seu principal livro o *Tableau de Géographie de la France* que se tornou leitura obrigatória entre a intelectualidade francesa de seu tempo. Coube também a ele a fundação da revista *Annales de Géographie*.

Historicamente pode-se dizer que a geografia francesa firmou-se com La Blache, sendo aplicada fartamente junto à ação colonial exercida pelo país durante muitos anos. Sobre esse tema, Manoel Correia de Andrade, profundo conhecedor da geografia francesa afirmou:

A França deglútia, no início do século XX, o segundo maior império colonial da superfície da Terra, necessitando, naturalmente, de confundir a política colonial com os interesses humanísticos de levar a civilização a povos incultos e capazes de ser educados e absorvidos pela civilização ocidental, em vez de pregar uma política de extermínio ou de conquista dos povos ditos inferiores. (ANDRADE).²⁹

A geografia tropical, desenvolvida posteriormente pelos geógrafos franceses, substituiu em parte a ação do país nesse campo da ciência, após o processo de descolonização. O desmantelamento do império colonial não impediu a presença dos geógrafos franceses junto aos novos estados formados em África, Ásia e América Central. O grande representante da Geografia Colonial foi o Prof. Pierre Gourou, do Collège de France e da Universidade de Bruxelas, autor do livro *Les pays tropicaux* editado pela PUF – Presse Universitaire de France, em 1947. Outro nome da Geografia Tropical muito conhecido é o do Prof. Guy Lasserre que assim se expressou em entrevista concedida ao autor, em janeiro de 1993:

“Eu sou fundamentalmente tropicalista e criei em Bordeaux o Centro de Estudos em geografia tropical (CEGET) sobre os auspícios do CNRS”.

Poder-se-ia também dizer que a geografia terceiro-mundista seria um misto de geografia colonial com geografia tropical. Entretanto, de geografia colonial com geografia tropical ou que ela rejeitava os dois, razão das principais desavenças da época, que acabou com o Ceget, de Bordeaux. O fato concreto é que a realidade, hoje, mostra um mundo globalizado, em que o mercado dita as normas. Sob este aspecto, a pesquisa geográfica

²⁹ ANDRADE, Manoel C. de “O pensamento geográfico e a realidade brasileira”. In: MILTON, Santos (Org.). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 184.

francesa se ajustou a esta nova configuração mundial, irradiando suas influências, buscando adequar-se a essa nova realidade. A geografia brasileira, por sua vez, ficou conhecida quase que eminentemente como de alinhamento francês.

A geografia brasileira insiste em sua afirmação. Busca a construção de sua identidade enquanto campo científico enfrentando problemas de várias ordens: o excessivo número de cursos de formação profissional, orientados para o magistério e para a formação técnica; questões ligadas à definição do que seria em termos de competência o professor e o técnico, a deficiência dessa formação no que concerne ao número reduzido de profissionais envolvidos no debate em torno da definição dos caminhos da ciência geográfica. A discussão em torno da distinção entre o que seria a geografia como disciplina escolar, como conhecimento científico e como conjunto instrumental técnico-operacional, prolonga-se há alguns anos, sendo possível enumerar outras questões ligadas à produção científica, divulgação, tipos de formulações, papel da geografia enquanto ciência no contexto político nacional, as lutas corporativas na busca da valorização desse campo do conhecimento etc.

O fato concreto é que ao buscar compreender suas origens, seus caminhos ou descaminhos, a geografia brasileira enfrentou esbarrões ligados ao “empréstimo científico-cultural” ou a “difusão cultural” que se instalou oficialmente no país a partir de 1934 com a criação do primeiro curso de geografia, da USP. Poucas vezes a análise da contribuição de escolas foi abordada. Sabe-se que a geografia brasileira conheceu outras influências que teve outras linhas de análise como a americana e a alemã. Geógrafos de várias nacionalidades e outros pesquisadores com trabalhos de cunho geográfico elegeram o Brasil como sujeito de suas indagações, formulações teóricas, buscas e explicações. Hoje, é forte a influência exercida por geógrafos espanhóis e

portugueses, fruto de diversos convênios e acordos firmados entre o Brasil e os dois países.

Tornou-se senso comum afirmar que a geografia brasileira é fruto da geografia francesa. Não se conhece, entretanto, com major clareza, a extensão desses vínculos; por isso decidimos averiguar como se estabeleceram essas relações.

Cabe à geografia brasileira verificar os desenhos que se definiram no país, quanto aos centros que firmaram maior ou menor contato com a geografia francesa. Ao mesmo tempo, foi necessário identificar os geógrafos franceses que escolheram o Brasil como campo de trabalho e de pesquisa, e, a partir das informações, detectar em que nível essas relações se mantêm.

Nos casos de registro de brasileiros que estudaram na França e que exerceram cargo no magistério ou na pesquisa, a partir de convites firmados em programas de cooperação técnica, estaria implícito que, em toda essa relação, não teria havido apenas uma situação de transposição de formulações teórico-metodológicas da geografia francesa; ao contrário, esse fato, se registrado com certa frequência, pode revelar que o Brasil tem ou teria condição de estabelecer o que se pode chamar de uma escola de geografia brasileira.

A presença marcante da geografia francesa no Brasil é tida por alguns teóricos como um dos entraves para que este ramo científico tivesse outro desempenho, tendo em vista o fato de ser a geografia francesa encarada como tradicional em sua abordagem mais geral. Entretanto, leva-se em conta que, através dos tempos, a geografia francesa tem conseguido avançar na elaboração de novos conceitos e aplicação. Independentemente desses avanços há indícios de que, no caso brasileiro, existiu o domínio de certos grupos cristalizados na França, sendo que alguns autores que inovaram a geografia foram tardiamente conhecidos ou permanecem em certo anonimato no país. Contrariamente,

ocorrem casos que revelam certa exclusividade ou mesmo identificação em determinados ramos da Geografia Humana, que acabam sendo traduzidos como sinônimos daquele setor do conhecimento. Esta presença da geografia francesa no Brasil nem sempre seguiu seu curso de forma tão tranquila. Há registros de casos de rupturas, quando determinados setores da produção e divulgação da geografia brasileira procuram novas referências matriciais. O caso mais conhecido é o do IBGE, órgão oficial da geografia brasileira que na década de sessenta do século passado, assumiu a postura de se pautar a partir da geografia teórica, de base quantitativa, de origem anglo-saxônica.

Toda a efervescência dos anos 1980 sofre certo colapso na passagem para a nova década, com novos fatos que redesenham o mundo e alteram significativamente sua aparência. Destacam-se neste contexto a queda do Muro de Berlim e o desmanche da URSS, além do surgimento do chamado bloco dos países pós-comunistas, o fortalecimento de lutas nacionalistas e a configuração de novos blocos de poder etc.

O estudo da geografia francesa, de suas escolas e tendências, a difusão de suas linhas de pesquisa pelo mundo e principalmente no Brasil, permite, especialmente, o estabelecimento de análises comparativas. Permite face às abordagens de franceses e brasileiros em torno de questões ligadas ao processo de urbanização, metropolização, formação de periferias, movimentos sociais, cidadania, cotidiano, imaginário, representação, redes, fluxos, espaço, território etc. Permite a busca das diferenças de contextos políticos e culturais da França e do Brasil, na tentativa de clarear alguns enfoques tidos como ambíguos. A atualização bibliográfica e outras pesquisas em curso oportunizaram a percepção parcial do estado da arte da geografia e principalmente da Geografia Humana francesa. Essa oportunidade propiciou alguns questionamentos sobre a

Geografia francesa, no que tange aos seus princípios e fundamentos e suas relações com o Brasil.

A elaboração do texto no seu todo evoca um quadro bem distinto do vivido pela geografia francesa no século passado, quando criava teorias e modelos que eram de pronto incorporados e aplicados nos países que viviam sob a égide da hegemonia francesa. A diferença contextual repousa em constatações e indagações sobre a abrangência internacional da geografia francesa nos dias atuais. O advento da internet com a divulgação on line de informações associadas às novas regras impostas pela ciência no que tange a concepção, elaboração e publicação de resultados de pesquisas em periódicos indexados, reconhecidos internacionalmente. Essas mudanças abalaram o prestígio internacional de várias escolas nacionais ou mesmo regionais, exigindo a incorporação de novos procedimentos em consonância com grandes centros reconhecidos como irradiadores de inovações. Por sua vez, o mercado editorial tem que se ajustar à imposição dos novos tempos. Livrarias virtuais facilitam a divulgação e distribuição da produção científica. É nesse quadro de conjuntura que se pergunta se a geografia francesa teria acompanhado essas mudanças e se teria preservado o mesmo peso e a mesma força de períodos passados. A geografia e alguns geógrafos que ocupavam lugar de destaque nos moldes conhecidos como convencionais estariam passando por uma fase de “ocaso”, se comparados com novos profissionais. Referimo-nos àqueles que editam e-books, fazem teleconferências, mantêm perfis na internet e circulam com muita rapidez os resultados de suas pesquisas. É evidente que a geografia não conta com a mesma expressão que conhecera antes. São vários os geógrafos de prestígio; no entanto, esse prestígio não parece atingir a Geografia para destacá-la, colocá-la em evidência. Ao contrário dos geógrafos que gozam de prestígio,

muitos deles são confundidos com profissionais de outras áreas do conhecimento, logo, não há ressonância capaz de valorizar, gerar prestígio para a Geografia. Desses profissionais, que estão em cena adquirindo certo prestígio, respeitabilidade e notoriedade, poucos são conhecidos no Brasil. Nesta situação citamos Marcel RONCAYOLO, Diretor de Estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, autor de vários livros e artigos na área de Geografia urbana e urbanismo e de farta divulgação nos meios técnicos e científicos da França. Augustin BERQUE também se inscreve entre eles, geógrafo reconhecido por seus trabalhos variados sobre o Japão, e também Diretor de Estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Poderíamos enumerar mais alguns, mas com certeza esses dois exemplos são suficientes para sustentar nosso argumento. Cabe dizer que, desses geógrafos, quase todos trabalham em instituições marcadas pela multidisciplinaridade.

A Geografia alcançou grande prestígio no âmbito acadêmico e científico na França e constitui-se em importante ramo de sua política externa. Tal prestígio perdura não se sabe se fundado na qualidade de suas formulações atuais ou devido à herança daquilo que a geografia representou. A partir disso, teria se construído um mito em torno de sua qualidade, aplicação e dinâmica.

Em sua trajetória, a Geografia francesa teve anos de glória, fundada na obra de uns poucos geógrafos, optou durante algum tempo pela Geografia Lablacheana e, por meio de sua institucionalização, foi criando centros de formação e de pesquisa. Esses centros ao mesmo tempo em que serviram para criar a imagem de Mundo na França e de França no Mundo, constituíram-se em referências bibliográficas com enorme capacidade de divulgação e difusão cultural, tendo momentos mais voltados à explicação de um mundo que se transformava.

Das descrições da Geografia Colonial, da interpretação da França a partir de suas regiões que passaram a ser propriamente sua maior leitura, a Geografia francesa voltou-se para temas novos embora algumas vezes tratados com metodologia velha. Um dos espaços preferenciais da Geografia francesa foi a África. “Temas como Terceiro Mundo, Subdesenvolvimento, Mundo Tropical, Aménagement” do território, entravam em cena, respaldavam alguns geógrafos e garantiam o prestígio e privilégios a ciência geográfica.

3

A HEGEMONIA DA GEOGRAFIA FRANÇESA NO BRASIL

O reconhecimento da excelência da geografia francesa se manifestava no Brasil pela escolha da França como melhor destino capaz de oferecer aperfeiçoamento e qualificação profissional. Essa escolha permanece em muitas áreas. No caso da geografia, vive-se um momento de retração, face à implantação de cursos de mestrado e doutorado em geografia, em várias cidades brasileiras. Durou mais de meio século o apreço e admiração dos brasileiros em torno da qualidade da geografia francesa. Não importa saber se ele foi elaborado dentro ou fora das fronteiras daquele país. Os professores franceses, especialmente os orientadores de tese e coordenadores de laboratórios foram convidados para vir ao Brasil ministrar cursos, proferir palestras, acompanhar trabalhos de campo ou assessorar grupos de pesquisa ou equipes ministeriais. Apesar da admiração e de uma sensível reação da geografia francesa face à geografia germânica, ainda é duvidoso saber se hoje ela ainda estaria habilitada a manter-se em posição confortável como o foi nos anos anteriores. Alguns afirmam que ela estaria perdendo lugar. A questão é outra, o de-

bate deve verificar se o Brasil elegeu outras bases matríciais ou se sua produção científica é capaz de atender as suas demandas e necessidades. Independentemente da questão do “mito” é muito forte a tradição de estabelecimento de laços científicos e culturais entre França e Brasil. Nesse contexto, a geografia assumiu importante papel e não raros são os geógrafos que exerceram acentuada importância na comunidade geográfica brasileira.

A vinda dos primeiros franceses em 1934 está ligada aos nomes de dois geógrafos daquele país: Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig. A permanência desses mestres especialmente favoreceu a implantação de uma cultura geográfica nos moldes acadêmicos e organizacionais franceses, que resultou na criação de cátedras, segundo o modelo que lá vigorava como também a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, nos moldes da similar francesa. Monbeig viveu em São Paulo, totalizando onze anos de permanência no Brasil.

A propósito da discussão em torno da construção da hegemonia da geografia francesa no Brasil e o peso representado pelo desempenho do professor Monbeig, uma consulta a três autores, um francês e dois brasileiros, revelam uma convergência de opiniões, embora cada em deles enfoque aspectos bem diferenciados entre si. Neste sentido, segundo Droulers, geógrafa do IHEAL e ex-aluna do Prof. Monbeig:

Pierre Monbeig, ao longo de sua permanência prolongada (1935-1946) na Universidade de São Paulo participou naquele momento particular da introdução da Geografia nova no Brasil. Isto quer dizer, não somente na elaboração de cursos universitários, mas também, na definição e animação dos domínios de pesquisa.³⁰

³⁰ DROULERS M. “Le Developpement de la Geographie Bresilienne” In: PIERRE MONBEIG. *Un Geographe Pionnier*. Paris: IHEAL, 1991. p. 95

O texto prioriza o lado empreendedor do Prof. Monbeig, citado como o responsável pela introdução da Geografia Nova no Brasil.

O Prof. Manoel Correia de Andrade registra sua opinião sobre o Mestre francês, destacando sua contribuição no Brasil via consolidação da vida acadêmica, que terá um peso significativo na estruturação de uma cultura geográfica brasileira com matriz francesa da seguinte maneira:

Sua ação na Universidade de São Paulo foi das mais importantes porque ele estruturou e consolidou a cátedra de Geografia, depois transformada em Geografia Humana, e contribuiu para a criação das cátedras de Geografia Física, que teve em João Dias da Silveira o seu primeiro titular e de Geografia do Brasil, que foi ocupada por Aroldo de Azevedo a preocupação central de sua obra que foi de analisar problemas, refletindo sobre as causas que o provocaram, as paisagens e os problemas que os geraram e as soluções que podem ser sugeridas para a solução dos mesmos.³¹

Explorando outro aspecto da presença prolongada de Monbeig e sua obra no Brasil, assinalando o lado negativo de poucos terem tido acesso aos trabalhos de qualidade do mestre, assim se manifestou a Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz:

Pierre Monbeig deixou um grande número de estudos sobre o Brasil principalmente artigos dispersos em numerosas revistas, das duas costas do Atlântico; estes trabalhos preciosos não tocaram senão um círculo restrito de colegas e de estudantes, isto é a comunidade científica a qual ele pertencia. Ele não figura, que eu saiba, sobre as mesas de trabalho dos dirigentes do país, nem sobre as dos políticos que ambicionam

³¹ ANDRADE, Manoel Correia de. "Pierre Monbeig e o Brasil". In: MONBEIG, Pierre. *Un Geographe Pionnier*. Th~ry, H. e Droulers, M. (Org.). Paris: IHEAL, 1991. p. 53-4.

desempenhar papéis importantes na vida nacional. Entretanto, esses trabalhos lhes dariam conhecimentos adequados e profundos da realidade social do país, de seus mecanismos, das transformações em curso.³²

Fica evidente o reconhecimento que os três autores citados manifestam pelo Prof. Pierre Monbeig, o que reforça o peso exercido pela Geografia francesa no país e sob que condições ela cria suas bases. O depoimento da Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz é revelador e adquire um caráter crítico e de denúncia, ao mesmo tempo em que registra certo descaso em relação a um saber produzido num momento em que a nação tinha grande necessidade de conhecimento de sua própria realidade.

O país crescia, acompanhava a transferência da população do campo para as cidades e ao mesmo tempo avançava interior adentro, seguindo a marcha do café. Essa realidade espacial brasileira instigava investigação, pesquisa, busca. Face às necessidades prementes de pesquisa, os geógrafos não poderiam ficar imunes a esse apelo. Em resposta, ocorre um salto quantitativo e qualitativo da geografia no país.

Uma multiplicidade de fatos e situações exige e impõe desafios ao geógrafo. Diante dela, o maior é responder às inquietações e demandas sociais. As respostas deveriam estar respaldadas em conhecimento novo, o que significava a necessidade de se construir no país um referencial teórico-metodológico capaz de apreender para fins de análise essa realidade.

O país necessita embrenhar-se no seu conhecimento, fazer um reconhecimento de sua territorialidade, estabelecer suas bases cartográficas consoantes aos trabalhos de campo que se realizam. Ao geógrafo recém-formado ou em formação cabia a tarefa

³² QUEIROZ, Maria Isaura P. "La Recherche Geographique au Bresil" In: MONBEIG, Pierre. *Un Geographe Pionnier*. Op. cit., p. 64. (T.A.).

de desbravar o país em todas as direções, mostrar as faces desconhecidas de uma nação. Um gigante agrário, com economia agroexportadora. Um país que conhece um processo acelerado de industrialização e de urbanização. Espacialidades cambiáveis que revelam imagens diferenciadas do país exigem qualificação, acuidade, rigor teórico. O país se urbaniza rapidamente.

Os problemas vividos quando da formação dos primeiros profissionais no país se aguçaram. A geografia firmou-se como disciplina escolar obrigatória. No campo científico, o IBGE ampliava seus quadros, realizava pesquisas. Nos Departamentos recém-criados, alunos dos cursos de Geografia e História (trata-se de uma única formação) faziam seus trabalhos de campo, constatando no real concreto o que era estudado e discutido em sala de aula.

Os últimos dados censitários (2010) comprovam um comportamento contínuo e aglomerado da população com praticamente 85% do total concentrada em cidades, sendo que parte substancial desse percentual vive nas grandes cidades. Não só a geografia, porém toda a ciência e a sociedade buscam elementos analíticos elucidativos da complexidade do urbano no país. O aumento progressivo da população e o advento de uma realidade urbana totalmente nova culminam com a emergência de problemas sociais até então desconhecidos. O mesmo se dá com a realidade agrária e agrícola, com a circulação de pessoas, mercadorias e capitais, novas necessidades de transporte. As mudanças especiais eram visíveis face à nova lógica de organização do território. A hegemonia do transporte rodoviário altera substancialmente a espacialidade do país. As antigas cidades dos vales cortados pelas ferrovias, dão lugar a novas cidades nos planaltos com a implantação das rodovias e o crescimento da indústria automotiva. O comércio litorâneo se recompõe em função do reforço das capitais em detrimento de antigos portos

servidos pela navegação de cabotagem. A transferência da capital federal em 1960 e o consequente domínio das superfícies de Cerrado do Centro-Oeste resultaram em mudanças estruturais no espaço brasileiro. O país muda rapidamente sua imagem. Sua inserção no contexto internacional favorece a emergência de temas novos como a “Questão Amazônica”, a “Questão Nordeste” no âmbito da “Questão Nacional”. Esses e outros tantos temas instigam e desafiam os geógrafos à interpretação e à descoberta. Suas análises eram realizadas em diferentes escalas. O construir-se cotidiano dessa nova realidade resultou no desenvolvimento da geografia brasileira mais dependente, sem dúvida, no início, de referenciais estrangeiros, especialmente franceses. O reconhecimento da qualidade de suas reflexões era patente. Traziam em sua formação o conceito de ciência aplicada. Aziz Ab’Saber, em seu depoimento, dá a dimensão do caráter aplicado da pesquisa entre os mestres franceses. Assim afirma

Monbeig investia contra o uso abusivo da expressão *ciência aplicada*, na qual cada grupo de especialistas procura uma aplicação para sua área de conhecimento, sem levar em conta as fortes interações necessárias para sua aplicabilidade. Em um congresso de cientistas franceses, Pierre Monbeig defendia a ideia de que existem aplicações de ciências e não apenas um caso solista de aplicação de uma ciência. Nessa ocasião, o mestre intuitivo que nele existia, procurava reorientar o pensamento de seus colegas para o campo da interdisciplinaridade indispensável às tarefas de aplicação de ciências a diferentes interesses da sociedade e do desenvolvimento econômico e social. Mal sabia Monbeig que estava provocando com *vara curta* os seus vaidosos colegas, cada qual pretendendo encontrar aplicações isoladas no campo científico a que se dedicavam. (AZIZ AB’SABER, 1994).³³

³³ Aziz Ab’Saber, *Estudos Avançados*, (8-22), 1994. p. 232.

Os geógrafos brasileiros percorreram um longo caminho. Associada a dinâmica da realidade socioespacial do Brasil, a desvantagem numérica no que tange ao reduzido número de profissionais para cobrir um país de tão vasta dimensão, impunha sérios obstáculos. A ausência de pessoal qualificado abriu as portas do Brasil aos estrangeiros. Historicamente, viajantes, naturalistas, artistas entre outros, registravam suas impressões sobre a realidade das áreas por eles visitadas, enfocando aspectos da paisagem, dos tipos característicos, arranjo espacial, tipo de construção etc. Esses textos constituem documentação imprescindível ao resgate da dinâmica espacial brasileira nos seus primórdios.

4

PERIODIZAÇÃO: UMA SUGESTÃO

Uma proposta de periodização corre sempre o risco de estar carregada de valores subjetivos de seu proponente, o que é até certo ponto, lógico. Entretanto, independentemente dos objetivos, interesses, metodologias e fontes teóricas, os cortes de tempo, tendo em vista a periodização vinculam-se a fatos e/ou eventos que pela sua significância por si só constituem um marco ou etapas no tratamento de temáticas as mais diferenciadas possíveis. No caso específico de análise das relações França e Brasil mediadas pela Geografia, é importante o resgate das influências, trocas recíprocas e ou formação de uma escola autônoma de geografia no Brasil, o que implica em perseguir metodologicamente esse percurso, buscar sua verticalidade, sem esquecer os desdobramentos de cada fato/evento/fase/etapa com a preocupação de não romper a totalidade. Assim, as horizontalidades são obtidas criando um painel que indica direção, caminho, percurso, sem que as nuances sejam desprezadas.

Nos termos da periodização proposta, 1934 desponha como ano privilegiado, pois é a data da criação do primeiro curso superior de geografia no país. Marca o início da geografia

acadêmica, da geografia científica, o surgimento dessa geografia de caráter mais acadêmico. Não implica afirmar que não havia nenhuma abordagem geográfica no país até esse momento. Cabe lembrar a existência dos compêndios de geografia e outros trabalhos do Prof. Delgado de Carvalho (Paris, 1884/1990)³⁴

Desta feita, a proposta de periodização privilegia 1934. A partir dessa data/marco inicia o período que foi denominado de Aproximações. Esse período pressupõe a discussão em torno da instalação dos primeiros cursos de geografia de nível superior no país. Ele marca o início de uma forte influência francesa com a presença de professores daquele país que criaram escola e deixaram marcas profundas nas instituições por onde passaram além de imprimir um “modo” francês de se fazer a ciência geográfica.

O outro tema, intimamente ligado ao anterior, volta-se à discussão em torno da construção da hegemonia da geografia francesa no Brasil. A realização do Congresso da UGI (União Geográfica Internacional), no Brasil em 1956, assume importância capital – há uma espécie de coroamento daquelas atividades iniciadas 22 anos antes. Como não poderia deixar de ser, o congresso constitui um marco fundamental para a compreensão desse percurso. A partir do Congresso da U.G.I., intensificou-se a presença dos franceses no Brasil. Foram muitas as visitas de grandes mestres, algumas mais duradouras, formulações de novas teorias levando em conta a espacialidade e peculiaridades do país.

A contratação do Prof. Michel Rochefort, em 1961, pelo CNG do IBGE, é o início de uma fase de alianças entre os dois

³⁴ Lecionou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Publicou vários livros dos quais destaco os seguintes: *O Brasil Meridional*, em 1910; *Geografia do Brasil*, em 1913; *Meteorologia do Brasil*, em 1916.

países, marcada pela entrada em cena de renomados professores franceses.³⁵

Dentre os vários que aqui estiveram Pierre George merece destaque, pois, exerceu enorme influência na geografia brasileira. Tornou-se referência bibliográfica quase que obrigatória nos cursos de Geografia. Nas discussões que enfocam a relação da geografia francesa com a brasileira, Pierre George pode ser classificado como exemplo de uma situação de permanência, tratado aqui no item Exclusividades que analisa o fato que independentemente de opções teórico-metodológicas, o ilustre professor permanecia como inalterado, numa posição tranquila, editando seus livros em português pela DIFEL – Difusão Européia do Livro, de São Paulo, sob os auspícios da Presses Universitaires de France, de Paris e pela Editora Fundo de Cultura, do Rio de Janeiro. Mantinha um público cativo. A estabilidade alcançada por Pierre George não indica de forma alguma que as relações acadêmicas seguiam o curso regular com os franceses.

Em entrevista concedida ao autor em Paris, em novembro de 1992, assim se manifestou o Prof. Pierre George: “[...] as relações entre meus colegas e amigos brasileiros e eu foram distendidas. Por que, ao mesmo tempo, a geografia brasileira foi atraída por outros correspondentes.”

³⁵ Professor Emérito da Université de Paris I e Presidente do Conselho de Administração do Instituto Francês de Urbanismo, dedicou-se à Geografia Urbana e à discussão das desigualdades socioespaciais, particularmente, nos países em desenvolvimento, especialmente, o Brasil. De suas obras destacam-se : *Dynamique d'espace français et aménagement du territoire* de 1995 e *Le défi urbain dans les pays du Sud*, de 2000. Manteve fortes vínculos com diferentes organismos de gestão e de desenvolvimento na França e no Brasil e Bernard Kayser o famoso professor da Universidade de Toulouse da área de Geografia Agrária, autor de vários livros e artigos publicados em revistas especializadas. Foi geógrafo contratado pelo DATAR, pelo Ministère de l'Agriculture e foi presidente da Universidade Rural Europeia. Integrava também a equipe do CIEU - Centre Interdisciplinaire d'Études Urbaines).

A introdução da Nova Geografia no Brasil, de inspiração anglo-saxônica se inscreve no país num período de Distanciamentos com a geografia francesa. Até então a geografia brasileira era tratada de forma monolítica, como se não existissem a caracterização de grupos com preferências e perfis diferenciados nos vários centros urbanos do país onde funcionavam cursos de graduação e alguns de pós-graduação. Havia evidências que já despontavam nessa época sintomas de autonomia manifestado em grupos com linhas diferenciadas de compreensão, aplicação e análise do saber geográfico.

Em Rupturas privilegia-se um corte duplo entre a geografia dos dois países. Duplo no sentido de rompimento com a prática da geografia no Brasil, dominada pela aplicação de modelos teóricos quantitativos da Nova Geografia e, ao mesmo tempo significa uma ruptura com a chamada Geografia francesa de corte clássico. Nessa fase, as obras de Yves Lacoste recebem tratamento especial pelo peso que assumiram no período.

Dessa forma, para fins de tratamento em bloco, foi sugerida uma periodização que caracterize essa época. Isso não quer dizer que esse bloco encerre a pesquisa. Noutros capítulos dedicados ao assunto, serão abordados outros aspectos dessa relação entre os dois países. Para assegurar mais destaque ao ingresso de profissionais geógrafos que prosseguiram a trilha aberta a partir de 1934, um capítulo é dedicado a entrada em cena de geógrafos que optam pelo Brasil para suas pesquisas, orientação de teses etc. Um outro capítulo elaborado foge de uma periodização. Trata-se do que discute a produção de brasileiros na França a partir de sua participação em programas de pós-graduação realizados naquele país. Completando a análise, um breve capítulo aborda “o Brasil na França e o Brasil visto pelos franceses”, baseado em interessantes depoimentos que permitiram aproximar de um perfil de imagens provocadas pelo Brasil.

4.1 Aproximações: a Implantação de Cursos de Geografia no Brasil

Historicamente, pode-se dizer que a Geografia francesa firmou-se no país a partir dos primeiros compêndios produzidos por brasileiros, embora dominados por conteúdos da geografia francesa.

A criação de cursos de nível superior de geografia no Brasil fomenta a formação de pessoal qualificado e a afirmação desta área do saber, delineando a institucionalização da geografia no país. Os mestres estrangeiros comandaram o processo fornecendo, aos nossos olhos, um referencial analítico totalmente novo. Amplia-se assim a sistematização de conhecimentos sobre o país.

Aroldo de Azevedo, renomado professor da Universidade de São Paulo, em brilhante discurso da solenidade de abertura do I Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado em Ribeirão Preto, em julho de 1954, na condição de Presidente da AGB e da Comissão Executiva do Congresso, referindo-se às condições de ensino da geografia brasileira quanto à produção e método afirma: “Os métodos que caracterizam a moderna Geografia chegaram tardiamente ao nosso país; ou, para ser mais exato, passaram a ser mais amplamente conhecidos há bem pouco tempo.” (AZEVEDO, 1956).³⁶

Prosseguindo, o grande mestre que difundiu e deu respeitabilidade à geografia com seus famosos livros didáticos, foi categórico:

³⁶ AZEVEDO, A. *Discurso de Abertura do I Congresso Brasileiro de Geógrafos, da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. v. 8, tomo 1. São Paulo: AGB, 1953/1954, 1956. p. 22.

Não ignoro que, no decorrer das três primeiras décadas de nosso século, brasileiros cultos demonstraram, por sua produção, conhecer as modernas diretrizes da Geografia. Euclides da Cunha, embora não possa ser considerado um geógrafo, estava a par das idéias de Ratzel e de Willian Davis, por exemplo. Isolado no seu longínquo Maranhão, Raimundo Lopes, no decorrer da segunda década escreveu um livro ‘O Torrão Maranhense’, em que se sente a presença do verdadeiro geógrafo e no qual aparecem citações do ‘*Traité de Géographie Physique*’, de Emmanuel De Martonne. Do mesmo tipo são os trabalhos de Everardo Beckheuser, de Fernando de Raja Gabaglia e de Sylvio Fróis Abreu, publicados antes de 1930.³⁷

O Prof. Aroldo de Azevedo, como não podia deixar de fazê-lo, prestou homenagem ao grande inovador e criador da Geografia brasileira, o Prof. Delgado de Carvalho. Suas palavras foram as seguintes:

No entanto nesse período a figura central, a grande personalidade da Geografia brasileira foi, sem a menor dúvida, o ilustre professor Carlos Delgado de Carvalho. Todas as vezes que leio suas obras escritas nessa época, maior se torna minha admiração por esse grande brasileiro já por todos proclamado *O pioneiro da moderna Geografia no Brasil*. Geógrafo do tipo atual aparece quando fez sua estréia, em 1910, ao publicar a obra “Le Brésil Meridional”. Mais seguro em sua orientação, sem exagero um verdadeiro revolucionário dentro da rotina em que vivia a Geografia brasileira, surge quando entregou ao público a sua notável “Geografia do Brasil”, em 1913. Verdadeiro homem de ciência demonstra ser ao escrever sua “*Météorologie du Brésil*”, publicada em 1917. Inegavelmente um mestre aparece quando, já na terceira década do século, compôs aquela série de conferências, reunidas sob o titulo geral de “Fisiografia do Brasil.”³⁸

³⁷ AZEVEDO, A. Op. cit., p. 22-23.

³⁸ _____. Op. cit., p. 23.

Dentre os estrangeiros, os franceses foram marcantes. Fizeram escola. Não eram apenas geógrafos. Quando da criação dos primeiros cursos superiores no Brasil, nos anos 30 do século passado, pesquisadores de várias áreas do conhecimento, que mais tarde ficariam célebres no cenário internacional passaram parte de sua vida acadêmica no Brasil.³⁹

4.1.1 Fase da construção da hegemonia

A partir daí a França criaria raízes no país. Inicia-se um período de forte vinculação, ocasionando a vinda de vários geógrafos, além de outros profissionais franceses ao Brasil. Na Universidade de São Paulo (USP): P. Deffontaines, P. Monbeig, Emile Coornaert, Fernand Braudel, Claude Lévi-Strauss, Paul Arbousse-Bastide, Etienne Borne, Jean Mogüé, Robert Garric, Pierre Hourcade, François Perroux, René Courtin, Pierre Fromont - Na Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro): Henri Hauser, Gaston Leduc, Maurice Bye e, em Porto Alegre, Jacques Lambert.⁴⁰

Esse fluxo vai se diluindo à medida que as Universidades brasileiras se estruturam com a instalação de laboratórios, grupos e núcleos de pesquisa e institucionalizam um plano de capacitação e preparação do pessoal especializado para substituir os convidados estrangeiros. No contexto das políticas desenvolvimentistas no pós-guerra, é criada a CAPES, em 1951, como Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior. A agência voltada a assegurar a exis-

³⁹ Para mais aprofundamento ver MONTEIRO, Carlos Augusto F. *A Geografia no Brasil (1934- 1977): avaliação e tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo-USP, 1980.

⁴⁰ CHONCHOL, Jacques e MARTINIERE, Guy, *L'Amérique Latine et le latino-americanisme en France*. Paris: L'Harmattan, 1985. p. 90.

tência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados, com atuação junto às universidades e institutos de ensino superior, era vinculada ao Ministério da Educação e Saúde.

Dos geógrafos visitantes contratados como professores em nossas universidades, com suas análises gerais sobre a situação geográfica brasileira, chega-se ao Congresso da U.G.I. (União Geográfica Internacional).

4.1.2 O Congresso da UGI

O Congresso da UGI foi um acontecimento de grande valor histórico. Referindo-se a esse evento assim se expressou Nice Lecocq Muller (1956),⁴¹ “o planejamento antecedeu a fundação das novas cidades com critérios rigorosos de localizações que permitissem o acesso da população rural.” Sobre o Congresso da UGI foi enfática ao afirmar: [...] além de propiciar renovação de pontos de vista e de métodos pelo contato com especialistas estrangeiros, estimulou uma série de estudos urbanos.⁴²

O Congresso marca o início de contato com uma geografia mais científica. O evento foi determinante no estabelecimento de novas relações. A partir dele, intensificou-se o fluxo de brasileiros em direção à França em busca de aperfeiçoamento. Cresce o interesse pela especialização.

⁴¹ Nice Lecocq Muller foi uma das geógrafas mais influentes do país. Aluna de Monbeig especializou-se em geografia urbana. Dedicou-se ao planejamento urbano e regional. É autora do renomado livro *O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba*, de 1969.

⁴² MULLER, N. L. Evolução e estado atual dos estudos de geografia urbana no Brasil. In: Instituto Panamericano de Geografia e História – IPGH. *Simposio de geografia urbana*. Publicação, Rio de Janeiro, n. 274, Comissão de Geografia, 1968. p. 16.

Orlando Valverde, conhecedor profundo da história da geografia brasileira, referindo-se ao Congresso, destacou sua excepcionalidade e sua importância:

Um episódio excepcional de relações culturais em matéria de Geografia foi a oportunidade oferecida pelo XVIII Congresso Internacional de Geografia, que se realizou no Rio de Janeiro de 3 a 18 de agosto de 1956. Pela primeira vez, a União Geográfica Internacional (UGI), patrocinava um colóquio mundial sob os trópicos e no hemisfério sul. A delegação francesa não era a mais numerosa mas foi sem contestação, uma das mais brilhantes... Maximilien Sorre, Pierre George, Jean Dresch, Jean Tricart, Pierre Birot, André Cailleux, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Michel Rochefort, Bernard Kayser, P. Deffontaines, P. Monbeig,... B. Kayser revelou um novo campo de idéias, de grande interesse econômico e social para o Brasil: a Geografia do emprego... M. Rochefort provocou um grande interesse no curso que ministrou no Conselho Nacional de Geografia, onde introduziu as noções de Geografia dos Serviços e os conceitos de centro e rede urbanas.⁴³

A partir daquele momento, a geografia firma-se numa trajetória ascendente em que o IBGE passou a exercer papel de destaque. A intensificação do intercâmbio provoca o contato com uma literatura geográfica específica que alcançou grande produção nos anos cinquenta e sessenta do século passado.

Essa produção significativa de textos básicos de fundamentação da geografia francesa contribuiu sobremaneira para preencher certo vazio teórico-metodológico da ciência geográfica no tratamento de temas que a nova realidade exigia. Para verificar se havia diferença de tratamento de situações distintas, no que tange às realidades socioespaciais entre a França e o Brasil,

⁴³ VALVERDE, Orlando. "La coopération française dans la géographie brésilienne", In: France-Brésil. *Vingt ans de coopération*, Obra coordenada por Cardoso, Luiz C. e Martinière G., Collection "Travaux et Mémoires" n. 44, Paris/Grenoble, IHEAL/PUG, 1989. p. 83.

foram entrevistados vários geógrafos franceses, especialmente os que mantiveram relações de trabalho científico com o Brasil.

Jean Labasse, renomado geógrafo da Universidade de Lyon, afirma o seguinte em seu depoimento:

O trabalho no Brasil muito me ensinou em particular sobre o funcionamento das redes urbanas. Eu devo também a minhas estadas no seu país certo modo de apreciação dos grandes espaços, que eu não obtive em outros lugares, minhas permanências no Canadá foram limitadas às províncias do Leste e a minha passagem pelas URSS foi muito rápida.⁴⁴

Labasse ressalta a diferença da escala, um dado fundamental no processo de diferenciação. Ainda nessa direção, quando da entrevista com o geógrafo Bernard KAYSER, versando sobre o mesmo tema, sua resposta contundente:

“Se eu não houvesse ‘trabalhado’ no Brasil, eu não teria, no que concerne ao Terceiro Mundo, esta doutrina intuitiva que me permitiu alguns cursos e artigos muitas vezes contrários às opiniões e análises comuns”⁴⁵ Kayser deixa evidentes as diferenças de contexto socioespacial. Atribui à sua estada ao Brasil, a mudança de suas concepções sobre o espaço.

4.1.3 Distanciamentos: a “Nova Geografia”... e a França passou a ser vista por lideranças da geografia brasileira como referência do velho, do passado

A geografia brasileira em busca de seu rumo, e, na tentativa de dar respostas à dinâmica de seu território e de sua sociedade

⁴⁴ Entrevista realizada pelo autor em dez. 92.

⁴⁵ Idem.

que se transformava rapidamente na virada da década de 1960, adquire efervescência ao mesmo tempo em que se atrela, em termos oficiais a uma orientação bem diferente daquela que vigorava a partir do Congresso da UGI. Desenhava-se um outro país, e o Estado repressivo, resultado do Golpe de 1964, não tardou em se servir da geografia não só para fazer a guerra, mas para aniquilar áreas de congregação de ideias e resistências. A exígua liberdade, quando existia, ainda era vigiada. O Estado militarizou-se rapidamente e se organizavam formas sofisticadas de controle. A geografia preparava-se para dar sua resposta. A proposta oficial ficou prenhe de status. Uma geografia sendo elaborada em moldes matemáticos, tendia a ser, aos olhos de alguns técnicos ansiosos por reconhecimento e prestígio oficial, uma geografia mais exata e mais científica, amparada por fórmulas e modelos, alcançaria maior aplicação e reconhecimento. Vários profissionais tornaram-se executivos da geografia brasileira firmaram-se a partir do golpe. Intensificou-se o fluxo Rio de Janeiro, Brasília, Washington. Perdia a sociedade, ganhava mais uma vez o Estado num contexto cada vez mais repressivo e excludente.

Corroborando esta tese, Monteiro (1980) propõe 1968 como marco divisório para o que ele chamou de “proclamação oficial” da adição das novas práticas de análise geográfica.⁴⁶

Perseguindo essa linha de raciocínio, Faissol (1978) na Introdução de seu livro *Urbanização e Regionalização*, publicada pelo IBGE, quando da apresentação do artigo de Gunnar Olsson, faz uso de uma linguagem até então incompreensível à maioria dos geógrafos brasileiros. O lançamento do livro ocorre dez anos após a chegada da Geografia Teorética no Brasil.

⁴⁶ MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia, 1980.

[...] seguindo a linha metodológica de Michael Dacey utiliza modelos de distribuição de pontos segundo diferentes leis de probabilidades (as mais freqüentes são a Poisson, e as famílias de distribuição do tipo contágio, como a Binomial Negativa).⁴⁷

4.1.4 Exclusividades: Pierre George

O Prof. Pierre George tornou-se uma espécie de unanimidade nacional no que concerne à geografia. Suas obras editadas no Brasil há muitos anos ainda são adotadas em vários de nossos cursos acadêmicos. Enquanto pesquisador, produziu um considerável volume de textos entre livros, ensaios, relatórios de pesquisas, artigos em revistas especializadas, conferências etc.

Hoje, a presença de Pierre George é mais tênue nos circuitos acadêmicos, e, por descuido ou deformação de nossas práticas didático-pedagógicas, os autores tidos ou classificados como clássicos, são considerados pelos professores universitários de geografia como ultrapassados. A observação é válida para vários autores, inclusive brasileiros, cuja vasta experiência alcançada na produção científica fica esquecida nas prateleiras de bibliotecas ou arquivos. A procura exacerbada do novo, mesmo sendo interessante, peca pela perda da historicidade do processo de produção do saber. Basta perguntar quantos alunos leram o livro *A Cidade dos Países Subdesenvolvidos*, um clássico do Prof. Milton Santos. O mesmo pode ser perguntado em relação ao Prof. Manoel Correia de Andrade. Seu tão citado livro *A Terra e o Homem no Nordeste*, outro clássico da geografia brasileira não é lido pela juventude acadêmica de geografia, embora seja leitura obrigatória para alunos de outros cursos. O mesmo poderia ser dito para o internacional *Geografia da Fome*, de Josué de Castro – ilustre

⁴⁷ FAISSOL, Speridião (Org.). *Urbanização e regionalização*. Rio de Janeiro: IBGE/Secretaria de Planejamento da Presidência. da República, 1978. p. 22.

desconhecido para a maior parte dos alunos. A análise específica da situação de Pierre George fundada na sua condição de autor bem difundido no Brasil, tendo parte significativa de suas obras editadas no país pela DIFEL.⁴⁸

Quanto às suas experiências com a pesquisa e com o mundo, onde se inclui o Brasil, assim se expressou GEORGE:

Em 1946 começa a descoberta de ‘outro mundo’ pelo primeiro contato com a Tunísia, o que será seguido de vários períodos de permanências na condição de professor na Universidade de Tunis [...]. Mais tarde, as viagens ao Marrocos guiadas por F. Joly, Jean Le Coz, Daniel Noin. Mais o principal campo de observação onde as viagens se associam a participação em congressos, colóquios e a períodos de ensino e a América Latina: o Brasil, 1956, 1962, 1968, o Chile, 1966, a Argentina, 1965, 1969, a Venezuela, 1977, o México, 1964, 1976, 1978, 1980, 1982, 1984.⁴⁹

A atualidade do Prof. GEORGE pode ser observada pela análise do conteúdo de várias conferências realizadas no Brasil em 1962, no IBGE, Rio de Janeiro. A citação extraída de um texto de uma conferência proferida em 1963, quando abordou o tema “Alguns Problemas do Estudo Geográfico da População”, revela um geógrafo atualizado. No trecho citado, o renomado professor analisa a realidade dos futuros tecnopolos compondo a paisagem industrial dominante nos países desenvolvidos. Quando discutia o item, novos aspectos do desenvolvimento industrial, a esse respeito afirmou:

⁴⁸ Entre os mais importantes citamos: *Os grandes Mercados do Mundo*. 3. ed. 1969; *Geografia industrial do mundo*. 5. ed. 1979; *A Geografia do Consumo*. 2. ed. 1971; *Geografia social do mundo*, 1969; *Geografia da população*, 5. ed. 1978; *Geografia da URSS*, 1970; *Geografia agrícola do mundo*, 3. ed. 1975; *A Ação do homem*, 1971; *Os métodos da geografia*, 2. ed. 1978; *O Meio ambiente*, 1973; *População e povoamento*, 1975; *Panorama do mundo atual*, 6. ed. 1979; *Populações ativas*, 1979.

⁴⁹ GEORGE, P. “*Le métier des géographes*”. Paris: Armand Colin, 1990. p. 235.

A localização depende apenas da aceitação e escolha dos homens cada vez mais difícil, quanto à instalação geográfica. Importa-lhes, efetivamente, usufruir todas as vantagens oferecidas pelas técnicas modernas sem sofrer os inconvenientes. Novos tipos de localização em regiões mais agradáveis de serem habitadas e melhor providas dos serviços mais requisitados (Grenoble na França) substituem as antigas fixações nas sombrias regiões carboníferas ou nos tristes subúrbios.⁵⁰

George detinha um conhecimento acurado. Obteve reconhecimento na França, onde era chamado para dirigir ou compor equipes de planejamento e gestão. Foi um geógrafo sagaz e crítico. Testemunha dos avanços alcançados pela geografia francesa, desenvolve um julgamento severo em relação ao excessivo nível de fragmentação da ciência geográfica. É mordaz e rigoroso quando revela os diversos compartimentos incomunicáveis dos laboratórios e núcleos de pesquisa.

Pierre George em seu magnífico livro *Le Métier de Géographe*, comemorativo de seus cinquenta anos de geografia, reúne um conjunto de artigos que revelam suas inquietações, suas angústias com o rumo da ciência geográfica. Nos *Annales de géographie*⁵¹, discute as “Dificuldades e incertezas da geografia.” O texto revela um profissional atualizado com os acontecimentos. Trata-se de um texto precursor, em que George coloca a interrogação da categoria que pergunta – “Será a geografia realmente uma ciência em si mesma, considerando o que ela faz com seus métodos e suas diligências?” Tentando responder a esta pergunta e diante das dificuldades encontradas pela geografia, o autor prossegue com seus questionamentos – O que resta da geografia? Um letreiro sobre a porta de onde partem corredores que

⁵⁰ GEORGE, P. “Alguns Problemas do Estudo Geográfico da População”. In: _____. *Visita de mestres franceses*. Rio de Janeiro: IBGE, 1963. p. 31.

⁵¹ GEORGE, P. *Annales de géographie*, LXXXV, 1976. p. 48.63.

conduzem aos laboratórios de geomorfologia, de pedologia, de sedimentologia, de climatologia, mais ou menos meteorológico, mas também de estruturas agrárias, de demografias, de urbanismo, de estudos de transportes, onde se duelam técnicos que se ignoram uns aos outros”. Critica o cientificismo dizendo que ele só conduz a setorialização e à fragmentação e que o mesmo deságua no esquematismo com tendência ao perfeccionismo.

Seu amadurecimento se expressa no desenvolvimento de uma consciência crítica quando fala dos limites da ciência geográfica face aos desafios impostos pelos novos tempos.

Chega um momento onde o arsenal do geógrafo parece desusado e inadequado para prosseguir um movimento que se diversifica e se acelera ao ponto que o sistema universitário tradicional com a produção de teses exaustivas, incapaz de seguir o ritmo dos eventos, parece totalmente inadaptado. (GEORGE, 1990).⁵²

Cobrava da geografia mais coerência, mais objetividade. Afirmava: “Uma ciência se define por seu objeto e por seus métodos. Todo método que não se adapta ao objeto é inadequado”⁵³

Dentre outras publicações do Prof. George sobre o Brasil citamos: “Originalité des capitales des pays tempérés de l’Amérique Latine”, Revista Geográfica, Instituto Pan-americano de Geografia e História, Rio de Janeiro, dec. 1967, p. 31-42; “Des routes de l’aventure aux pullmans des autoroutes au Brésil”, Transport, Paris, 1959, p. 112-118; “Aire Métropolitaine, conurbation ou région industrielle, les cas de São Paulo”, dans Régionalisation de l’Espace au Brésil, Bordeaux, Centre d’Etudes Géographiques des régions tropicales et Paris CNRS, 19971, p. 175-183.

⁵² George, P. *Le métier de géographe*. Paris: Armand Colin. 1990. p. 81.

⁵³ Id. *Ibid.*, p. 81.

O período conhecido no Brasil como o de renovação teórica e metodológica da geografia coincide com o início de um forte distanciamento dos geógrafos brasileiros em relação às posições do Prof. Pierre George. Entretanto, o volume de sua obra, o número de edições alcançadas por vários de seus livros comprova a importância que ele assumiu no Brasil.

4.1.5 Novas alianças: Rochefort e Kayser, o urbano e o rural

As considerações do Prof. Carlos Augusto Monteiro sobre a contratação do Prof. Rochefort pelo IBGE e o número de viagens de estudo, de pesquisa e assessoria que fez ao Brasil indicam a significância de sua presença entre nós e o reforço que será dado nas relações entre os dois países no que concerne ao intercâmbio científico e cultural. O Prof. Rochefort simboliza um período de grande procura da França para a orientação de teses e, nesse quadro, assume um papel preponderante.

A influência de Michel Rochefort não apareceria apenas nos trabalhos baseados na aplicação de seu método. Suas idéias, sua orientação no modo de encarar o problema de redes urbanas ficariam registradas em outros trabalhos recentes, independentemente do método de estudo adotado.⁵⁴

Com vistas a um maior aprofundamento de sua entrada em cena nas relações científicas entre os dois países, optou-se pela transcrição integral da entrevista realizada em dezembro de 1992 em Paris:

⁵⁴ CORREIA, R. Lobato. "Os Estudos de Redes Urbanas no Brasil até 1965". In: GEOGRAFIA URBANA, Comissão de Geografia, IPGH, N° 274 Rio de Janeiro, 1968, p. 192.

Entrevista com o Professor Michel ROCHEFORT

Dentre as várias atividades desenvolvidas por Michel Rochefort no Brasil, a mais conhecida é a de assessor. Entretanto, também exerceu atividades ligadas ao ensino. Diz o mestre que ensinou seja para a aplicação da geografia ao serviço do “aménagement”, seja para a pesquisa e o ensino propriamente ditos, só em algumas missões.

Eu estive, por exemplo, um ano na Universidade de Recife, em 1961-1962, passei o ano letivo para ensinar Geografia, mas a geografia aplicada, geografia visando o ‘aménagement’ do território. A aplicação da geografia ao ‘aménagement’ regional e urbano.

Prossegue o professor:

Depois eu participei de missões essencialmente para as quais eu fui convidado para serviço de “aménagement”. (1966-1967) em 1966 via CEPAL e em 1967 no IPEA. Quem dirigia o IBGE, naquela época era Mme. Velloso. Depois, eu trabalhei no CNPU - Comissão Nacional de Políticas Urbanas, e a partir de 1974, com interrupção em 1967-68, na cidade de S. Paulo, com Maria Adélia no Ministério do ‘Amenagement’ ou Secretaria de Estado de Planejamento, no Programa de Cidades de Porte Médio. Eu trabalhei em Brasília no CNPU e cada vez eu fazia conferências nas Universidades; mas eu não havia ido diretamente para ensinar.

Sobre as atividades mais recentes diz:

E somente há alguns anos eu fiz missão especial para ensinar no quadro de cooperação técnica entre França e Brasil (CAPES/COFECUB), em Salvador e Belém. Estive em Brasília em missão do CNPU. De outra vez fui a Fortaleza proferir algumas conferências. Estive no Brasil, creio que vinte e seis (26) vezes a partir de 1956. Fui vinte e seis vezes ao Brasil e cada vez que eu fazia conferências nas Universidades, posso dizer, em todas as universidades brasileiras.

Sobre as conferências proferidas assim se manifesta:

Eu fiz conferências em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, S. Paulo, mas também em Presidente Prudente, Recife, Salvador, Belém, Brasília, Vitória e a cada vez ensinar era uma função secundária em relação à missão principal que era de cooperação técnica e de serviço do 'aménagement' brasileiro para aplicação da geografia. E cada vez a serviço do acordo de cooperação entre a França e o Brasil. O primeiro acordo, eu penso, que data de 1948. Você sabe, havia um serviço permanente de cooperação técnica entre a França e o Brasil. Penso que M. Pebayle foi o último francês que esteve no Brasil por esse acordo. É possível. Eram acordos firmados com objetivos acadêmicos. Os que eu participava eram acordos de cooperação técnico-científica, mantidos por órgãos oficiais dos negócios estrangeiros da França. Esses acordos com o Brasil financiavam minha missão e, secundariamente, o Brasil me convidava para fazer conferências nas Universidades. Eu comecei a ter responsabilidades na Secretaria de Planejamento (1974), onde a Profa. Maria Adélia de Souza era coordenadora de Ação Regional. Meu papel universitário consistia em receber alunos com suas pesquisas, suas teses. Eram alunos oriundos de várias universidades do país e para mim, essa atividade significou mais do que ensinar no Brasil.

Rochefort, com sua argúcia, ajusta seu discurso, adaptando-se à realidade do país. Diz que o Brasil de hoje é bem mais complexo. Tratar o país como um todo é muito difícil para um estrangeiro. Hoje, os pesquisadores tendem a pesquisar estados da federação ou regiões. Evidencia que cada vez mais se focaliza o “particular”; conforme o aprofundamento dos mecanismos de orientação da geografia nova, a geografia dos atores, a análise dos mecanismos; “eu creio que quando se passa da descrição da paisagem à análise dos mecanismos da relação entre espaço e sociedade, de todo o modo na geografia dos atores estuda-se o “particular”, para perceber melhor essas verdadeiras relações.

Passa-se a uma geografia de correlação onde há a paisagem assim é uma outra coisa etc. Quando modifiquei essa parte de minha atividade, assumi na condição de professor no Togo, na Universidade de Daomé, para concluir uma tese sob minha direção. Bem, eu sempre tentei mesmo quando eu estava no Brasil, continuar com a atividade de cooperação e com a pesquisa urbana na África, ou melhor, no Maghreb, África Tropical. Eu dirigi um considerável número de teses lá, sobre o Maghreb, particularmente sobre a famosa tese de Signolles, na Tunísia, discutindo o espaço tunisiano, eu dirigi ainda e acaba de ser defendida uma tese muito interessante que se chama “Pobreza urbana e mobilidade residencial em Marrakech.” Motivado com sua prática profissional como diretor de pesquisa, o professor prossegue versando sobre o tema e conteúdo da tese, especialmente no que concerne à abordagem metodológica adotada.

Trata-se de um novo esquema de orientação, que toma o fenômeno social da pobreza para compreender como se explicam os mecanismos de troca de residência no interior do espaço urbano ou suburbano, a segregação socioespacial e a mobilidade dos pobres na pesquisa da habitação onde eles não são só marcados pela simples segregação, mas têm uma capacidade de mobilidade dentro dos espaços da pobreza. Você poderá dizer que esses espaços da pobreza integram uma dinâmica porque há, sobretudo, no caso dos imigrantes, um espaço de ‘acolhimento’. Trata-se de espaços de solidariedade de alguém. Só assim, conseguem escapar da história da pobreza.

Opinando sobre a relação França-Brasil no tocante a atividade acadêmica voltada para a geografia quando discute as fases dessa relação, diz que

os dois países viveram momentos de forte aproximação, momentos de aparente ruptura e outros, marcados pela ausência de brasileiros matriculados em cursos de pós-graduação na França. Alem

disso, parece que há enfoques teórico-conceituais diferentes, principalmente no momento em que na França a discussão em torno da queda do marxismo já havia sido incorporada, ao contrário do que se deu no Brasil.

Afirma que a dinâmica é extremamente lógica, que são duas questões diferentes do ponto de vista da relação entre o pensamento francês e a geografia brasileira. Sobre sua atuação noutros países e seu olhar sobre a geografia, afirma: “Dentre os países que eu colaborei, eu percebi que há uma dinâmica onde, de partida, se recebe certo número de conceitos, de noções, de uma geografia que se quer universal, mas que é francesa e, então, que tem conceitos e noções que são marcados ao mesmo tempo pela estrutura do pensamento francês e a originalidade do espaço francês onde ela foi trabalhada. Isso e a infância quando se recebe conceitos e noções dos outros; e depois há, necessariamente, o momento em que alguém se rebela - e isso é legítimo! Esta revolta contra esses conceitos é o momento da busca da autonomia, é buscar sua autonomia sobre o planejamento dos meios. Finalmente, os brasileiros estão muito ligados ao estudo de seu país. A geografia brasileira recebeu noções externas, mas os brasileiros aplicaram-nas à compreensão de seu país e é verdadeiramente, uma nação onde a geografia está mais ligada à ideia de nação. Você falou que os geógrafos do Conselho Nacional de Geografia e os das Universidades estavam muito ligados a certo papel social que eles deviam desempenhar enquanto geógrafos para melhor conhecer e fazer conhecer seu país. É um verdadeiro nacionalismo, respeitável, e necessário. Em certo momento, há uma rebelião contra os conceitos estrangeiros e, melhor dizendo, para compreender o Brasil é necessário encontrar qualquer coisa que seja mais adaptada a essa realidade que se quer analisar, é encontrar formas de compreender as relações

com a sociedade brasileira. Então há uma busca – a sociedade brasileira específica, vê que nossa geografia é uma adaptação da busca espacial dessa estrutura particular da sociedade brasileira na medida em que não é mais o espaço dessa sociedade. Ora, nesse momento o verdadeiro marxismo é muito importante nessa busca das relações entre a sociedade e o espaço. Ora, temos toda uma geração de geógrafos brasileiros demasiadamente marxistas e, pode ser com uma grande tendência a rejeitar tudo que não seja necessariamente brasileiro. Eu posso aceitar essa tendência porque eu falo português, é mais fácil, mas é verdadeiramente, uma atitude que se chama de rebelião positiva. Há esse movimento e podemos afirmar sem citar ninguém que há certo número de geógrafos brasileiros para os quais essa corrente da geografia realizada no Brasil que se quer crer independente, mesmo continuando a fazer teses na França. Querem desenvolver teses e textos muito marxistas numa hora em que a França coloca em questão toda a estrutura marxista do pensamento e, então, esses textos são mal aceitos. É verdade. Isso provocou certas dificuldades. Então, quero acrescentar que o Brasil conheceu uma fase difícil de sua ditadura militar que não facilitou uma aproximação com a França. Eu fui criticado por ir ao Brasil durante a ditadura militar, me diziam: “Ah! O que você vai fazer lá... etc.? E eu trabalhei com pessoas que eram contra a ditadura militar, que eram contrárias e denunciavam e foram a sustentação moral de nós todos. É evidente, e isso é verdade, e depois não sei porque, houve uma renovação da geografia francesa e há uma bela fase da geografia brasileira e elas são capazes de se aproximarem, mas, agora são relações adultas. Houve a fase infantil quando o Brasil se formou pelos mestres franceses; houve a fase da adolescência quando a geografia brasileira rejeitou os pais e, enfim, agora, tem relações adultas quando se discute, se troca, mas não há qualquer supremacia de uma sobre a outra. Mas eu

penso agora fazem 15 (quinze) anos e eu repito cada vez que vou ao Brasil que há muitas coisas no Brasil da parte dos geógrafos brasileiros, muito mais do que tudo que geralmente se pensa e se espera. Tudo o que se pensa é justamente desvencilhar-se dos conceitos gerais, pois o Brasil se fechou na geografia brasileira. As abordagens que os franceses podem fazer é uma abordagem de comparação, abordagem de outro país. Por conta de minha especialização sobre cidades do Terceiro Mundo eu relaciono, mas é diferente na África, é diferente na América mas a compreensão da geografia brasileira tem sido infinitamente mais aprofundada pelos geógrafos brasileiros do que por tudo que podem fazer os franceses. Os franceses não fazem mais do que pesquisas específicas, como por exemplo, sobre o setor informal no quadro das comparações com o resto, mas a geografia brasileira, ela pertence agora aos brasileiros e é por isso que eu me sinto um tanto desconfortável de ver livros sobre o Brasil escritos pelos franceses sem colaboração brasileira. Eu penso que chegou o tempo que para se escrever sobre o Brasil, se a França vai publicar um livro sobre Geografia do Brasil, é necessário pedir a um brasileiro que o escreva e os franceses devem traduzi-lo. Nós, os franceses e vocês, os brasileiros, temos relações adultas de comparação, então a geografia brasileira trata sobre o Brasil e nós lhe traremos a visão de outros espaços, e se traduz, se compara.

Indagado sobre o fato de se produzir no país uma geografia muito brasileira, e se isto seria um problema ou uma condição devido à complexidade do país, quanto à sua extensão e superfície, respondeu:

É qualquer coisa que foi criada porque os brasileiros têm essa motivação nacionalista e os geógrafos brasileiros são, muitas vezes, pessoas engajadas que querem fazer qualquer coisa por seu país. São estudiosos do país e percebem que esse país é tão complexo que é suficiente como laboratório de estudo, e há as tais diferenças

entre a Amazônia e o Rio Grande do Sul”. Completa sua fala, aborda a questão cultural dizendo: “Um problema que ainda não foi resolvido é o da relação entre a geografia brasileira e a geografia dos demais países da América do Sul.

Prossegue:

Isso não foi resolvido ainda porque vocês têm mais facilidade de se relacionarem com os europeus e com os americanos do norte do que com seus colegas da América do Sul. Esse é um problema que pode ser resolvido, mas carece de tempo. Nos colóquios, nos congressos atuais, o que me parece de mais interessante é essa afirmação da geografia no Brasil. Firma-se como a única que conhece os problemas brasileiros. Que conduz esse conhecimento a uma discussão geral com outros geógrafos, mas, que não acrescenta o que deve ser traduzido. Agora é verdade que isso deveria existir para os outros países da América do Sul. Sonho com um congresso em que geógrafos do Chile, do Peru, da Colômbia, da Argentina e os brasileiros realizem trocas de igual para igual sobre um assunto que seja de interesse latino-americano. (Entrevista – Encontros EGAL).⁵⁵

Perguntado se as relações seriam as mesmas entre os franceses e os brasileiros, ou seria diferente entre os franceses e os peruanos ou entre geógrafos de outros países como o México, países que não têm uma escola de geografia ainda reconhecida, respondeu: “Esse é o problema. A geografia nos demais países da América Latina não conheceu a mesma evolução que a geografia brasileira. Há certos países que têm escola geográfica, mas há outros que têm vantagens na sociologia urbana e não têm a mesma abordagem e por isso vocês têm dificuldade de ir até o fim. E eu penso que essa geografia adulta do Brasil tem a fiança inicial da França que criou a escola brasileira de geografia que começa

⁵⁵ A entrevista foi concedida antes da afirmação da realização dos encontros do EGAL, espaço privilegiado da geografia latino-americana.

com vantagem e vocês tem muito mais facilidade de conversar com o Maghreb, com a África negra porque há essa espécie de ponto de partida. Há, agora, melhor que antes, os conceitos fundamentais que são os conceitos da escola francesa. É o que faz diálogo mais fácil, mesmo se cada um evoluiu, encontrou seu próprio saber, seu próprio conceito e mesmo uma base que permita o diálogo vem mais facilmente do que com outros países que não conheceram a mesma evolução.

Retomando a questão da fase rebelde ocorrida nessas relações entre os dois países, no que Rochefort classifica como a infância e a adulta, provoqueei o professor dizendo que para nós, brasileiros, especialmente para mim, havia indícios que teriam acontecido mudanças na França, uma espécie de rebelião interna e que ele assumiu papel de destaque quando trabalhou o conceito de “aménagement” de território, de “aménagement” urbano. Rochefort acata a provocação e responde: “Certamente tanto no Brasil quanto na França há sempre numerosas “familles d’esprit” ou correntes de pensamento e há pessoas e há ainda geógrafos velhos no Brasil que permanecem no estado infantil. E há ainda geógrafos brasileiros que estão na adolescência, que são ainda extremamente rebeldes a toda colaboração estrangeira, dizendo que o Brasil é dos brasileiros e há geógrafos brasileiros adultos. Na França também. Há geógrafos que representam a geografia francesa de quarenta anos atrás, que não evoluíram e há rebeliões internas, seguramente. Eu segui muito a rebelião da AGB contra seus mandarins em 1978, em Fortaleza, mas isso foi um julgamento muito excessivo, duro. Mas há um esforço para esclarecer o quadro que foi ultrapassado. Há pessoas as quais é necessário dar atenção. Eu, por exemplo, sou muito amigo de Manoel Correia de Andrade e para mim é um amigo muito profundo, um grande amigo, e fico muito magoado de ver Manoel Correia de Andrade rejeitado pelos jovens, jovens geógrafos um

tanto exagerados. Isso faz mal. O Brasil é sempre um pouco violento, é a violência da sociedade brasileira. E aqui na França há certamente renovações, rebeliões, mas são sempre com nuances diferentes e são sempre de “familles d’esprit”, que são diferentes umas das outras, são tendências diferentes e pode-se dizer isso da geografia francesa como se pode dizer também a Geografia brasileira. Há tendências que eu conheço bem do lado dos franceses e do lado dos brasileiros, as únicas que eu conheço e que fragmentam a Geografia”. Prossegui na provocação dizendo que na França há especializações a exemplo de Strasbourg que desempenha na geografia, um papel diferente daquele de Bordeaux, de Toulouse, de Paris. Rochefort acata e continua com seu discurso revelador: “É verdade, isso foi reafirmado por personalidades”. A Geografia francesa durante muito tempo, porque era um sistema de mandarinato, foi dominada por algumas personalidades que, ao mesmo tempo, tinham o poder nas universidades da província. Enquanto que em Paris há uma multidão de professores de tendências diversas, há em Strasbourg Tricart, que marcou a Universidade. Em Bordeaux, Lasserre obteve o reconhecimento de sua orientação. O mesmo acontece com Labasse, em Lyon. Há mais casos de muitas personalidades etc. Mas isso passou, foram momentos. Atualmente as universidades são bem mais variadas.

Sobre o grupo RECLUS e da Maison de Géographie de Montpellier – MGM, pergunta-se se seria a nova Geografia francesa de hoje. Com a calma que lhe é peculiar afirma: “Não é uma Geografia francesa, é uma orientação, mas uma orientação no meio de tantas outras. Isso para mim não representa o futuro da geografia, representa uma tendência que é dotada de recursos muito interessantes, meios, técnicas e financiamentos importantes e que vai até o fim dessa tendência que é a da utilização de técnicas modernas, de bancos de dados, para chegar a uma

cartografia moderna, mas eu penso que isso é extremamente reduzido em relação à geografia que me interessa que é a geografia dos mecanismos, da compreensão da interação entre mecanismos sociais, econômicos, espaciais e que recusa essa forma moderna de encontrar a descrição da paisagem. Mas quando eles chegam a fechar conclusões sobre os mecanismos, torna-se muito perigoso. Eu trabalho muito com “aménagement” do território e penso que tirar como eixo privilegiado do desenvolvimento europeu, o que eles chamam de “banana”⁵⁶, penso que isso faz um mal enorme porque é uma visão simplista do espaço. O Grupo tem muitos recursos, meios enormes e tem um líder que é meu amigo, que é Roger Brunet que fez muito, mas é sempre uma orientação, uma orientação útil, uma nova postura de técnicas modernas, uma nova forma de trabalhar o espaço e dados estatísticos. Isso não é, para mim, a Geografia total, mas é um aspecto interessante da Geografia que é a nova descrição do espaço graças aos novos tratamentos de dados, mas pode-se enganar de modo muito grave na compreensão dos mecanismos; por isso, é necessário esse esforço para compreender a Geografia de atores, porque são os atores da interação entre o econômico, o social e o espacial, o domínio da geografia que me interessa, é sobre o que eu trabalho e trabalhei. Eu não digo que isso não é geografia, mas um passo geográfico complementar e uma ajuda a outra, mas uma não tem supremacia em relação a outra e as duas são importantes e se você quer fazer ‘aménagement’ do território, isso não basta. Não basta a descrição, é necessário compreender os mecanismos porque são os mecanismos que fazem agir. Para mim, neste momento, penso que a geografia que é

⁵⁶ A “banana” apresentada em carta prospectiva do grupo RECLUS corresponde a uma faixa que se estende em diagonal NW /SE em relação ao continente europeu estendendo-se da Inglaterra, região da bacia de Londres até o Norte da Itália, região de Turim e Milão.

mais útil para a sociedade, é a geografia que permite ver para agir e mudar qualquer coisa na relação espaço-sociedade. E para agir, mudar qualquer coisa, é necessário compreender os mecanismos. Se não se compreende os mecanismos, não se muda nada. Por isso, eu respeito muito o grupo Reclus, mas, para mim, não é geografia. Claval tem uma orientação diferente da minha, mas eu respeito enormemente seu caminho que é compreender os domínios culturais. Há uma brecha, uma brecha marcada pelo marxismo - não ele, mas eu - mas uma brecha privilegiada dos mecanismos sociais e econômicos e se pensa que o social é ligado ao econômico, não é senão a expressão entre o social e o espacial; o social é também o cultural e então se quer compreender, é necessário simplesmente conhecer não só os mecanismos sociais e culturais, mas como o cultural tem um papel importante nos mecanismos de interação entre a sociedade e o espaço. E por isso o trabalho de Claval é um trabalho tão importante. O mesmo esforço é necessário para compreender as interações entre espaço e sociedade. Claval é culturalista e eu, por outro lado, abordo o econômico do social mas as categorias sociais são vertentes complementares”.

Sobre singularidade da geografia, buscada tradicionalmente nas relações entre a Geografia Física e a Geografia Humana, seus braços mais importantes; considerando que afirmamos frequentemente que o espaço é social, pergunto ao Prof. Rochefort, se neste caso não estaríamos atribuindo à Geografia Física, uma função puramente instrumental. Em sua resposta, Rochefort revela seu profundo conhecimento da ciência geográfica, uma compreensão que dá sentido às questões ligadas à singularidade da geografia. A propósito responde que “para a França é muito grave porque em nosso percurso tivemos necessidade de conhecimento físico do espaço, conhecimento do domínio natural, necessidade mais e mais de conhecimento do meio

ambiente, mas temos também necessidade de conhecimento enquanto mecanismos atuais de relação entre a sociedade e seu meio natural. Desse modo, é toda a Geografia Física que vai nos fornecer os dados, porque a mesma é orientada para a análise do meio ambiente, sob o aspecto físico do meio ambiente e sob o aspecto da influência como a geografia dos riscos naturais - uma geografia indispensável. Mas a Geografia Física não quer só isso ela quer ser uma geografia que explique o meio natural, que explique como o fundo de um quadro num desenho, mas também a sua evolução, a realidade da natureza e o percurso das ciências naturais, e nessas, a geografia é muito mal aquinhoada, porque a Climatologia o fez, a Geologia o fez, a Meteorologia fez, sem dúvida, muito melhor. E a Geografia Física, ou ela aceita tornar-se geografia do meio físico nas suas relações com a sociedade, o que é indispensável e ninguém discute, ou será simplesmente uma Geografia Física da compreensão das ciências da natureza, da compreensão da natureza e, nesse momento a Geografia se perde”. Lembro ao professor que no Brasil essa discussão tem sido recorrente e ele continua: “a Geografia humana nós sabemos, é o espaço social, é social, mas é espaço. Mas os dados do espaço não é qualquer coisa maleável, é a realidade, é a interação entre atores. Os atores são a realidade física do espaço.”

Poucos profissionais conheceram o Brasil com o nível de aprofundamento como o construído por Rochefort. Esteve no Brasil vinte e seis vezes e nessas idas e vindas, pode falar do papel exercido pelo Brasil em sua formação e no seu itinerário intelectual. Instigado pela indagação responde: “Ah, isso foi muito importante! O Brasil representou para mim, posso dizer, desde 1956, a descoberta de que a geografia não se reduzia ao mundo desenvolvido. Antes eu era verdadeiramente muito francocêntrico. Daí, eu comecei a perceber que havia uma realidade que me deu ao espírito a ideia de que era necessário, antes de tudo,

partir da realidade de uma sociedade para compreender a Geografia Humana. Antes, humanizar conceitos gerais – humanizar a cidade, humanizar etc. e não via até então a realidade da cidade relativa à estrutura da sociedade. Eu descobri uma sociedade muito diferente no campo, no mundo rural, com a herança dos fazendeiros, descobri também uma sociedade urbana muito diferente com o peso da pobreza e nesse percurso eu me disse, ‘bem, essa sociedade tem particularidades e é necessário que eu relativize minha geografia humana à realidade de cada sociedade’. Isso para mim foi um despertar, e a partir desse despertar eu percebi que havia uma diferença fundamental entre países desenvolvidos, desculpe-me, e países subdesenvolvidos e foi em seguida, que partindo do conhecimento brasileiro, eu me interessei pelo conjunto do que chamamos Terceiro Mundo. Agora o Brasil se afasta um pouco desta condição, eu comecei a trabalhar a África, fazendo pesquisas sobre o Daomé etc, mas o Brasil esteve sempre em meu pensamento. Essa descoberta, ao mesmo tempo pela descoberta do Brasil e pelo o que os geógrafos do Brasil me disseram do Brasil e o que fiz no Brasil, no período de 1956 até 1961. Não se pode esquecer que entre 1960 e 61 eu passei um ano e meio no Brasil. E nesse ano e meio com Manoel Correia de Andrade, e com Mario Lacerda de Melo eu fiz uma ‘tournée’ pelo interior do Nordeste brasileiro onde passei dois meses e lá vi que meus conceitos de ‘cidade’, que meus conceitos de ‘campo’ caíram por terra... e isso foi fundamental para mim, e então eu me tornei um outro geógrafo, diferente daquele que fizera uma tese sobre a organização urbana da França”.

Aproveitei o momento e disse que tinha muito interesse em discutir a questão da Geografia Tropical e da Geografia Colonial, no contexto das relações travadas pelos franceses com o Brasil. Indago da possibilidade de se encontrar algum ponto em comum entre as concepções. De imediato, Rochefort mos-

trou seu largo e profundo conhecimento. Adentrou no âmago da indagação e deu amplas oportunidades de se estabelecer as relações quando afirma que “A partir do olhar da geografia francesa, a geografia aplicada aos estudos de Brasil é, de certo modo, semelhante ao método de análise da Geografia Tropical e da Geografia Colonial. Claro que isso sob o ponto de vista dos geógrafos franceses (risos). Eu penso que eu nunca fiz Geografia Colonial e nunca fiz Geografia Tropical, porque para mim, uma e outra são conceitos falsos. Uma é uma realidade temporal para certos países, para um determinado país... mas eu me referi à geografia dos atores. Em certos países, há certos atores, que em certo período, houve colonialismo. Então há o fato colonial com os atores da realidade socioespacial atual. A Geografia Tropical diz que o meio tropical é também um ator. Dizem do meio, é verdade, que a geografia é de fato semelhante ao meio físico natural, tropical. Mas é ainda um elemento. É necessário compreender as relações globais entre a sociedade e o espaço, como na sociedade africana. É verdade que na sociedade africana há uma realidade colonial que foi muito usada, que há uma realidade tropical, mas há também o povo, esse povo que foi colonizado, que fazia alguma coisa antes e outra coisa após. Então é necessário sempre, fazer a geografia de cada sociedade em suas relações com o espaço e, para mim, sendo tropical ou colonial, as duas são elementos no sentido de uma globalização que é necessária atender. Eu penso de fato, que eu não fiz nem Geografia Colonial, nem Geografia Tropical. Eu penso, embora isso seja desagradável para alguns colegas, que certos geógrafos franceses fizeram muito de Geografia Colonial na África e Geografia Tropical no Brasil e daí privilegiaram seus conceitos parciais da Geografia”. O grande mestre, profundo conhecedor da geografia brasileira olha para mim esboçando um sorriso e me pergunta: “Eu respondi”? Nessa fase da

entrevista, eu estava entusiasmado com o resultado alcançado. Rochefort, motivado pelo assunto e afável, como de costume, prosseguiu:

Em matéria de Geografia, temos hoje na França, orientações que eu respeito profundamente, como é o caso da Geografia quantitativa que traz uma visão infinitamente mais sólida da realidade. Ao contrário, ao nível da compreensão das relações ela é frágil, posto que a análise fatorial estabelece uma correlação e não a compreensão do papel de cada um dos grupos de atores no mecanismo de interação entre a sociedade e o espaço. Esses mecanismos de interação suprem análises infinitamente mais precisas do que pode fazer a geografia quantitativa. E isso consiste em conhecer o ator e conhecer o mecanismo de poder sobre o espaço de diferentes sociedades.

Sobre seus projetos de pesquisa desenvolvidos na atualidade e sobre a Geografia dos atores, diz:

É aí justamente, que, efetivamente, teve-se a fase onde o marxismo deu uma aparência muito fácil porque a Geografia dos atores é a tradução no espaço, da luta de classes. Isto passou, sabe-se alguma coisa e é muito útil para a evolução. Isto se perdeu, é verdade, e é necessário agora se recuperar certo número de forças que ajam ordenadamente sobre o espaço, sobre o urbano e, se você quiser que ajam com temporalidades diferentes. A Geografia dos atores já ensaiou discutir a temporalidade de cada grupo de atores. Dessa forma encontra a ideia de herança da estrutura anterior. A Geografia dos atores compreende que há atores cujo papel está ainda aí, porque há permanência do que fizeram no espaço e há temporalidades diferentes ao mesmo tempo na forma como agiram sobre o espaço e na forma como a ação sobre o espaço encontra a permanência. É difícil mudar.

Quando define o perfil de cada ator e os resultados de suas ações diz: “Você deve decidir quem pode agir sobre o espaço e no ato de decidir você não tem apenas o Estado, e sim, o poder

publico em conjunto, em diferentes escalas”. Dissertando sobre o poder público afirma: “Desta forma, é o poder público que é revestido de poder sobre o espaço. Neste momento, o problema é saber em nome de quem ele age sobre o espaço e você encontra o dilema da falta de ideologia e se pode dizer, que age sobre o espaço a serviço do capitalismo; ou não, que usa o espaço a serviço do bem comum, ou age sobre o espaço em função de certo número de preconceitos e de certo número de modelos que tem na cabeça. Isso é muito difícil de ser reduzido a uma teoria. Quanto à ação do poder público, ela se faz através de pessoas que têm o poder e que buscam um modelo, seja ele ideológico, sentimental ou um modelo de interesse. Há alguns estudos, por exemplo, sobre o papel do prefeito no processo de periurbanização ao redor de Paris e vê-se a motivação do prefeito pela análise do que ele vai fazer quando tem que decidir qualquer coisa. Você vê, nos atores públicos em diferentes escalas, quais são suas motivações. Há um papel marxista dos interesses em relação ao capitalismo. Eu penso que existe uma junção de modelos e também de concepções de interesse geral, de interesse particular etc. Você vê os dirigentes da empresa privada para os quais o espaço é uma fonte de rentabilidade e você assiste a todo um jogo estratégico territorial desses dirigentes que têm agora grande poder de mobilização porque podem decidir a localização de suas atividades. E então, o que há, é uma estratégia territorial dos dirigentes de empresas privadas, e há também, o papel do habitante comum, que pode tornar-se cidadão no sentido pleno caso ele se organize em associações, em comitês para agir sobre o espaço. Ao tornar-se um ator e, dessa junção, tornar-se, ao mesmo tempo, entre o ator público, o ator privado enquanto dirigente, e o das forças sociais, se expressando em associações de moradores em relação ao espaço, podem fazer uma interação entre os dados efetivos do espaço visível”.

Encerrando a entrevista afirma: “Há uma nova dinâmica dos grupos sociais e há também o fenômeno de exclusão que perpassa a posição do indivíduo na concepção marxista de lutas de classes. E há também, o fenômeno de exclusão que ocorre no domínio do trabalho de pesquisa, quando se teoriza. Nesse momento, a pesquisa estuda todos os mecanismos de exclusão, de um grupo por outro e, justamente, estuda-se esses mecanismos para se chegar a teorizar”.

Michel Rochefort representa, pode-se dizer, a fase de permanência e reatamento mais intenso de relações entre a França e o Brasil no campo da geografia. Sua primeira vinda ao Brasil, como participante do XVIII Congresso Internacional de Geografia, da UGI⁵⁷, marcou o início de um longo período de atividades na área do planejamento urbano e do *aménagement* do território. No Brasil, Michel Rochefort fez escola. O antigo Conselho Nacional de Geografia do IBGE foi o centro de irradiação de suas ideias, logo propagadas pelo país. O chamado método Rochefort de análise das cidades e do fenômeno urbano atraiu um número considerável de geógrafos, todos de comprovada qualidade e de renome. Profissionais que ocupavam pastas importantes nos órgãos voltados ao planejamento a ao *aménagement* do território e gestão do espaço.

Michel Rochefort se tornou figura proeminente no mundo acadêmico da geografia. Na França, no momento da pesquisa, permanece no magistério na Universidade de Paris-I, Sorbonne, onde orienta teses de alunos vindos dos lugares mais distantes do mundo. Alcançou grau de respeitabilidade acadêmica a partir de suas teses e práticas de Geografia aplicada que lhe garantiram acesso aos meios oficiais e acadêmicos franceses. Atuou com

⁵⁷ Sobre a participação da comitiva francesa no referido evento vide: VALVERDE, O. “La coopération française dans la géographie bresilienne.” In: CARDOSO, L. C. e MARTINIERE, G. Op. cit.

intensidade nos órgãos de planejamento, interagiu com profissionais técnicos de diversas áreas do conhecimento, ganhou notoriedade e respeitabilidade e, ao mesmo tempo, tornou-se grande divulgador da geografia francesa. Na Sorbonne, sua prática profissional foi logo reconhecida e valorizada. Tal fato pode ser comprovado pelo enorme poder de atração que exercia sobre diversas áreas do conhecimento. A maioria das teses por ele orientadas foi desenvolvida por profissionais advindos de áreas outras que não a Geografia. No Brasil, os geógrafos mais antigos conhecem bem suas obras e muitos tiveram suas teses dirigidas por ele.

Suas vinte e seis viagens ao Brasil comprovam quão estreitas foram suas relações. Um dado importante a destacar é o efeito do país, com sua espacialidade, com sua singularidade nas formulações do eminente professor. O relato de sua experiência no Nordeste brasileiro, quando afirma de forma categórica que “caíram por terra seus conceitos de rural e de urbano.” Tal afirmação conduz à valorização desse processo de troca, de intercâmbio no processo de construção do saber científico. A geografia brasileira muito incorporou em suas reflexões com situações similares. A ampliação dos horizontes e o desvendamento de formas e relações foram fundamentais para o avanço da ciência.

Diversos geógrafos utilizaram o método Rochefort ao estudarem aspectos da Geografia Urbana de diferentes áreas brasileiras. Os resultados a que chegaram podem exprimir a realidade funcional do espaço estudado, na medida em que outros elementos foram utilizados para o conhecimento da vida de relações. (CORREA, 1968).⁵⁸

Michel Rochefort demonstrou conhecimento profundo e detalhado das questões brasileiras, indicando durante as entre-

⁵⁸ CORREA, R. Lobato. Op. cit., p.190.

vistas situações ligadas à formação do país, condição e nível de proposição da geografia brasileira.

Na geografia francesa, Rochefort permanece como nome de grande referência. Isso não quer dizer que o professor em questão ainda participe de eventos acadêmicos. Entretanto, tem estado presente noutras manifestações a exemplo de sua participação em programações do porte do *Les Entretiens de la ville*, nos quadros do “Espaces & Citoyenneté” com a conferência “Voies de communication et flux” realizada em 7 de abril de 1993.

Essa situação talvez esteja vinculada à extrema dedicação do professor Rochefort a Geografia Aplicada, manifesta em forma de *aménagement* urbano e do território. No que se refere à presença ou influência de geógrafos franceses no Brasil percebe-se certa substituição por outros especialistas franceses. Na verdade, o país investiu pouco nos últimos anos em políticas espaciais mais consequentes, principalmente no que se relaciona aos projetos oficiais do governo federal. Esse vazio foi preenchido por técnicos locais e no caso de assessorias estrangeiras, os sucessivos cortes de verbas do governo federal têm inviabilizado sua realização. Entretanto, a importância do Prof. Rochefort não pode ser negligenciada. Ao fazê-la, estar-se-ia prejudicando a leitura da efetiva situação de cooperação que se deu entre os dois países, que foram fortalecidas a partir de suas primeiras vindas. Grande parte de nosso conhecimento produzido no setor de Geografia urbana tem por trás sua presença. O grupo seletivo que ele organizou e dirigiu. Os técnicos qualificados dos quadros dos ministérios, conselhos e comissões em que atuou na condição de assessor, constituem pessoal de excelente qualidade que modificou o perfil da produção brasileira na área do urbano e do regional.

Outra grande influência na geografia brasileira foi a do Prof. Bernard Kayser. Integrou a comitiva francesa que compa-

receu ao Congresso da UGI – União Geográfica Internacional no Rio de Janeiro em 1956, quando iniciaria um longo período de intercâmbio com o país.

Ministrou vários cursos em Toulouse sobre o Brasil, sendo, alguns, com o Prof. Milton Santos.

Sua contribuição expressiva aparece no livro *Geografia Ativa*, especialmente, na quarta parte, capítulo I, intitulado “A região como objeto de estudo da Geografia”, em que trabalha a região como espaço econômico e como espaço polarizado.

A seguir, o teor das respostas obtidas pela entrevista realizada com o eminente Prof. Bernard Kayser.

Pergunto ao Prof. Kayser o que ele pensa sobre a Geografia brasileira, se ela já tem um perfil próprio e se já constitui uma escola autônoma.

De forma simpática e amável responde: “Minha simpatia pelo seu país e pelos brasileiros é sem restrição. São as razões de saúde que me têm impedido de continuar recentemente a oferecer minha colaboração. É evidente que a geografia brasileira existe. Ela tem o mesmo problema epistemológico que a geografia em todos os países – uma ‘ciência’ sem método, sem objetivo, obra (muitas vezes) de excelentes especialistas em seu domínio próprio de trabalho, institucionalizando-se por reflexo de defesa profissional. A geografia brasileira não existe, mas os geógrafos existem, os brasileiros em particular”.

Discutindo essa temática da relação presença/ausência de franceses no Brasil, o Prof. Kaiser foi indagado se tem havido descontinuidade nas nossas relações, e quais seriam os sintomas desta estagnação. Sobre as relações científicas em torno da geografia, mantidas entre a França e o Brasil em diferentes momentos caracterizados como de hegemonia, de afastamento, de

ruptura e aproximação, destacou-se a presença no Brasil de professores reconhecidos tais como Deffontaines, Monbeig, Papy, De Martonne, Pierre George, Kayser, Rochefort, Labasse, Claval, Lacoste, Tricart, Pebayle, entre outros, assim se manifestou Kayser: “Suas relações com os geógrafos franceses são perfeitamente ecléticas. Vocês procuram neles o que convém a vocês, e têm razão. Mas as influências contraditórias são um obstáculo a mais, na coesão da disciplina”.

Ao traçar seu itinerário intelectual fazendo referência ao papel que o trabalho sobre o Brasil desempenhou na sua formação disse:

Se eu não houvesse ‘trabalhado’ no Brasil, eu não teria no que concerne ao Terceiro Mundo, esta doutrina intuitiva que me permitiu alguns cursos e artigos, muitas vezes contra a corrente (em desacordo) das opiniões e análises comuns.

Tratando-se de um profissional reconhecido nos meios acadêmicos, Kayser foi indagado sobre as novidades em termos de geografia na França. Falando da consistência, das características, dos centros produtores e de seus principais personagens, respondeu:

Existe, certamente, muitas novidades na geografia francesa. Posso destacar a produção comercial de análises cartográficas e estatísticas, completamente desligadas do campo da realidade, do concreto e das realidades sociais. São análises modernas, de caráter publicitário, logo, rentáveis, conforme a produção do grupo ‘RECLUS’. Aponto também a consolidação da corrente ‘Geografia Social’ viva e muitas vezes militante em contato com a realidade, modesta, mas eficaz, assentando-se sobre os homens mais do que sobre as máquinas, a exemplo dos textos de *Hérodote*.

4.1.6 Rupturas, estremecimentos: a “Geografia Nova” – Yves Lacoste faz a Geografia, a Guerra...

Dentre os geógrafos franceses, Yves LACOSTE é, sem sombra de dúvida, um dos mais conhecidos no Brasil. A veiculação de suas ideias no país, a partir da circulação “pirata” de seu livro *A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a guerra*⁵⁹ provocou um grande “frisson” no público leitor brasileiro e “fez a cabeça” de toda uma geração. A divulgação dessa obra de Lacoste nesse período e nos anos subsequentes, ultrapassou as fronteiras do país, haja vista a expressiva presença de geógrafos dos países vizinhos participando dos eventos promovidos pela AGB.

Em julho de 1978, quando a Associação dos Geógrafos Brasileiros promovia o III Encontro Nacional de Geógrafos, as ideias de Lacoste convertiam-se em palavras de ordem. O referido Encontro foi um verdadeiro “virar de mesa” no contexto da discussão, organização e mobilização em torno de questões centrais do país que ainda sofria os fortes efeitos de uma política comandada pela ditadura militar. Todo o acúmulo de repressão, o “calar a boca” forçado eclodiu em grito de liberdade que teve excessos, magoou muita gente, destituiu lideranças da AGB chamadas na época de “mandarins” e elegeu outras. Em pouco tempo, um novo mandarinato assumia a entidade. Toda discussão recaía sobre o processo de redemocratização, abertura, anistia, Constituinte. O pressuposto básico era que a democracia deveria começar no interior da entidade. A partir desse princípio inicia-se uma profunda alteração nos quadros da AGB. Essa revisão da prática da entidade e da organização da categoria tinha os textos de Lacoste como pano de fundo. Citações atribuídas

⁵⁹ LACOSTE, Y. Op. cit., p. 1.

ao autor estavam na boca de todos, empolgavam plenárias, assustavam outros. Não se pode afirmar que tudo que era tido bem alto e bom som emanava de Lacoste, o que era dito em seu nome sim, com certeza.

As ações das novas lideranças e sua repercussão nas seções locais da AGB serviram para nacionalizar o movimento e torná-lo praticamente uno. Calçados a princípio nas palavras e temas-chave do livro, assuntos como a geografia dos professores, a geografia dos Estados maiores, região como obstáculo, o problema da carência epistemológica da geografia, a questão da escala na leitura e interpretação dos fenômenos entre outros, vieram à tona. Tudo isso no bojo de uma discussão calorosa que não se encerrou no evento de Fortaleza. Ao contrário, ele detonou uma reviravolta na organização da categoria, deu visibilidade aos professores, um segmento que não tinha muita expressão no interior da AGB até aquele momento. Mudança de estatuto, assembleias, proliferação de seções. O mercado editorial ganha vitalidade. Novos atores entram em cena, uns nem tão novos, porém afastados do país pelo esquema repressivo que se instaurara. Esse é o caso de Milton Santos, que no livro, será apresentado num item à parte. Mas, voltando ao personagem Lacoste, com sua geografia e sua “guerra”, fez, no Brasil, uma verdadeira revolução. No âmbito da contestação manifestada durante o evento em Fortaleza, sua proposta surge como uma espécie de antídoto para todos os males que se abatiam sobre a geografia brasileira até 1978. Muito exagero nas afirmações, frases e textos absurdos eram ditos e escritos com pouco critério, muita agressão verbal por parte de uns, omissões por parte de outros, num momento extremamente conturbado. Lacoste não esperava, certamente, que seu livro provocasse tanta polêmica, tanto escândalo no “lado de baixo do Equador”[...] Talvez, sim. Nas palavras iniciais da apresentação da segunda edição da Maspero, de 1982, afirma o autor:

Logo que esse livrinho apareceu em 1976 foi um belo escândalo na corporação dos geógrafos universitários. Um escândalo tão grande que muitos entre eles encheram-se de indignação.⁶⁰

LACOSTE já era conhecido dos brasileiros. Seus livros *A Geografia do Subdesenvolvimento*, editado na França em 1965, pela PUF, com nova edição em 1981 e *Os Países Subdesenvolvidos*, da coleção Saber Atual, nº. 62, da DIFEL, São Paulo, 1966 - 3a edição (editado na França para a mesma coleção sob o n. 863, com a 4ª edição de 1963) alcançaram rapidamente o público brasileiro. Em 1964, Yves LACOSTE, ao lado de Bernard KAYSER e Raymond GUGLIELMO, capitaneados por Pierre GEORGE, escreveram *A Geografia Ativa* editado em português em 1966 pela DIFEL de São Paulo. Esse livro causou forte impacto junto ao público especializado brasileiro.

A tradução ficou a cargo de quatro promissores geógrafos do Departamento de Geografia da USP, que galgaram grande respeitabilidade no campo da produção geográfica do país. O impacto provocado pelo livro, a ideia de ativa, atividade, gerou um burburinho nos espaços geradores da ciência e do ensino de geografia em um momento em que firmava-se um ensino de pós-graduação no país, com cursos mais regulares e de maior abrangência. Quanto ao enfoque, nessa parte da pesquisa, Lacoste, como importante personagem da geografia francesa, mescla-se com os demais autores da *Geografia Ativa*. Será observada também a ação dos outros autores, especialmente de Pierre George e Bernard Kayser. O texto a partir da abordagem assumida, não pode escapar de falar do quarteto responsável pelo livro e pelos efeitos geradores a partir de seu lançamento. Isso implica que as referências a P. George e sua relação com a *Geografia Ati-*

⁶⁰ LACOSTE, Y. Op. cit.

va mantêm ligação com esse movimento. Para os quatro franceses autores do livro, o objeto da Geografia Ativa fica esclarecido nessa passagem:

Impacientes por se afirmarem úteis ao desenvolvimento econômico e social regional ou nacional, geógrafos de diversos países, França, Bélgica, Países do Norte e também das regiões onde os problemas do espaço se impõem mais imperiosamente que na nossa velha Europa, no Brasil e nas economias socialistas, na União Soviética, Polônia, Theco-Eslovaquia, lançaram a ideia, após a Segunda Guerra Mundial, de uma Geografia aplicada, à imagem da geologia aplicada. Trata-se, em seu espírito, de centralizar a análise dos fatos e de relatórios de fatos, sobre temas que pudessem contribuir, no melhor tempo possível, para a informação dos serviços ou das empresas que têm por tarefa utilizar ou valorizar uma fração do território.⁶¹

A Geografia Ativa “virou moda”, atraiu um grande número de geógrafos e difundiu-se nos meios científicos e de planejamento. Seu discurso atendia aos anseios de um mundo que se transformava com uma intensa velocidade e que apresentava um quadro de distorções e carências inconcebíveis às pessoas mais sensíveis e politizadas. O pós-guerra criou um clima de possibilidades e de extrema crença na ciência como transformadora da realidade social. Ao lado das grandes conquistas tecnológicas imediatamente comunicadas ao mundo (nunca com a velocidade que se vê hoje), havia uma postura filosófica que norteava ações políticas de cunho estruturalista-funcionalista embasadas no discurso do desenvolvimento versus subdesenvolvimento com interpretações evolucionistas e, porque não, darwinistas. Eram ações ideologicamente trabalhadas, ao ponto de tentar

⁶¹ GEORGE P. *et al.* *Geografia ativa*. Tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de la Corte e Vincenzo Bochicchio. São Paulo: DIFEL/EDUSP, 1966. p. 15.

comprovar que o subdesenvolvimento não passava de um estágio, uma fase que os países conheciam no percurso do desenvolvimento. As médias estatísticas conheceram uma utilidade ímpar. Indicadores e variáveis apareciam nos discursos de especialistas, dentre eles os economistas que se preparavam para alçar o grande voo de ascensão da categoria apoiados em escolas, sendo algumas divergentes, orientadas, no entanto, para a mesma direção. O liberalismo do pós-guerra alimentou toda essa ilusão, corrompeu corações, mentes, povos, nações. O firmar-se do conceito de Terceiro Mundo, pressupõe outros mundos. O Terceiro Mundo enquanto concepção é inconfundível, é o mundo dos pobres, do atraso político, da miséria e do subdesenvolvimento. A Guerra Fria estava instaurada. A rivalidade travada entre os países do bloco tipicamente capitalista, caracterizados pela liberdade do mercado coloca em confronto os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O Primeiro Mundo, constituído pelos países industrializados, apresenta alto padrão de vida para seus habitantes. Os do Segundo Mundo, aqueles liderados pela URSS e demais países da chamada “Cortina de Ferro”, nome dado aos países que experimentavam o chamado comunismo, era marcado pela excessiva presença e controle do Estado sobre a economia e os indivíduos. Lacoste constrói excelente explicação para a expressão “Terceiro Mundo”, fundamental para a compreensão dos princípios da Geografia Ativa da qual ele é um dos autores.

“A ideologia dos movimentos nacionais nos países colonizados, as lutas que precederam sua independência, a conferência realizada em Bandung pelos representantes dos Estados da África e da Ásia, e tantos outros fatos, reforçaram a ideia de agrupamento dos países subdesenvolvidos numa espécie de aliança reivindicativa em relação aos ocidentais considerados como a causa direta e indireta do subdesenvolvimento. Para designar ao

mesmo tempo esta relativa unidade dos países subdesenvolvidos, a massa humana que constituem e sua miséria, pela qual fazem responsável o colonialismo, tornou-se necessário um conceito. Assim se explica o nascimento e o êxito, pelo menos em língua francesa, da expressão ‘Terceiro Mundo’. Ela foi forjada por A. Sauvy, à imitação do ‘Terceiro Estado’ de 1789, que, na maioria da nação, era formado de diversas classes e grupos sociais que reivindicavam os direitos até então confiscados pelos dois outros ‘Estados’, a Nobreza e o Clero.”⁶²

A “Geografia Ativa”, traduzida em forma de livro, mesmo ligada a outros pressupostos, traz no seu bojo uma valorização do discurso geográfico ao afirmar que “Não é possível hoje fazer boa administração em escala pública ou privada, sem uma sólida cultura geográfica ou sem o concurso de um geógrafo”, ao mesmo tempo tem um extremo conteúdo crítico em relação à Geopolítica ao afirmar que

A pior das caricaturas da geografia aplicada da primeira metade do século XX foi a geopolítica, justificando automaticamente qualquer reivindicação territorial, qualquer ‘pilhagem’ por pseudo-argumentos científicos.

Outro aspecto extremamente interessante tratado no livro, prenhe de inovações, responsável por mudança de atitude epistemológica na geografia brasileira foi a discussão sobre o “Objeto e os métodos da Geografia” (item II da segunda parte do livro). Apoiados sobre seis pontos, os autores são enfáticos:

- 1° – A Geografia é uma ciência humana;
- 2° – A Geografia é uma ciência do espaço, mas seus métodos são diferentes daqueles das ciências naturais do espaço;

⁶² LACOSTE, Y. *Geografia do subdesenvolvimento*. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1975. p. 17- 18.

- 3° – A Geografia é o resultado e o prolongamento da História;
- 4° – Historiador do atual, o geógrafo deve prosseguir os estudos do historiador, aplicando métodos que lhe são próprios;
- 5° – O objetivo da aplicação dos métodos geográficos e o conhecimento de situações;
- 6° – O estudo de uma situação pode proceder de uma concepção contemplativa ou de uma concepção ativa.

Outro enfoque do livro que foi ponto de referência no Brasil foi a discussão feita pelos autores sobre a dependência da pesquisa geográfica francesa, tida por eles como organicamente associada ao ensino superior daquele país.

Toda essa discussão em torno do livro *A Geografia Ativa* está sendo travada para mostrar as origens, práticas e filiações na chamada Escola Francesa de Geografia. A esse propósito cabe ressaltar a análise feita por P. George, autor da primeira parte do livro, mas que perpassa o seu conjunto: Problemas, Doutrina e Método quanto “A organização da pesquisa geográfica na França; seu papel no desenvolvimento da Geografia ativa” tratado na página 41. Logo de início, ele esclarece:

“Em França, a pesquisa geográfica, até o presente, está associada organicamente ao ensino superior, não existe centro ou serviço de pesquisas geográficas livre das responsabilidades de um ensino cada vez mais frequentado, portanto absorvente, em que possam ser elaborados de maneira contínua os diagnósticos de situações. Parece seguramente desejável que nascia um organismo com dupla vocação de pesquisa fundamental e formação geográfica chamado, segundo as necessidades, a colaborar em empreendimentos de planejamento regional ou urbano ou de estudos de mercado comparável ao Centro de Estudos Socioló-

gicos de Centro Nacional de Pesquisa Científica. Na expectativa de que centros de estudo regionais e centro de estudo de âmbito nacional, estejam em condições de atender ao conjunto das necessidades, uma contribuição de muito grande valor científico e de um interesse prático muito atual, é fornecida pelo conjunto dos trabalhos executados nos Institutos de Geografia universitários. Estes trabalhos são da alçada de dois níveis da formação científica e de pesquisa. O primeiro é o das pesquisas de principiantes organizadas e controladas por um diretor de pesquisa. O segundo nível é ocupado pelas pesquisas realizadas tendo em vista a preparação da tese de doutoramento. O desconhecimento do interesse desses trabalhos no plano prático procede de duas causas: a primeira é a diferença específica entre a Geografia ensinada nos programas escolares e a pesquisa geográfica do ensino superior e da pesquisa fundamental... A segunda causa do mal-entendido reside nas afirmações desordenadas daqueles que “apregoam” a geografia no varejo e sugerem implicitamente, e às vezes mesmo explicitamente, que os conhecimentos geográficos são em geral “inaplicáveis e sem interesse para a gestão dos bens privados e públicos.”⁶³

O texto no seu todo tem a marca da valorização dos trabalhos de pesquisa em geografia e ao mesmo tempo revela a utopia do autor em busca do reconhecimento da geografia enquanto saber científico com o estatuto da aplicabilidade. A lógica do planejamento permeia o livro de forma que ao afirmar como o faz na página 23, que “O objetivo da aplicação dos métodos geográficos e o conhecimento de situações.” No texto, fica evidente que o conhecimento de situações corresponde a avaliação diagnóstica, a primeira fase do planejamento, precedido da legislação básica e das proposições, na forma como ele era concebido

⁶³ GEORGE, P. *et al.* Op. cit., p. 41.

e executado nessa época. Consistia ideológica e metodologicamente na crença no planejamento como solução dos problemas cruciais do desenvolvimento, dividir a análise em três momentos além do diagnóstico. A segunda fase era da legislação básica e de proposições.

Não se pode negligenciar o fato de que os autores tiveram militância ou sofreram forte influência do Partido Comunista Francês (PCF), apesar do rompimento a partir de 1956. Os conceitos de economia planejada aliados aos conhecimentos que o Prof. P. George tinha da realidade da extinta URSS, reforçavam a posição expressa no livro. O grande mote do livro e da proposta reside nas questões vinculadas ao desenvolvimento, que ficou a cargo de Lacoste (p. 47/158). Na segunda parte do livro, intitulada *Perspectivas da Geografia Ativa em País Subdesenvolvido*, dividida em dois itens: Um conjunto geográfico maior: o Terceiro Mundo, e Uma Geografia das Discordâncias. No final deste segundo item o autor é enfático e deixa transparecer o que seria a gênese de seu pequeno livro de grande sucesso, *A Geografia serve...*

“A timidez com a qual até então os geógrafos têm participado do estudo do subdesenvolvimento tem, pois, causas complexas. É quase o resgate dos sucessos obtidos no estudo das combinações equilibradas que são muitas realidades geográficas dos países desenvolvidos. A Geografia do Terceiro Mundo é em grande parte, uma Geografia de discordâncias e de desarmonias. É preciso também mencionar que os freios que impediram uma maior participação da Geografia no estudo do subdesenvolvimento não estão todos relacionados com os geógrafos. O imperialismo de certos economistas, seu desconhecimento da geografia não facilitaram as coisas. Mais ainda, a imprecisão, o caráter relativo, senão objetivo, que rodeiam o conceito de subdesenvolvimento no espírito de numerosos teóricos, não favore-

ceu sua adoção pelos geógrafos, ligados que estão ao estudo das realidades concretas.”⁶⁴

Lacoste deixa claro a necessidade de se estudar o subdesenvolvimento, no contexto de uma outra ótica, aquela que permite o olhar do geógrafo, abolindo o domínio corporativo de outros especialistas. Registra ao mesmo tempo, a dificuldade do geógrafo em adotar conceitos de subdesenvolvimento que se distanciam da explicação de realidades concretas. Fica evidente que Lacoste, ao fazer a defesa dos geógrafos, deixa transparecer a fragilidade teórica da categoria que tem no empírico a base de suas formulações.

O vigor do empírico traduzido em trabalhos de campo, relatos de viagens de reconhecimento e/ou de exploração que passaram a caracterizar a prática profissional do geógrafo e que o autor evidencia, de um certo modo, não caracteriza seu texto que apresenta rigor crítico em vários trechos como os que se seguem:

As relações sociais que existem na maior parte do Terceiro Mundo e, especialmente, nas zonas rurais são de natureza particular e freqüentemente, muito ignoradas pelos tratados de economia política. Nos países hoje subdesenvolvidos, o capitalismo foi bruscamente introduzido do exterior pela ação e para proveito de minorias colonizadoras ou autóctones numa sociedade dominada em que prevaleciam outras relações econômicas e sociais. Essa minoria, aproveitando-se da debilidade política e do atraso técnico das populações submissas, ficou em condições de operar uma verdadeira perversão dos mecanismos normais do sistema capitalista: os poderes já consideráveis dos possuidores de capitais foram reforçados e transformados em monopólios sem freio, por um emparelhamento, historicamente monstruoso, com as formas de domínio que exercia o feudal ou o feitor [...] A independência da maior parte dos países colonizados não se traduziu até agora

⁶⁴ LACOSTE, Yves. Op. cit., p. 51.

pelo desaparecimento da minoria monopolizadora, porque autóctones se substituíram ou se juntaram aos estrangeiros.⁶⁵

A presença de Lacoste na Geografia Ativa é marcante. O autor constrói seu percurso apoiado nos temas Terceiro Mundo e Subdesenvolvimento, subsídios para a Geopolítica, assunto preferencial ao qual se dedicou mais tarde e que hoje consiste na base de suas formulações em Geografia.

Em 1962, Lacoste escreveu “O Subdesenvolvimento, algumas obras significativas surgidas depois de dez anos”, nos *Annales de Géographie*, volume de março-abril, julho-agosto. Nesse artigo, o autor marca bem sua opção pelo tema que lhe ofertaria várias oportunidades no mercado editorial e forneceria condições de elaborar uma crítica mais consistente e consequente para a Geografia. No posfácio da edição francesa de 1982 do *A Geografia Serve...* Lacoste faz uma revisão de sua crítica à obra de Vidal de LA BLACHE. O posfácio revela um amadurecimento significativo do autor, num período em que se revela menos incendiário e quando já faz interlocução com profissionais de outras categorias, com militares etc. através da revista *Hérodote*.

Lacoste atuou como professor da Universidade de Paris-Saint Denis, Paris 8. Foi diretor do Centro de Pesquisa e Análise Geopolítica. Sua tese, defendida em 1979, na Universidade de Paris-I, versou sobre o tema “Unidade e Diversidade do Terceiro Mundo”, tendo tido os professores M. Rochefort, P. George, como membros da banca.

Em 1993 suas pesquisas tratam dos seguintes assuntos:

- Epistemologia da Geografia, Geopolíticas (interna e externa);
- Problemas de Terceiro Mundo e das Sociedades Pós-Comunistas.

⁶⁵ LACOSTE, Yves. Op. cit. p. 64-5.

Além de diretor e um dos principais animadores da revista *Hérodote*. A propósito, cabe salientar algumas passagens do editorial do primeiro número da revista, lançada em janeiro de 1976, e que teve participação expressiva de Lacoste em sua redação. O título do editorial por si só já despertava interesse: “Atenção: Geografia!” Após a introdução são enfocados cinco temas: Atenção: a Geografia informa os estados-maiores. Atenção: a Geografia mistifica. *Hérodote*: a contradição inaugural. Saber pensar o espaço para saber pensar o poder. Da crítica dos mapas às cartas da crítica. Ao longo do texto são enfocados assuntos fundamentais para o desenvolvimento da Geografia enquanto saber científico. Inicia dizendo que as imagens e as palavras proliferam em Geografia e que elas contaminam a linguagem. Afirma que todos sabem hoje que o espaço é finito, que ele pode ser de fato, caro, poluído. É contundente quando diz que *As relações sociais inscrevem-se, imprimem-se na paisagem como sobre uma superfície de registro: memória*. Nas últimas páginas depois de questionar os geógrafos e interpelá-los quanta às suas imagens e palavras, conclui de forma enfática: *Criticar é colocar-se em crise. Polemizar é fazer a guerra*.

Completando sua produção, além dos livros mencionados Yves Lacoste tem conseguido publicar e dar ampla divulgação às suas pesquisas. Em 1980 publicou sua tese *Unidade e Diversidade do Terceiro Mundo*, pela Découverte em Paris com 526 páginas. Em 1986 foi a vez do volumoso trabalho em torno da “Geopolítica das regiões francesas”, editado em 3 volumes com um total de 3.500 páginas pela Fayard, de Paris. Esse trabalho resultou em notoriedade e respeitabilidade para Lacoste, que coordenou um grupo expressivo de profissionais para a execução da pesquisa. Em 1988, a editora Le Livre de Poche, de Paris, publica *Question de Géopolitique* com 250 páginas. Em 1990, é a vez de *Paysages Politiques* com 285 páginas, editado também pela Le Livre de Poche.

Toda essa produção respalda o geógrafo Yves Lacoste e lhe dá o estatuto de intelectual engajado nas grandes questões.

No Brasil, seus trabalhos mais conhecidos são dispersos quanto a edição. O livro *Os Países Subdesenvolvidos* atinge um público mais amplo, menos seletivo, porém ávido de informações sobre o tema. Já o livro *A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a Guerra*, tem um público também amplo, porém identificado principalmente por sua vinculação com a postura política de esquerda. É expressivo o número de geógrafos brasileiros de esquerda, muitos deles militantes, que aderiram às ideias de Lacoste e utilizaram-nas em seus trabalhos.⁶⁶

A presença de Lacoste no Brasil alcança maior vigor após o Encontro da AGB, realizado em Fortaleza como já foi visto nas páginas anteriores. Dada essa importância e considerando a influência de suas ideias no país, independentemente da leitura ou não de suas ou de sua obra, no caso *A Geografia serve...*, mas levando em conta o peso de referência que o autor em pauta adquire. Lacoste foi entrevistado em sete de janeiro de 1993. Seus pontos de vista e análises foram de capital importância para a elaboração da pesquisa que deu corpo ao livro. A entrevista, marcada previamente por contato telefônico, foi concedida nas dependências da Universidade de Paris-8, Saint Denis. A atenção e simpatia do Prof. Lacoste criaram um clima agradável que muito favoreceu o transcorrer da entrevista. A ambiência permitiu um melhor conhecimento do ilustre professor e garantiu elementos para um balanço crítico da influência francesa nas formulações, práticas e questionamentos da geografia brasileira.

⁶⁶ Dentre os vários geógrafos brasileiros que citam e fazem referência a Lacoste em suas pesquisas e livros, podemos citar o livro *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, organizado por Milton Santos, editado pela HUCITEC, em 1981.

Entrevista com o Prof. Yves Lacoste

A conversa começa em torno de informações sobre a geografia brasileira a partir de 1956 quando do Congresso Internacional de Geografia, realizado no Brasil, com forte presença francesa. A partir desta data, revigora-se a influência dos franceses na Geografia brasileira. Lacoste não tinha ideia da importância dele no Brasil, sobretudo, a partir de seu livro *A Geografia Serve...*. Indagado sobre a importância de seu livro na formação dos geógrafos brasileiros respondeu: “Não, eu não tenho consciência e quando tomo conhecimento dessa importância, fico muito honrado”. Esse livro será necessário que eu o reescreva completamente. Isso não quer dizer que eu seja contrário às ideias que lancei nesse livro, mas eu fiz muito progresso. Esse livro data de 1976, nasceu em Paris com o início da revista *Hérodote*. E a revista existe e ainda desempenha um papel importante no contexto europeu com uma tiragem industrial. No início, a preocupação da *Hérodote* era a que expressei no meu livro de acordo com o desenvolvimento e o aprofundamento de então. Depois, a partir de 1985, houve mudança, isto é, até então a revista era crítica do discurso acadêmico dos geógrafos levando em consideração todos os problemas ideológicos, estratégicos, fiel ao seu título que tem uma estratégia geográfica e ideológica. E ela fica sempre fiel ao seu título, ao subtítulo; mas a partir de 1985, começam as mudanças na Europa de Leste, com a Perestroika etc. E nós, sabendo que essa mudança seria formidável, começamos a nos interessar e o primeiro número da *Hérodote* que é consagrado à União Soviética é, creio, de 1986. Até então nada se fizera na *Hérodote* sobre a União Soviética porque nos parecia estar absolutamente no imobilismo, sem nada de novo. A partir de 1985/86 há alguma coisa que muda e, desde então, surgem problemas geopolíticos mais e mais difíceis, e, ao mesmo tempo, mais e mais atuais. Por exemplo, o próximo núme-

ro da *Hérodote* e que me deu muito trabalho é consagrado aos problemas da Iugoslávia. No fundo, no período de 1967 até 1985 nós fizemos, sobretudo, uma crítica, em dizendo que os geógrafos e outros - economistas, sociólogos – não abordaram o problema em função de uma análise eficaz das informações geográficas. É uma crítica. Bom, nós fizemos isso certo tempo. Felizmente, a partir de 1985, as coisas começam a mudar, faz-se uma crítica do que se fez como explicação de fenômenos antigos, e agora buscamos explicar problemas que se desenvolvem rapidamente e temos muito mais a entender. Nós tentamos explicar batalhas e não sabemos ainda como elas se desenvolverão. Não sabemos quem irá ganhá-las. Quem vai perdê-las. Agora avançamos e estamos numa fase de observação bem mais direta do problema”.

Prosseguindo com informações capazes de contextualizar a entrevista, foi enfocado o tema da linguagem do *A Geografia serve...*. Dissemos que o livro tem uma linguagem bem próxima da utilizada pela *Hérodote*, uma mistura de discurso que revela sua direção na revista. Esse livro foi publicado em português, em Portugal, pela Editora Iniciativas Editoriais de Lisboa em 1977, e só foi publicado oficialmente no Brasil bem mais tarde. Entretanto, um grupo de geógrafos que liderava a AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) a partir de 1978, fez uma edição “pirata” do livro. Não houve outra solução. Todas as vezes em que procurávamos editar o livro conforme as normas, tínhamos problemas com o editor português. A edição “pirata” no fundo foi solução e não problema. O livro foi consultado, multiplicado, reproduzido em fotocopiadoras por todo o país. O capítulo “A Geografia dos Professores”, foi o que provocou grande discussão no processo de transformação do ensino da geografia brasileira. Sobre esse tema, assim se expressou Lacoste: “Eu sempre fui objeto de edições ‘piratas’. *A Geografia do Subdesenvolvimento* foi traduzida em 35 línguas e teve 25 traduções ‘piratas’”.

Informei que fomos obrigados a fazer isso no Brasil (risos). Disse ainda que há um fosso, entre o discurso do *A Geografia serve...* e a *Hérodote*, que a revista é muito especializada, atua para um público reduzido”. Lacoste concorda comigo.

Prosseguindo, pergunto se existe realmente uma espécie de vazio entre a época do lançamento do livro o discurso nele contido e hoje. Digo o quanto os geógrafos brasileiros esperam de Yves Lacoste. Que há uma lacuna, algo a ser preenchido. Sentindo-se provocado, assim se coloca Lacoste: “Sua observação é muito sutil, muito justa. Quando escrevi o *Geografia. serve...*, era uma reflexão crítica sobre o ensino, sobre a Geografia dos professores, mas pouco a pouco, o grupo da *Hérodote*, progredimos e eu não estava só, era todo um grupo, E eu comecei com jovens, jovens mulheres que eram estudantes de pós-graduação em 1976 e hoje são amigas e especialistas eficazes. Ao mesmo tempo nós progredimos se bem que a *Hérodote* tenha se tornado uma revista muito “pontuada”, como você disse, para um público muito especializado e principalmente um público de jornalistas que se ocupam com a geopolítica, políticos, militares, homens de negócios etc.”. Continuei com minha provocação e disse: “E também de geógrafos, algumas vezes”. Lacoste logo retrucou: “Não, os geógrafos universitários, geralmente, não gostam desse tipo de publicação. E eu penso que você tem razão. É necessário que eu escreva uma nova edição desse livro *A Geografia Serve...* para fazer um pouco o balanço teórico e prático dos progressos que fizemos. Nesse momento, com a equipe da *Hérodote* eu faço uma edição densa, que é o *Dicionário de Geopolítica* que vai aparecer este ano, setembro de 1993. É um trabalho duro, denso. Após o lançamento do Dicionário, eu já tenho o plano do livro que sairia em 1994. Quero lhe dizer que esse livro será escrito do outro lado da França”. Tento adivinhar e pergunto: “na Arélia?” Lacoste responde: “Não, nas Antilhas”. Retruco: “Será

também uma pesquisa voltada ao tema da Geopolítica?” Lacoste responde: “Sim, é um trabalho, uma pesquisa em geopolítica, porque irei à Martinica fazer um trabalho. Depois a situação política tornou-se difícil porque o político do local onde farei o trabalho morreu subitamente, e, de pronto, poderei verificar melhor as estruturas de clientelismo, de planejamento, e ao lado das observações farei qualquer coisa, terminarei de escrever o livro”. Interrompi dizendo é muito bom, porém isso é um pouco no estilo americano. De imediato, Lacoste retrucou: “É de certa forma americano. O título *A Geografia* e é um título muito adequado, muito fiel e é uma reflexão, eu me lembro muito bem, acompanhada de algumas olhadelas para a Europa (risos). Diante da colocação, perguntei: “Pode-se afirmar que a geopolítica com a qual o senhor sempre trabalhou é uma nova Geografia regional que se define mais nitidamente hoje?”. Assim respondeu Lacoste: “Sua questão é, verdadeiramente muito interessante, sutil e profunda. Vou respondê-la sim e não. Sim, eu penso que se pode e é necessário, fundamentar uma nova geografia regional sobre a análise geopolítica e a influência política de tal ou tal pessoa, de tal ou tal força política, tem um quadro geográfico e uma forma de organização do espaço muito importante. A pessoa que, nesse domínio, está mais avançada, não sou eu, mas é alguém que desempenha um papel muito importante depois de algum tempo na *Hérodote* que é a Beatrice Giblin. Ela escreveu um livro ao mesmo tempo teórico e prático que se chama *A Região, territórios políticos*, chamo a atenção, territórios políticos no plural. Ela toma como exemplo a região Norte da França que ela conhece muito bem. E o que é interessante e que ela fez esse livro para a sua tese, e ela o fez entrevistando muitos políticos. É a primeira vez que um geógrafo, na verdade, uma geógrafa, natural dessa região, aborda muitos políticos que lhe disseram uma série de coisas. O livro despertou enorme interesse de políticos,

como também de integrantes de um curso de direito francês. Chamou atenção, inclusive, de um conselheiro político. Ela teve excelentes contatos com políticos mesmo de partidos diferentes e rivais, inclusive com visão geopolítica de direita. O trabalho que ela fez é deveras interessante. Atualmente ela está encarregada da formação doutoral em Geopolítica, envolvendo mais de cinquenta estudantes. Eles vêm de horizontes muito diferentes, inclusive, brasileiros”.

Motivado pelo meu interesse, prossegue o professor:

Há muitos estudantes que vêm de grandes escolas e há ainda muitos geógrafos. Ela se encarrega dos seminários que nós chamamos para simplificar, de ‘Visão Geopolítica Interna’, porque trata do problema geopolítico no interior do Estado. Ela dirige certo número de teses que são muito interessantes. Juntos, por outro lado, publicamos um livro, que você talvez conheça e que se chama Geopolítica das Regiões Francesas, onde reunimos, forçando-os um pouco ao trabalho, uma quarentena de geógrafos.

Digo que conheço o livro e falo rapidamente sobre seu conteúdo que versa sobre a geografia eleitoral. Lacoste emenda a conversa dizendo:

Sim, trata-se do livro Geografia Eleitoral com 3100 páginas. É também uma abordagem de geografia regional. Eu respondi sim a sua indagação. Mas agora eu respondo não à sua questão porque, no mesmo jogo geopolítico, há questões que não são da geografia regional, mas que são problemas de movimento, de ação, de operação militar. Nós estamos extremamente interessados pelos problemas militares e, os problemas militares se defrontam entre duas forças que se opõem no campo e que se ocupam dos problemas da organização do espaço. Você tem a organização do espaço de forma permanente, a sociedade civil, as atividades econômicas, sociais e políticas. Bem, isso é um nível, o outro é o da guerra, e as coisas da guerra não interferem diretamente no plano da geografia regional. Se há algumas pequenas operações militares em

regiões, isso é o não. Sim, a geopolítica é, sem dúvida, a base de uma geografia regional, a Geopolítica ou a Geoestratégica, e não Geopolítica Estratégica que trata de outra coisa.

Pergunto se seria um “campo” novo ou a partir de sua exposição, nesse momento em que se fala do fim da História, poder-se-ia dizer também do fim da geografia. Rimos e Lacoste complementa: “Ou ao contrário, o triunfo da Geografia”. Retruco, e digo se seria o triunfo ou o fim, da geografia vidaliana. Lacoste reage com firmeza dizendo: “Não, não, não é a Geografia vidaliana, eu não sei qual edição do livro *A Geografia Serve[...]*’ *you’ve seen!*”.

Digo que conheço as duas, que tinha lido inclusive, a edição do pós-fácio.

Lacoste retruca:

Com o pós-fácio!. Ao mesmo tempo pode ser o fim da geografia vidaliana para o quadro da geografia da França que se serviu de Braudel para a incorporação da Geografia universitária. Pode-se dizer também que, o que eu faço, é o triunfo da geografia vidaliana porque há um livro completamente impregnado de Vidal De La Blache que é *A França de Leste*, que fez o oposto da geopolítica.

Digo, professor, o senhor escreveu o texto “Abaixo Vidal... viva Vidal!”. Sobre o livro eu o li na *Hérodote*, e o senhor fala que *A França de Leste* é um livro esquecido, pergunto se por isso ele seria tradicional. A partir daí a conversa assume um ar de diálogo mais intenso. Yves Lacoste responde: “*Eu penso que nós temos o verdadeiro triunfo da Geografia*”.

Pergunto se isso não estaria ligado à chamada crise da Modernidade, uma crise da História. Lacoste logo retruca:

Não, não, isso já foi superado. A Geografia, a meu ver, é agora uma saída do impasse na qual a colocaram, ela progride bem,

evidentemente que com coisas terríveis, conflitos com o grupo que considero mais avançado cientificamente na Geografia, o grupo RECLUS. Não temos ainda oficialmente a guerra, mas eu penso que a declaração de guerra será feita no próximo mês... (risos).

Provoco o professor questionando por que sempre se diz que o novo na França é o que é feito pela MGM - Maison de Géographie de Montpellier. Prossigo e pergunto o que é realmente novo na França em termos de geografia? Lacoste assim se coloca: “O novo pode ser muito negativo... (risos). O que se parece como novo o que percebo como novo, é muito ruim. Eu posso explicar. É triunfante como todas as outras geografias. Nós temos grandes problemas atualmente que é a Geografia do Leste. Como você deve saber, os geógrafos soviéticos passaram por uma situação terrível, pois a partir de 1941, a Geografia Humana foi interdita na União Soviética. Após 1941, não há mais Geografia Humana e Econômica na União Soviética. É uma consequência do problema geopolítico, pois que é a consequência do pacto germano-soviético, entre Stalin e Hitler firmado em 1939. Stalin acreditou na aliança com a Alemanha por longo tempo, porque ele acreditava que os alemães representavam essa tentativa, como uma grande teoria geopolítica, a única que faria a grande unidade continental. Era a famosa tese de Mackinder que foi retomada pela ideia do jogo geopolítico que Hitler fez. Stalin acreditou e não previu que, dois anos mais tarde, a aliança levaria ao ataque. E ele foi tão sério que, como Mackinder era geógrafo, especializado em Geografia Humana, Stalin acreditou que a Geografia Humana era uma invenção diabólica, imperialista, e desde esse dia a Geografia Humana foi interdita. E isso repercutiu nos demais estados socialistas ou pré-socialistas exceto na Polônia. Os geógrafos poloneses reuniram-se em torno dos geógrafos franceses para manter a Geografia Humana. Por exemplo, tive contato muito estreito em Cuba e no Vietnã, a

propósito dos casos extremos, em que a Geografia Humana foi interdita e pessoas que conheço bem e que vão a Cuba como missionários e geógrafos humanos, eu pergunto sobre a Geografia humana, e elas me informam que quando chegam têm que dizer que são sociólogos, historiadores. E, no Vietnã também há a interdição da Geografia Humana. O Vietnã apresenta uma particularidade, porque não é o secretário geral do partido quem dirige mas o chefe de Estado, e o chefe de Estado é o sucessor de Ho Chi Minh. Em 1972 eu intervim com uma pesquisa sobre o bombardeamento de diques e nela se viu o que era trabalho de geógrafo. Eu tive assim um papel muito curioso, era quando eu falava aos acompanhantes - nos estados socialistas nunca nos deixam totalmente sós e eu tive doze acompanhantes - eram geógrafos físicos e eu me interessava pela Geografia humana. Então, por consequência, nós fazíamos o que faz a Geografia Humana e, não oficialmente, eu era um pouco monitor de geomorfólogos vietnamitas, para poder fazer a Geografia Humana (risos).

Atualmente nós temos, na Geografia francesa, contatos muito importantes com a União Soviética⁶⁷ - com a Rússia e haverá possivelmente uma revista *Hérodote* em russo, e nós temos na formação doutoral, um certo número de jovens geógrafos russos que vêm de lá e que nós formamos para que se tomem bons geógrafos. Temos, pois, muito trabalho!

Pergunto ao professor Lacoste, no que consiste a formação doutoral e direção de teses, eu não sei se há outros, mas pelas pesquisas que fiz o senhor teria orientado apenas uma tese de brasileiro. Trata-se do Resende Dantas, defendida em 1972, na Universidade de Paris-Vincennes. O título da pesquisa foi *Formas de Urbanização em países subdesenvolvidos*. Não localizei

⁶⁷ A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas findou em 1991. Em dezembro desse mesmo ano, foi criada a CEI (Comunidade de Estados Independentes), constituída de vários países com vínculo econômico militar e político entre si.

outros brasileiros. É sobre esse aspecto que quero discutir, pois eu não compreendo, por que o senhor assume papel tão importante na formação daquela geração de geógrafos que comentei. Quando se fala em orientação de teses surgem outros nomes de professores que são tradicionalmente orientadores de teses de brasileiros. O que o senhor pensa a esse respeito? Yves Lacoste, assim respondeu: “Bom, vou lhe explicar. Há duas razões. A primeira e que eu fiz minha tese de doutorado tardiamente, em 1979. Muito tarde. Embora eu fosse um geógrafo conhecido há muito tempo, fazia muitas outras coisas e o fato dessa tese ter suas particularidades, levou-me a ter só quatro experiências na orientação. Eu não era oficialmente professor. Exercia função de professor mas, não era professor. Não podia oficialmente orientar uma tese e essa é a razão pela qual um certo número de pessoas – muitos brasileiros – pediram-me para orientá-los, eu os escutava mas dizia que tinha que orientar a minha em primeiro lugar. A segunda razão e que na instituição universitária francesa, há posições que antigamente foram consideradas escandalosas etc. e as pessoas que trabalhavam comigo antigamente assumiam consequências prejudiciais, e... todo mundo ‘desapareceu’ e eu também ‘desapareci’. O apoio que tive foi a revista *Hérodote*, que nunca deixou de me dar crédito oficial e que me possibilitou solicitá-lo à Comissão de Geografia etc. etc. e a revista jamais deixou de ter crédito. E hoje tem crédito honorífico, e isso faz com que financeiramente ela caminhe bem, com o editor François Maspero. Meu nome era poderoso e pestilento. Eis aí as duas razões. E assim, respondi às suas indagações. Eu tenho um bom amigo que é Michel Rochefort, com o qual as ligações entre a geografia brasileira e francesa são muito estreitas e, sem dúvida, há geógrafos brasileiros cujos nomes não me lembro, que me solicitaram para dirigir suas teses e os encaminhei para Michel Rochefort. Eis a explicação. Não há sombra de dúvida que

me interesse pelo Brasil, porque trabalhei muito sobre Cuba e a partir de Cuba os problemas particulares da América Latina me interessam muito. E se eu não fui ainda ao Brasil não foi por indiferença aos brasileiros mas pelo concurso das circunstâncias. Eu trabalhei sobre a África do Norte, e depois foi a África Tropical e em seguida para o sudeste asiático, onde estudei particularmente, o Vietnam”.

Professor, sobre o Mediterrâneo, disse: o senhor tem algo a falar? Eu li uma pesquisa, um livro seu sobre Braudel, intitulado *Braudel, um geógrafo*. Lacoste não responde, só confirma: “Sim, sim, Braudel geógrafo”.

Continuando a entrevista fiz a seguinte colocação: Percebo aqui na França uma espécie de vergonha do passado, as pessoas dizem ‘eu fui marxista’ ou ‘eu não sou marxista’. Elas passam algo de infelicidade, de desagrado quando falam, ‘eu fui marxista’. Como o senhor vê essa questão considerando a importância do marxismo para a geografia crítica? O que o senhor pensa dessa relação – queda do marxismo e o futuro, o da Geografia crítica?

Instigado, assim Lacoste se manifestou: “Você faz excelentes questões, questões muito boas. Fui membro do Partido Comunista Francês desde 1948, quando tinha dezenove anos de idade. Eu era muito jovem. Permaneci até 1956”. Indaguei se teria sido em função da tomada da Hungria? (risos)

Lacoste afirma imediatamente: “Não, não foi a Hungria, não foi a Hungria. Quando eu entrei para o Partido Comunista, minha formação política era nula, nula. Em 1946, me lembro bem, eu não sabia distinguir o que queria dizer esquerda e direita (risos). Era nulo, completamente nulo. Por quê? Por quê? Porque, me dei conta, tinha explicação em toda a minha infância colonial. Eu sou um colonial. Passei toda a minha infância no Marrocos. Meu pai gerenciava pesquisas na área de petróleo. Sou um produto do imperialismo (risos). No início

achava divertido ser um colonialista, um pequeno colonialista porque penso que até certo momento, o papel da colonização não foi só negativo, foi também muito positivo. Quando se fala dos latino-americanos, se você quer saber, quando discuto com meus amigos de Cuba, que são todos produtos da colonização, nós nos sentimos muito bem juntos. A partir de certo momento terminou o período colonial, faliu e muitos franceses do Marrocos e de outras partes compreenderam bem. As coisas se passaram de forma diferente na Argélia. No Marrocos, quando era criança e para a minha família a ideia de direita e de esquerda não existia, ou não se falava sobre essa questão, desde a Segunda Guerra Mundial. As pessoas jovens como eu não falavam direita ou esquerda, mas éramos todos contra os alemães. Se bem que, logo após a Guerra, meu pai morreu, e então não estava mais ali para me explicar as coisas. A partir de então, me filiei ao partido comunista com a fiança principal de M. Rochefort, B. Kayser. De todos esses que eram mais novos do que eu mas, que sob o meu olhar, tinham um prestígio considerável, eram maiores do que eu que me via pequeno, que era pequeno, muito pequeno. Eu me lembro que o partido comunista, todo mundo hoje conta que era duro, controlador, doutrinador etc. Três meses mais tarde, após ter entrado no partido comunista eu fui nomeado secretário. Eu não sabia nada mas, os outros amigos me diziam que o cargo de secretário era sempre ocupado pelo último que tinha chegado. Foi lá que aprendi um certo número de coisas e isso me trouxe a construção do mundo, a racionalização do mundo. Isso me acrescentou muitas coisas e não parei mais. Depois meus mestres, meus amigos como Jean Dresch, P. George etc, etc, todos eram membros do partido comunista. Por consequência, tenho uma história de família! (risos). Quando eu falava fazendo raciocínios mais elementares, eu não era visto como um responsável no sentido político de militante, era visto

como amigo, sempre como amigo, não no sentido político, mas no sentido geográfico, muito bons amigos.

Bem, mas como tinha vivido toda a minha infância no Marrocos, quis retornar ao Marrocos para fazer minha tese e me diziam que o ‘Marrocos estava perturbado, que havia começado uma luta pela independência, que eu não podia fazer ali meus trabalhos de campo. A Argélia era mais tranquila’. E fui para a Argélia, no início da guerra e logo, me tornei membro do partido comunista argelino. Eu não conhecia nada da Argélia, mas como tinha vindo da França e como membro do Partido Comunista Francês eu me tornei membro do Partido Comunista da Argélia e era responsável pelos intelectuais do partido. Uma das características do partido comunista é que o mesmo era vivido e mantido pelos franceses, posto que os argelinos foram excluídos dois anos antes, por desvio nacionalista pequeno-burguês (risos). Sim eram todos franceses. Havia militares etc. Era interessante! E uma característica desta gente a quem eu não era ligado por ser geógrafo, historiador, mas o elo maior para mim, era ser político, militante e, na condição de professor mais velho, eu organizava um grupo sobre colonização, sobre a Argélia, sobre o Marrocos, sobre o anticolonialismo. Fazia tranquilamente, pois todos sabiam muito bem que era membro do partido comunista. Eu não escondia. Assinalo que quando a guerra começou a se tomar grave, fui imediatamente expulso. Nesse momento tive a chance de ser expulso. De outra forma estaria em situação perigosa. Assim, me vi e me encontrei em 1955 nomeado na Sorbonne, como Assistente, com os meus companheiros. Sabe por que deixei o Partido Comunista Francês? Não foi por Budapeste. Diziam-me que era uma revolução, contrarrevolução, e compreendi, pois naquele momento já tinha perspicácia política muito desenvolvida, embora mais elementar que hoje (risos). Eu era muito jovem, mas a razão principal foi que o Partido Comunista Francês

votou uma sessão de poder especial para fazer a guerra na Argélia e era um partido de esquerda. Em 1956, estava no poder e para não perder a Argélia, os socialistas comunistas e os socialistas, juntaram-se para votar. É fácil fazer acusações. Eles fizeram bem de votar a favor da guerra e os comunistas votaram também. E nesse momento as discussões sobre a revolução no interior do PCF tornaram-se surrealistas, e me retirei polidamente. Mas, a bom termo, ficou sendo divertido porque o partido comunista naquela época era considerado como renegado. Todos os meus amigos que pertenceram ao PC, em particular o professor Jean Dresch, grande intelectual do partido, sempre me dizia para ficar tranquilo, que não seria renegado, se bem que, passados muitos anos, após ter deixado o partido fui convidado para me tomar seu simpatizante. (risos). Quando eu fazia as anotações preliminares, porque era bem jovem, já aplicava os fundamentos marxistas e pouco a pouco me dei conta de que haviam coisas bem mais complicadas, do que o discurso marxista oficial como era apresentado. Meu grande tormento intelectual foi quando eu comecei a discutir em 1962 e 63 sob a influência de Althusser, o modo de produção asiática, porque no meu itinerário intelectual, nada tinha sido mais importante do que ir a Argélia, ter ido ao Maghreb. Essas viagens me revelaram grandes historiadores e outros e até lá trilhara o caminho marxista elementar, o modo de produção, comunidades primitivas, escravagistas, feudalismo etc. E logo, graças a Althusser. É claro que ele não escreveu sobre o Modo de Produção Asiático, mas foi ele que um dia em 1962, ajudou a organizar uma reunião (pois eu o convidei porque havia deixado o partido). Ele levou textos de Marx que não haviam sido traduzidos, sobre o Modo de Produção Asiático quer dizer, uma periodização completamente diferente daquela conhecida, e, em uma nova perspectiva, bem mais livre e bem mais complexa, entretanto, marxista.

Não me chamaria marxista, mas eu nunca neguei absolutamente o que me trouxe à análise marxista. Obtive muitas coisas que não direi que foram secundárias ou essenciais. Uma das coisas que me preocupa mais agora e que já me preocupava antes é o conceito de nação. Para os marxistas, nação como conceito é um problema difícil por ser justamente contraditório com a distinção da ideia de luta de classes. Para mim, nação é um fenômeno fundamental, e, na Geopolítica, no momento atual, torna-se mais importante ainda a reflexão sobre nação quando se vê o que se passa na União Soviética, Europa Central, etc. Mas como fui um anticolonialista desde o início, interessei-me pelo problema nação. Logo, tenho uma posição muitas vezes mais próxima da dos estudantes. Hoje sou mais filiado aos franceses, sou um pós-nacionalista francês e nação, para mim, é uma coisa cada vez mais importante, que eu considero necessária, mais que qualquer outro conceito. E o interesse que levei aos argelinos de ser uma outra nação, é muito legítimo, é muito justo e então, para mim, o internacionalismo do qual se fala muito entre os marxistas, não é negação da nação.

Seguramente, se pode fazer coisas extraordinárias, magníficas e, para mim, o internacionalismo é o respeito e o reconhecimento da nação. Critico minha nação se ela faz coisas que eu acho errada e, me dirijo às pessoas que não são da minha nação, mas ajudando-as a serem de suas nações.

Indago ao professor se o sentido, o conceito de nação e o de estado-nação seria como ele escreveu para a revista *Parallele*, de Nanterre, onde ele analisa questões ligadas ao macro e ao micro propósito da “Europa dos 12” e da luta na Iugoslávia. Lacoste assim se manifesta: “Sim, para mim nação é seguramente o domínio da representação. Na nova pesquisa que nós desenvolvemos é muito importante porque a ideia que se faz é a representação é qualquer coisa de forte, de muito poderosa. É o imaginário.

Além do imaginário, o valor intelectual e moral estão ligados a isso e eu creio que é uma forma de conceber a nação é como uma nação surge, se desenvolve, se propaga e, algumas vezes, desaparece etc. Eis minha posição, com respeito ao marxismo contra a ideia que tinha de sociedade ideal onde tudo era determinado para a evolução dos modos de produção. Faz mais ou menos trinta anos que não acredito mais, e, por consequência, a ideia dessa sociedade ideal é uma representação ideológica”.

Pergunto se seria uma forma de utopia. O Prof. Lacoste concorda complementando: “Seria uma espécie de utopia uma utopia que faz analisar essa sociedade em função da propriedade dos meios de produção. Poderia dizer sim, mas não só. Penso que a análise marxista é necessária, e indispensável, mas não suficiente, e é importante levarem em conta também outras coisas, inclusive, o problema do poder. O grupo que tem o poder, mesmo que ele não seja proprietário dos meios de produção, se coloca como um dos elementos da questão”. Prosseguindo, pergunto se seria poder no sentido foucaultiano. Lacoste responde: “Sim, sim, falo do problema do poder como consequência de lutas. E não se pode compreender uma sociedade, um estado comunista, se não se levar em conta a luta terrível pelo poder. O poder é como um jogo, seja para controlar um banco ou controlar as concessões petrolíferas, sempre será necessário se disputar o poder”. Ainda pergunto se seria o poder em si e Lacoste responde rapidamente: “Em si mesmo, o poder cultural também institui lutas, são grupos”. Pergunto se seria a representação do poder e Lacoste logo responde: “Sim, é a representação do poder. Posso definir a análise marxista como sempre necessária, mas não o suficiente”.

Aproveito o ensejo para dar outro rumo à entrevista, tentando obter o máximo de informações do professor. Pergunto se ele tem muitos amigos entre os geógrafos brasileiros, se ele tem

opinião formada sobre nossa geografia, se para ele existe hoje uma escola geográfica brasileira. Revelando pouca intimidade com a geografia brasileira, assim respondeu Lacoste: “Pode até ser que tenha, mas não a conheço. O geógrafo brasileiro que eu conheço melhor é Milton Santos. Diz que Milton Santos, lhe falara, ainda quando estava na França, que ele estava bem mais preocupado em fazer apreensões e citações de geógrafos anglo-saxões e franceses do que falar do Brasil. Era lógico, pois ele não estava no Brasil. Por consequência, em outro momento em entrevista a *Hérodote*, ele disse que era um geógrafo emigrado, ele não estava em sua nação e, por conseguinte, falava de outras coisas. Todos estimavam muito Milton Santos, mas depois que voltou ao Brasil eu não o revi mais”. Nos momentos finais da entrevista acrescentei que eu estava considerando para fins de análise, o papel dos mediadores do pensamento geográfico francês autores de livros e orientadores de teses, como também aqueles franceses que pesquisaram ou pesquisam no Brasil. Aproveitei destacando a situação de Lacoste dizendo que era muito interessante o caso dele, por tratar-se de um autor que não conhecia o Brasil, mas que havia desempenhado importante papel na formação de nossos geógrafos. Lacoste acrescentou: “*E engraçado. Eu não conheço esse país e como eu influenciei esse país (risos). É necessário conhecer o Brasil. Eu penso que é o próximo passo. O Brasil me parece muito interessante graças aos geógrafos amigos, mas Cuba também me interessa muito, pois são problemas grandes e muito interessantes*”.

A entrevista revela de imediato, um outro Yves Lacoste, um autor que parece não pretende rever a sua obra, no caso seu livro referência, como se ele causasse algum dano. Não se pode negligenciar o fato que o livro *A Geografia Serve...* é de 1976 e, como em qualquer pesquisador ou teórico da geografia, o pensamento é datado. O que foi escrito para aquela época vigora-

va para aquele período. A sociedade muda, os autores mudam logo Yves Lacoste mudou também. Caracterizá-lo consistiu em construir seu perfil a partir daquilo que se tinha de disponível no Brasil. Aqui, Lacoste era conhecido pelas obras citadas, em que a temática do subdesenvolvimento é seu carro-chefe. Ao escrever *A Geografia Serve...*, Lacoste angariou uma notoriedade poucas vezes alcançada por um geógrafo na França. O livro marca a mudança de eixo de preocupações do autor.

Se até então seu trabalho era produzido de forma individualizada, mesmo considerando *A Geografia Ativa*, escrita e proposta pelos quatro geógrafos já citados, de sua autoria, o que aparece sempre é seu tema preferencial, o subdesenvolvimento.

Simultaneamente ao lançamento do livro em 1976, dá-se o surgimento da revista *Hérodote*, resultado de um trabalho coletivo envolvendo um número considerável de pesquisadores. A revista deu visibilidade ao autor que soube administrar o contexto histórico em que ela surgia e ao mesmo tempo esboçou o novo na geografia francesa, uma espécie de reação ao saber geográfico estabelecido. O livro como obra individual, uma revista expressando as ideias de um grupo e a posterior produção de sua tese de doutorado, em 1979, permitem montar o cenário em que Yves Lacoste tem sabido muito bem atuar. A criação do programa de doutoramento, a grande aceitação da revista em todo mundo e um forte investimento intelectual nos temas da revista (*stratégies, géographies, idéologies*), garantiram ao professor uma posição invejável no universo acadêmico e editorial francês. Lacoste, inteligentemente acompanhava o movimento geral da sociedade no mundo e num momento certo, ajustou seu rumo para questões candentes daquele momento histórico. Suas companhias e alianças, sua experiência gabaritaram-no para saber o caminho certo das discussões e o momento mais adequado para uma mudança de eixo.

E o Brasil como fica? – Não fica. A entrevista evidencia que o Lacoste, especialista em Geopolítica não se identifica com aquele Lacoste que construiu uma fama formidável no Brasil. Ele tem uma notoriedade que já foi maior. Face às mudanças no mundo, o Brasil não iria ficar de fora.

Lacoste ainda tem seu lugar no Brasil. Seu livro aqui tão famoso provocou mais discussão entre aqueles que não o leram do que entre os que realmente o conheciam. Era um verdadeiro grito de guerra. Lacoste na entrevista evita repetidas vezes falar do livro dizendo da necessidade de reescrevê-lo. Denota uma espécie de negação de sua própria obra. Não houve nenhuma justificativa do tipo “foi escrito nesse ou naquele contexto”; foi, na verdade, evitado, ignorado. A entrevista permite recuperar o percurso do ilustre professor, sua infância, sua juventude, o partido, a admiração pelos companheiros duplamente companheiros; pelo partido e principalmente pela geografia. Seu rompimento com o partido, sua militância na Argélia, a construção de sua experiência em subdesenvolvimento, em luta de libertação nacional, a ação colonial etc. Lacoste descobre a França e a Europa. Encontra meios importantes para adquirir visibilidade, para declarar novas guerras. No texto da entrevista ele promete guerra. O inimigo à vista: o Grupo RECLUS. Aguardemos!

O sucesso de Lacoste na versão de geógrafo geopolítico no Brasil está longe daquele alcançado com um único livro, quase catecismo de um grupo de leitores que impunha sua leitura e transformava parte de seu conteúdo em palavras de ordem. Seu livro *A Geografia Serve...* já foi publicado oficialmente no país. Hoje, Lacoste orienta estudantes do Brasil, o que permite verificar sua performance. Teriam se esgotado os anos Lacoste ou nós, os brasileiros, estaremos abertos a um Lacoste pós-marxista, ou melhor, pós-moderno?

5

NOVOS GEÓGRAFOS FRANCESES ENTRAM EM CENA

A análise da influência francesa na geografia brasileira, identificada num conjunto de formulações, ideias e pontos de vista calcados em princípios rígidos da geografia daquele país resulta na personificação de profissionais que passaram pelo Brasil e que dadas as peculiaridades de sua atuação, conseguiram formar grupos e dar continuidade ao que se chama de escola francesa. A abordagem do que seria Novos Geógrafos, toma como referência aqueles profissionais que reforçaram a forma francesa de fazer geografia em nosso país após a realização do Congresso da UGI. A partir desse evento, realizado em 1956, considerando que já enfatizamos a ação de profissionais do porte de Pierre George, Michel Rochefort e Bernard Kayser. Em seguida desponta o Prof. Yves Lacoste e todo o alvoroço provocado por suas ideias, acentuado pelo tipo de leitura que foi feita no Brasil de seu livro, *A Geografia Serve...*, propiciada pela conjuntura que o país atravessava nos idos de 1977/1978.

Abordar o novo pressupõe estabelecer com clareza o que é o velho. Fica evidente que não utilizamos o critério cronológico

embora reconhecamos a necessidade de sua utilização em vários momentos pelo fato de possibilitar a sequência de eventos e/ou episódios. Ao mesmo tempo a abordagem do modelo apresenta restrições de ordem metodológica, pois impõe que se vincule influência da Geografia francesa no Brasil a vinda ou permanência de profissionais geógrafos ao país, excluindo aqueles que publicaram livros, orientam pesquisa e não mantêm um vínculo mais efetivo com o país. Atento a esse detalhe, foi evitado, no caso da presente pesquisa, que se excluísse nomes, pelo menos aqueles mais expressivos que deixaram suas marcas a partir de seu estilo de escrever, pesquisar ou orientar.

Muitos franceses passaram ou se relacionaram com o Brasil de forma direta ou indireta. Nesse processo identificamos nomes de professores como Elisée Reclus, autor do livro, *Estados Unidos do Brasil*, editado em português pela Garnier, em 1900 no Rio de Janeiro e o de Pierre Denis, talvez as mais antigas referências de tratamento científico em geografia sobre o país. Denis escreveu *Le Brésil*, para a coleção *Géographie Universelle*, dirigida por Paul Vidal de la Blache. Falar de franceses no Brasil remete de imediato aos nomes de Deffontaines ou Monbeig.

Cabe lembrar, entretanto, a estatura de professores como Roger Dion, que substituiu Monbeig. Em 1948, o Brasil recebeu Pierre Gourou, ilustre professor do *College de France*, especialista em estudos de regiões tropicais, autor do famoso livro *Les Pays Tropicaux*, editado em Paris, pela PUF em 1948. Outro especialista em países tropicais, Louis Papy, chegou em 1950, vindo de Bordeaux. De 1941 a 1952 Francis Ruellan, professor de Geomorfologia Aplicada permaneceu no Brasil, quase que exclusivamente no Rio de Janeiro, indo para São Paulo em 1952. Sucederam-no André Libault, que permaneceu desde o ano de 1965 até 1973, como professor de Cartografia na USP, onde ministrou vários cursos e dirigiu o *Atlas de l'Etat de São*

Paulo. Em 1973, chegou André Journaux. Dentre os professores chegados mais recentemente, listamos: Hervé Théry, autor do livro *Le Brésil*, da Masson, de Paris, editado pela primeira vez em 1985, que já ocupou o cargo de diretor do Grupo RECLUS de Montpellier, credenciado em pesquisa no CNRS e membro do CREDAL (Centre de Recherche et de Documentation sur L'Amérique Latine) entre outras atividades. Os nomes de Martine Droulers, na ocasião da pesquisa, diretora do “grupo Brasil” CREDAL, organizadora do livro *Le Brésil à l'Aube du Troisième Millénaire* e que exerceu o magistério superior na Universidade Federal da Paraíba.

De grande importância também os nomes de Hélène Lamicq, Claude Bataillon, Guy Laserre, Jean Labasse, Hélène Riviere d'Arc, Yves Leloup, Raymond Pébayle, Étienne Juilliard, Calembert, Jean Gallais, Daniel Noin, Guy Burgel, Philippe Pinchemel, Jean-Claude Bonnefont, Claude Collin Delavaud, Anne Collin Delavaud, Yves Babonaux, Henri Coing, Gabriel Dupuy, Jacques Malezieux, François Durand-Dastes, Jean Revel-Mouroz, entre outros que, além das pesquisas, destacaram-se pela orientação de teses sobre o país.

O novo aqui está sendo focado pela capacidade maior de influência e pelo teor das entrevistas que revelam como se estabelecem as relações que levaram a considerar como novo a atuação dos professores Paul Claval e Jacques Lévy. Como já foi lembrado anteriormente, o sentido de novo não se prende à idade cronológica, e sim ao início de um novo contato e as possibilidades da polarização e formação de grupos por parte desses dois profissionais. Como foi visto, outros profissionais geógrafos atuaram no país nesse período, entretanto, se for observado o percurso de cada um dos dois ver-se-á de que forma eles estabelecem suas relações com o Brasil, e, porque tem sentido chamar essa fase de “Novos Geógrafos”.

O Prof. Claval é hoje um dos mais conceituados geógrafos da França. Reúne um número significativo de profissionais de qualidade em seu laboratório e é um dos principais promotores de eventos em geografia naquele país. Seus trabalhos são conhecidos mundialmente. Entretanto no Brasil poucos travam contato com sua produção, sendo *Espaço e Poder*, naquela época, seu livro mais conhecido. Sua atuação na condição de orientador de tese de brasileiros na França coloca-o em condição de destaque e permite que entre no rol dos novos. O Prof. Claval orientou e orienta teses de pesquisadores do Rio de Janeiro, Florianópolis, Belo Horizonte, Fortaleza e mantém intenso contato acadêmico com professores universitários e pesquisadores dos principais departamentos de Geografia das universidades brasileiras e outros órgãos de pesquisa. É autor do livro *A Construção do Brasil*, editado em Paris, em 2004, pela editora Belin.

Jacques Lévy é hoje um grande interlocutor que o Brasil tem na França. Jacques Lévy é incontestavelmente, um excelente exemplo dos novos professores e pesquisadores que entram em cena na sustentação das relações científicas entre os dois países, é figura de proa na organização da categoria dos geógrafos na França, tendo ocupado inclusive a vice-presidência da Associação Francesa para o Desenvolvimento da Geografia. Referido professor mantém intenso intercâmbio com professores e pesquisadores brasileiros e torna-se visita obrigatória para contatos e discussões dos brasileiros que se dirigem a Paris para períodos longos ou curtos de permanência. Cabe salientar que, coincidentemente, os dois professores incluídos nessa situação de “novos geógrafos franceses”, conhecem a língua portuguesa com certa desenvoltura e expressam um razoável conhecimento do país. A escolha dos dois não indica a exclusão de outros professores ou pesquisadores que atuam no Brasil.

Em entrevista concedida pelos dois professores, foi obtido material e informações de inestimável valor para uma análise mais segura e profunda das relações mantidas pelos dois países.

Paul Claval, ilustre pesquisador da Universidade de Paris-IV, instituição onde suas atividades e permanência garantem-lhe notoriedade e respeitabilidade ímpar, se inscreve como um dos maiores expoentes da atual geografia francesa. *Espaço e Poder* é seu trabalho mais conhecido entre os brasileiros. Publicou em Portugal o livro *A Nova Geografia*, editado pela Livraria Almedina, de Coimbra, em 1987.

Com uma vasta produção intelectual, Prof. Claval é sem dúvida hoje, um dos professores mais requisitados na França e no exterior. Seus trabalhos são traduzidos em várias línguas. Seus orientandos são originários de todas as partes do mundo, sendo expressivo o número de europeus e orientais, o que não é comum entre os alunos matriculados nos cursos de doutorado na área de geografia. Como professor visitante em universidades estrangeiras, tem levado sua contribuição ao Canadá, Estados Unidos, Brasil (ministrou curso em português na Universidade Federal da Bahia), China (Taiwan), entre outros.

Quanto à orientação de teses, vem ampliando o número de brasileiros que o procuram para este fim. Na condição de diretor de pesquisa, o Prof. Claval esteve à frente do Laboratório Espaço e Cultura, com publicação própria e um grupo dinâmico de pesquisadores que apresentavam seus resultados em seminários regulares promovidos pelo Laboratório e que se convertia em espaço privilegiado para a discussão dos temas apresentados. Em sua vasta, rica e respeitável produção intelectual encontram-se assuntos ligados aos seus temas preferenciais que são: História da Geografia, aménagement, e urbanismo, geografia política e geografia cultural. Sua tese de doutoramento foi orientada por M. Chevalier tendo sido defendida em Besançon em

1970. Dentre os seus trabalhos de pesquisa e livros publicados destacam-se:

- La région nouvelle à la fin du xxeme siècle. *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, 1989, n. 17, p. 1109-112.
- Les géographes françaises et le monde méditerranéen. *Annales de Géographie*, 1988, v. 97, n. 542. p. 385-403.
- Le thème regional dans la litterature française. *L'Es-pace Géographique*, 1987, v. 16, n. 1. p. 60-73.
- A critical review of the centre-periphery model as applied in a global context. In: *The World economy and the spatial organization od power*/SHACHAR, A., A., ORBEG S., ed. (Avebury: Aldershot, 1990, p. 13- 27).
- Criativité Culturelle et grandes capitales. In. *La géographie de la criativité et de l'innovation*/CHEVALIER, dir. (Paris: Publications de l'Universite Paris-Sorbonne, 1990, p. 53-63).
- *La conquête de l'espace américain*, Du Mayflower à Disneyworld. (Paris, Flamarion, 1990, coll. Géographes. 320p.)

Além desses trabalhos, Paul Claval escreveu “Les Mythes fondateurs des sciences sociales”, “La Logique des villes”, “Principes de géographie sociale” etc. , Claval, a propósito da renovação da Geografia afirma:

A geografia clássica permite descrever e compreender o meio rural, as realidades regionais ou das antigas províncias. A indústria, a cidade, o turismo, as migrações populacionais, os ritmos trepidantes da civilização avançada, escapam-lhe.⁶⁸

⁶⁸ CLAVAL, Paul. *A nova geografia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987, p. 9.

Ao apontar a incapacidade da geografia clássica em perceber, para fins de análise, várias faces da vida moderna P. Claval indica que houve esse avanço. É, entretanto, bem moderado e parcimonioso reconhecendo que a geografia não construiu sozinho este percurso. O autor é enfático ao afirmar:

A transformação necessária está muito avançada. A renovação foi obra de geógrafos, mas também, e ao mesmo nível, de sociólogos, de economistas, de etnólogos ou urbanistas. Os historiadores participaram no movimento, mas a sua contribuição é menos essencial do que durante o período anterior.⁶⁹

A renovação, segundo P. Claval, começa a ser sentida a partir dos anos 1960, havendo, segundo ele, certa hesitação quanto ao seu qualificativo.

Uns falam de geografia teórica, outros de revolução quantitativa: são expressões que, não sendo inexatas, exprimem apenas metade da realidade. A nova Geografia nasceu num período de fermentação intelectual intensa; desenvolve-se sob uma atmosfera de agitação social... Enfim o marxismo, que até agora tinha apenas jogado um papel secundário no pensamento geográfico, interessa-se por estes desenvolvimentos. Jovens teóricos clamam a necessidade de abrir, através de um corte epistemológico a maneira de Althusser o continente geográfico do conhecimento científico.⁷⁰

O texto revela que o autor trata da renovação de forma abrangente considerando todas as correntes de pensamento com cores e matizes diferentes conforme suas opções político-ideológicas.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Ibidem., p. 11-12.

Entrevista com o Professor Paul Claval

Indago o prof. Claval, a propósito de sua opinião sobre a geografia brasileira, se ele pensa que já possui um perfil próprio e se já constitui uma escola autônoma. Assim responde o professor:

“Para mim, a princípio, uma escola de geografia significa um grupo de profissionais e um corpo de doutrinas que se transmitem de uma geração para a outra. E, por outro lado, no sentido mais forte, um conjunto de profissionais que desenvolvem concepções originais da disciplina, no sentido forte e no sentido fraco. No sentido fraco, um grupo de profissionais com continuidade e que se aplica perfeitamente ao Brasil. Há atualmente, após 60 anos, um corpo numeroso de geógrafos no Brasil, com pessoas bem formadas, com tradição, que se consolidou, e, nesse sentido, penso que falar da geografia brasileira é uma realidade. Nesse sentido é uma escola como o são a geografia ibérica, a italiana. Direi que é, a meu ver, a partir do que se passa com a geografia ibérica, com a italiana, quando se pretende aplicar o termo no sentido amplo, se torna difícil aplicar o mesmo à geografia brasileira porque ela não desenvolveu um corpo de doutrina totalmente original, mas é possível...”

Creio que na história da geografia houve um período que vai do fim do século XIX aos anos 1950 com o fato da Geografia Humana Geral adotar correntes, posições muito diferentes, concepções muito contrastantes. No que toca à geografia, constata-se que, nesse momento, existem efetivamente escolas nacionais. Há uma escola francesa, uma escola alemã, uma escola americana. Havia também nessa época, uma escola inglesa. Havia, portanto, geógrafos que na Inglaterra tinham nível profissional e uma série de tradições. E havia uma escola espanhola que se esboçava, e havia uma escola polonesa. Eu creio que por

consequência, que a ideia de escola autônoma é qualquer coisa que se aplica a um determinado momento do desenvolvimento da geografia no mundo. Atualmente, estou seguro, que entre a geografia francesa e a geografia anglo-saxônica há uma larga oposição e hábitos um pouco diferentes, mas creio que esta ideia decorre do ‘nacional’ no sentido forte do termo e não se aplica bem à realidade atual.

Nesse sentido penso que o fato da geografia brasileira estar bem equipada, constitui prova de sua maturidade. Penso qualquer coisa de característico do conjunto da geografia brasileira, no contexto do mundo atual.”

Prossigo indagando o professor sobre as fases de hegemonia, de afastamento, de rupturas e de aproximações nas relações científicas travadas entre França e Brasil no campo da geografia. Falo da presença direta ou indireta de vários professores e cito Deffontaines, Monbeig, Papy, De Martonne, Pierre George, Kayser, Labasse, Lacoste, Tricart, Pebayle e ele mesmo entre outros, que são constantemente citados em nossos cursos e trabalhos de pesquisa. Pergunto se ele pensa que há uma descontinuidade em nossas relações, se há sintomas de estagnação.

“Têm havido altos e baixos nas relações entre os geógrafos brasileiros e os geógrafos franceses. O mesmo ocorre entre a geografia brasileira e a geografia francesa. Há períodos de relações muito intensas, aqueles nos quais os geógrafos franceses conservam o modelo ‘colégio’ dos alemães e têm um papel propulsor no nascimento da geografia brasileira como Deffontaines, Monbeig, Papy, Pierre George, Rochefort, Kayser, e outros, revelando igualmente, um período que vai até o fim da 2a. Guerra Mundial. Penso que a partir desse momento há, em certos geógrafos brasileiros, um desejo de independência o que, eu diria, é muito legítimo, e isso não se traduz nos pesquisadores brasileiros pela busca de outros modelos e, um caso típico e o de Sternberg, que

partindo para longe finalmente se instalou em Berkeley. E nos parece que há uma geração que se voltou para os Estados Unidos e, na época de Sternberg, não se trata de uma transformação na concepção da Geografia mais própria dos anos 1960 com a 'Nova Geografia', dos métodos quantitativos e houve, em certos geógrafos brasileiros, a impressão de que o que vinha do velho continente estava ultrapassado e que valia voltar-se resolutamente para os Estados Unidos.

A orientação à esquerda de certos geógrafos brasileiros limitou, evidentemente, o papel de pessoas como P. George, B. Kayser, M. Rochefort, guardando a importância dos anos cinquenta ou sessenta. Mas, creio que há uma reaproximação re-marcada a partir do início dos anos oitenta e penso que há dois fenômenos. De um lado, a descoberta de que a geografia quantitativa, a Nova Geografia, tem limites e, por consequência, o modelo que poderia oferecer a América do Norte é parcial; de outra parte, se ligou a modernização da geografia francesa, a emergência de novas orientações, se bem que isso não é a Geografia Regional na maneira como se praticou nos anos 1930 e 1940, mas a geografia de orientação marxista tal qual Kayser, Rochefort, P. George puderam representar nos anos 1950 e 1960, que são hoje fontes cada vez mais amplas. Além dos interesses que há na França pelos problemas de organização do espaço, de "aménagement", de geografia aplicada de uma parte, e os problemas de Geografia Histórica e Cultural entre tantos. E após uma renovação, só pode se dizer que a França reencontra uma influência que tinha no início, criteriosa, com condições de avanço na disciplina. Penso que há um momento de ressurgimento.

Pergunto ao professor se ele pode traçar seu itinerário intelectual fazendo referência ao papel que o trabalho e o contato com o Brasil exerceram na sua formação.

“Nos países nos quais estive, em diferentes momentos de minha vida, posso rever minha estada como ‘petit français’, nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e no Brasil. Por consequência, e por razões muito diversificadas, isso só vem dos países que visitei muito cedo e, no caso do Brasil, tomei conhecimento quando eu era estudante em Toulouse, com jovens colegas brasileiros que preparavam suas teses. Havia uma colega geógrafa e seu marido que era médico. E acreditei conhecer a geografia brasileira e descobri que embora não conhecesse o português, poderia ler o português, e que podia escrever numa revista e então nesse momento, houve um interesse redobrado pelo Brasil. Posso dizer que as obras que tínhamos sobre o Brasil, me interessavam muito porque havia uma sociedade diferente pela qual me interessei, porque não achava na literatura francesa, o equivalente do que Pierre Denis, que viveu também no Brasil, escrevera sobre a Argentina. É uma geografia magnífica, um dos mais belos estudos regionais. Denis trabalhou nos arquivos da Argentina antes da Primeira Guerra Mundial e ele trabalhou da mesma maneira no Brasil e, por consequência, tive a impressão de um trabalho que a certo momento, utilizei como testemunho de viajante.

Em seguida, destaco o hábito de apresentar a geografia do Brasil a partir da história do açúcar. E interessante, mas ao mesmo tempo, é a partir dos anos cinquenta do século vinte, que os geógrafos franceses se repetem e eles tinham na visão do açúcar do Nordeste, de Minas Gerais, do Rio, de São Paulo, uma sucessão de bases de desenvolvimento. A Amazônia mais tarde, e notei que faltava qualquer coisa que após ter contado esse ciclo eu não saberia o que dizer dos períodos da história do país, de sua organização. E tive a pura impressão de um ressurgimento ao qual faltava a substância. O único que sempre me pareceu diferente é o estudo de Monbeig que justamente deu, para o caso

de São Paulo, uma visão bem mais coerente. Lendo Monbeig descobri o interesse da geografia médica ou da saúde e foi divertido pois eu era estudante quando li Monbeig e jamais vira, a partir de um exemplo concreto e preciso, o que era abordar a Geografia médica.

O que encontrei de interessante na nova abordagem de Pe-bayle é que a obra é justamente uma reflexão sobre as condições ordinárias de organização do espaço no Brasil, onde não só a história dessas frentes pioneiras tomam lugar. Há uma reflexão sobre a especificidade do espaço brasileiro, reflexão que, no fundo, não encontrara na literatura geográfica francesa. Deu-me a impressão de que ele se fixou após Monbeig. O discurso sobre o Brasil por cerca de trinta anos foi repetitivo, quer se trate de frentes pioneiras, quer se trate de ciclo do açúcar, e em pequenas obras, encontramos sempre a mesma visão do açúcar, das frentes pioneiras e faltam muitas outras coisas para compreender o Brasil. Nesse momento tive o sentimento de que se estudara mal o Brasil. Me interessei quando ainda estudante, de ir ao Brasil, como um grito de independência, e detive muitas coisas nesse momento, mas procurei e sempre guardei a lembrança de um país sobre o qual, na literatura de língua francesa, faltava alguma coisa.

Restou um pouco na superfície, penso uma interpretação fundada historicamente, mas distante dos historiadores brasileiros. Uma interpretação que não encontra semelhança nos historiadores franceses. Só nos geógrafos, aos quais escapou um pouco e que buscam compreender o que é o espaço brasileiro propriamente dito, uma vez que as frentes pioneiras passaram e a sociedade se organiza como ela funciona, como se organiza a competição social, como se coloca a questão dos papéis-chave na sociedade brasileira e colocar questões da formação das elites. Essas são coisas essenciais para compreender um país e isso não encontrei nas obras que consultei.

Pergunto sobre a reaproximação da Geografia francesa com a brasileira e vice-versa, considerando que o senhor representa bem essa reaproximação. Penso que a primeira pessoa que Paul Claval orientou foi Leila Cristina Dias e, em seguida, Margareth Pimenta, Paulo César da Costa Gomes, Sergio Augusto, Maria Clélia Lustosa da Costa, Maria Geralda de Almeida e eu que fiz estágio de pós-doutorado. No caso, todas essas teses indicaram algo de novo no trato do Brasil, uma abordagem diferente do que se faz na França normalmente? Assim Paul Claval se manifestou:

Penso que através dos trabalhos dos brasileiros que dirigi aparece uma ideia de modernidade, condição da formação de um espaço urbanizado moderno. Geografia da comunicação no interior de um Brasil unificado, e que não circula bem. Em Margareth Pimenta, quando ela estuda a condição da indústria têxtil, se apresenta mais recentemente com Leila Cristina o papel das telecomunicações na formação do funcionamento da rede bancária, no Brasil de hoje. Desse ponto de vista, os brasileiros descobriram no seu estágio na França, a importância das telecomunicações. Entre as ideias, importantes a meu ver, destaco o papel das elites no funcionamento espacial de uma sociedade e qualquer coisa que está acima do nível que atrai a atenção dos brasileiros que orientei e, acredito ser importante para compreender a história dum país. Para mim, mais as elites do que as classes, porque se falou muito de classe e de região. Também parece interessante ver como a responsabilidade do país surge para fortalecer o conhecimento que permite organizá-lo e isso constitui uma rede através da qual a informação circula e começa a penetrar no mesmo sentido que atravessa a noção de especificidade do espaço. Creio que há ainda muito trabalho a fazer no Brasil pelos brasileiros para tentar ir mais longe desta vez.

Aproveitei para indagar o que o professor pensa sobre a prática da Geografia francesa em relação ao Brasil, se ela seria semelhante à Geografia Colonial ou à Geografia Tropical. Respondendo, Paul Claval foi enfático: “Penso que não é semelhante por várias razões: em primeiro lugar penso que P. Monbeig teve essa preocupação bem diferente de geógrafos como Gourou ou P. Péliissier.” “Foi diferente, porque obtive testemunhos mais estreitamente geográficos que outros, pois ele tinha uma curiosidade que não ficou limitada à geografia física, limitada ao fato tradicional da agricultura ou da ocupação do solo. Eu creio que rapidamente ele compreendeu a importância da circulação, a importância da história, do papel do sistema de povoamento. E trouxe do estudo da sociedade brasileira uma visão da sociedade que não estava presente entre os especialistas do mundo da geografia colonial. A ação que exerceram sobre os fatos sociais na Geografia colonial, não se aplica no caso das estruturas muito tradicionais porque, desde o início, o que interessa a Monbeig é o papel de S. Paulo, o papel da metrópole, o papel das estradas de ferro, o papel de certo capitalismo inovador. Eu creio que isso não é simples equivalência ao resto da geografia colonial, ao resto da geografia tropical, mas ele tira partido da Geografia tropical, por exemplo, de todas as pesquisas sobre a geografia médica, e a integra na sua abordagem. Desse ponto de vista, ele faz parte da tradição de análise, mas é qualquer coisa que não é exclusiva. E então a originalidade é mais forte em Monbeig do que o era em outros. Eu creio que outros geógrafos franceses aceitaram mais facilmente essa interpretação da história do Brasil em termos do ciclo da cana-de-açúcar. Desse ponto de vista, foi pouco diferente das abordagens tradicionalmente praticadas pelos geógrafos. Mesmo assim, tornou-se repetitiva. Aceitou uma interpretação sem ver se ela cobria a realidade brasileira, e lhe permitisse compreender a dimensão do progresso do povo-

amento que é um dos elementos da diversidade regional. Mas que havia certamente outras coisas para analisar no Brasil atual, que são diferentes e que não são as mesmas compreendidas por Monbeig, mesmo sendo excepcional, nem pelos demais geógrafos franceses que trabalharam no Brasil”.

Pergunto se existe algo de novo em matéria de geografia na França, e, em caso de resposta positiva, que ele me falasse em que consistia esse novo e onde ocorria sua prática, quais seriam suas principais características e seus personagens. Solicito como sempre, assim Claval se manifestou:

“Você me põe uma questão que é difícilíssima porque você conhece o assunto melhor do que eu. Fico um pouco acanhado para responder essa questão. O que há de novo na França, depois de quanto tempo, eu lhe peço precisar mais”. Digo que estou me referindo ao momento atual (1992). Nós brasileiros quando discutimos, notamos uma espécie de “perda” de Paris e o ressurgimento de outros centros ditos tradicionais para a geografia brasileira como Strasbourg, Toulouse, Bordeaux, Caen, mas nós perguntamos, para a geografia em geral hoje, o que é Montpellier, o que é Grenoble, e as universidades em Paris que trabalham com a Geografia como Paris I, Paris IV, Paris VII, Paris VIII, Paris XII. Claval prossegue: “Eu penso também que a geografia francesa na hora atual se diversificou nos seus interesses e renovou-se na concepção de região, partiu em torno do Grupo Reclus em Montpellier, e a reflexão sobre região foi, em parte, expressa pelos trabalhos do grupo RECLUS, por um esforço de utilização sistêmica do mapa para expressar isso. A ideia de analisar o país sob a forma de uma geometria simplificada, nem sempre aceita por unanimidade, mas que é alguma coisa que, do ponto de vista pedagógico, representa uma vantagem importante, e a Casa de Geografia de Montpellier oferece aos pesquisadores que desejam obter uma documentação sobre a

França e sobre a Europa, instrumentos informativos e cartográficos modernos e facilidades de primeira linha. Por isso, a *Maison de la Géographie de Montpellier* é um centro importante em temas que estavam negligenciados como a geografia política que tornou-se um componente importante após dez anos e, desse ponto de vista, há correntes interessantes de reflexão sobre a geografia política e a geopolítica. Pode ser em nível de pesquisa da Universidade de S. Denis-Paris VIII - em torno de Yves Lacoste onde se encontra a formação melhor estruturada para o terceiro ciclo neste domínio, preparação do doutorado. E há interesse pela geografia social, um interesse que se desenvolveu após os anos oitenta em torno de geógrafos da Universidade de Paris I, dos geógrafos de Lyon II, e de geógrafos da Université de Caen e outras universidades do oeste - Nantes, e centros menos importantes. Há aí pesquisas muito interessantes ao limite da Demografia, da riqueza, da pobreza, de fenômenos de exclusão e, neste conjunto, as pesquisas são muito numerosas. Após dez anos, igualmente assiste-se à renovação da geografia histórica e da geografia cultural. A geografia histórica e a geografia cultural sempre foram praticadas, mas foram consideradas um pouco marginais após os anos sessenta e sobretudo nos anos setenta. Atualmente são disciplinas ativas para os mais jovens e em matéria de geografia histórica nos centros que se especializaram. A mesma é praticada em várias universidades no que concerne à Geografia Cultural e é a Paris IV que a mantém. Quando da realização da pesquisa, lá estava o centro mais importante com o interesse focado na história da paisagem. Os textos e pesquisas do Prof. Pitte revelam forte interesse por paisagem entendida como capaz de explicar a realidade. Igualmente acontece nas investigações do Centro de Pesquisa do Japão Contemporâneo tendo à frente o Prof. Augustin Berque. É, em Paris, que se encontram os centros essenciais à pesquisa, os melhores. Agora deixo os

domínios da geografia humana e da geografia social para ver o que se passa no domínio da geografia física ou da geografia natural. A impressão é que ele vive uma fase de transição e após os anos cinquenta, sessenta e setenta, assiste-se a uma crescente especialização mesmo se nos interessa mais a abordagem global. de que a geografia física toma mais e mais um sentido de geomorfologia especializada, mesmo que não se diga de uma biogeografia bem pontuada pela climatologia que realiza encontros consideráveis na meteorologia dinâmica, ao estudo de tipos de tempo, de massas de ar, de movimento um pouco diferente, e dá a impressão que essa geografia física muito especializada se volta para uma geografia física para o homem que nos interessa, antes de tudo, o funcionamento dos ecossistemas nos quais o homem esta envolvido, nos interessa o meio ambiente e sua preservação, nos interessa, o clima, o que significa, e desse ponto de vista, a mutação rápida explica um pouco o sombreamento dos centros tradicionais que não desapareceram, mas que interessam antes de tudo, hoje, ao geólogo, ao geomorfólogo especializado, que não são geógrafos. Mas há estudos interessantes que continuam a ser feitos em Strasbourg, Caen ou em Grenoble, que é um centro tradicional dessa geografia especializada, e há orientações novas voltadas para o meio, como em Nice, por exemplo, Grenoble e Nanterre. E há trabalhos que superam, com profundidade, as abordagens da geografia física. No domínio das orientações que eu diria regionais, continua interessada pelo mundo tropical com menos sucesso após alguns anos, mas as universidades mediterrâneas continuam elaborando trabalhos sobre o Maghreb, o mundo mediterrâneo e o Oriente Médio.

Toulouse orienta-se para o mundo ibérico especialmente hispano-americano, hispânico mais, igualmente, tem um nítido interesse pelo mundo iberofônico. E o que muda até o presente são os centros de pesquisa sobre a Europa. O que parece para-

doxal, é que os centros que trabalham nesse domínio têm um interesse muito nítido na transformação atual do extremo oriente, ou seja, metade do mundo pacífico. Apesar do Centro de Estudos do Japão Contemporâneo participar disso, faltam ainda, centros de estudos mais expressivos sobre a Europa oriental/central, do leste, centros de estudos sobre o extremo oriente. Eu creio que há conhecedores, estudiosos, estudantes, mas não há centros que estejam à altura dos problemas que se colocam nesses países”. Prosseguindo, o professor começa a falar da geografia brasileira: “A meu ver a geografia brasileira tornou-se uma geografia adulta com uma produção abundante de revistas de qualidade nas quais há, ao mesmo tempo, artigos, análises feitas por autores brasileiros, análises de obras brasileiras e há um esforço para se manter em dia com o conjunto das pesquisas no mundo. Penso, por exemplo, que o papel da revista que era orientada por Chistofolletti, a *Revista Teorética* tem importância capital nesse domínio. Tenho a impressão que, através de textos e outros trabalhos abundantes e numerosos publicados nesta revista, é possível ao Brasil seguir o que se fez no mundo anglo-saxão e na Europa. Creio que a geografia brasileira atingiu essa maturidade constituindo um rol de profissionais capazes de tratar dos assuntos nacionais e se manter ao corrente dos interesses e do que se faz em âmbito internacional. Há manuais de ensino secundário e superior que são bem feitos e que são publicados há muitos anos. São anuais equivalentes aos encontrados em outros lugares do mundo ocidental. Há traduções e é possível encontrar em português, obras inglesas, francesas e na grande parte de trabalhos que existem, há fundamentos importantes e trabalhos de demonstração estatística. Creio que o fator que tolhe os geógrafos brasileiros na hora atual é algo que tolhe toda a vida intelectual do Brasil, são as dificuldades de vida dum sistema ruim no qual os professores têm sempre que realizar uma ginástica difícil

para chegar até o final de seus trabalhos. Desse ponto de vista, o que limita a produtividade dos geógrafos no Brasil e que eles são forçados a realizar outros cursos, a aceitar outras responsabilidades diversificadas e isso não corresponde, por outro lado, à vontade de participar no movimento geral da vida econômica e nos demais fenômenos do país.

A relação que tive com colegas brasileiros foi sempre para mim, relações interessantes e tenho a impressão de estar num terreno onde falo para iguais. Falo com pessoas que fazem de tudo para se manter atualizadas, para se manter no nível e, desse ponto de vista, tenho tido muito boa impressão da geografia brasileira, embora eu não tenha ilusão de que não apresente fraquezas, de que os geógrafos brasileiros estejam no primeiro plano. Não! Há em toda comunidade científica grande diversificação tanto quanto ao nível do esforço, como nos resultados obtidos.

Ao contrário de outros geógrafos, as respostas do Prof. Paul Claval são estruturadas de tal forma que nada fica sem resposta. O entrevistado ficou bem à vontade e a cada solicitação emitia suas opiniões, revelando um profundo conhecimento de Brasil. Segundo o depoimento, seu interesse pelo país data do período em que o mesmo era estudante universitário em Toulouse.

Paul Claval registra magistralmente todo o seu contato com obras excelentes, escritas por franceses que analisaram o Brasil. Cita P. Denis e P. Monbeig entre outros. Sua habilidade analítica coloca-o em posição de destaque entre os geógrafos franceses que mantêm vínculos com o país. Embora não tenha registrado o conhecimento de trabalhos de intelectuais brasileiros sobre as várias interpretações de Brasil, seja de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Gilberto Freire ou Celso Furtado, todas, contemplando variadas matrizes teóricas. Cita os trabalhos de seus orientados que, sem dúvida, transmitem

uma imagem do Brasil quanto à sua totalidade. Claval constitui também outro caso bem interessante de professor orientador. Apesar de manter vínculo antigo com o país e ter a vantagem de possuir o conhecimento da língua portuguesa, só ultimamente iniciou a atividade de orientação para brasileiros. De um modo geral, chama a atenção a procura que os brasileiros fazem para serem orientados pelo Prof. Claval, seja para uma orientação de longa duração tipo tese de doutoramento, seja para contatos, entrevistas etc. Sua simpatia e boa vontade fazem-no hoje uma das personagens da geografia francesa mais expressivas para o Brasil.

Outro geógrafo que ocupa a condição de “novo” nas relações travadas entre a França e o Brasil perpassadas pela geografia é Jacques Lévy.

O geógrafo Jacques Lévy desponta como uma das grandes revelações da Geografia francesa assumindo cada vez mais posições de destaque, com uma produção variada e de grande porte. Seu entrosamento com geógrafos brasileiros, seu interesse pela produção geográfica do país, o conhecimento do português leva-o a constantemente ser procurado por brasileiros que estudam na França ou que para lá se dirigem para pesquisas e contatos. Tudo isso o credencia entre novos geógrafos que ingressam no panorama da geografia brasileira. Suas formulações abrem muitas possibilidades a um profícuo intercâmbio acadêmico entre França e Brasil. Em sua entrevista, Jacques Lévy dá um outro tom, desnudando as relações existentes no interior da organização da geografia francesa sem camuflar suas mazelas, as lutas pelo poder, a organização de associações.

Nascido em 1952, antigo aluno da Escola Normal Superior de Cachan, cidade integrante da grande Paris, mais tarde Jacques Lévy assumia a função de encarregado de pesquisa do

CNRS junto ao laboratório Strates na Universidade de Paris I, Sorbonne. Quando da entrevista, em termos funcionais, ainda era maître des conférences (um dos níveis de carreira do magistério francês), no Instituto de Estudos Políticos de Paris. Em 4 de janeiro de 1993, defendeu sua tese de doutorado de estado (Doctorat d'Etat) sob o título de “L'espace légitime”, na Université de Paris VII, tendo inclusive, o Prof. Milton Santos, como membro da banca que contou também com Paul Claval, Jean Bernard Racine, Olivier Dollfus e Remy Knafou. Cofundador e animador da revista *Espaces Temps*, Jacques Lévy reúne um conjunto de experiências significativas em geografia.

O livro *Le Monde Espaces et Systèmes*, organizado por Jacques Lévy, Marie Françoise Durand e Denis Retaillé, lançado em 1992, pelas editoras Presse de la Fondation Nationale des Sciences Politiques & Dalloz, constitui um trabalho denso em que se discute temas ricos e variados como: “Em torno do modelo-Estado”, “Em direção a sociedade-mundo” etc. O livro apresenta um texto do Prof. Milton Santos intitulado “São Paulo - um centro na periferia.”

Em outra obra de 1991, organizada por Jacques Lévy, *Geographies du Politique*, parte da série ‘Referências’, editada pela Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, o autor ao reunir uma equipe de qualidade, recebeu grandes elogios. O jornal *Libération* assim referiu-se:

Como se articula o espaço da função política com as outras dimensões do espaço social? Esta obra procura responder. Para começar, pela análise da ‘donnée’ de diferentes ‘espécies de espaços políticos’; em seguida pelas ‘mises’ de disciplinas, tais como a ciência política e a geografia, que investiram no campo: sociologia, antropologia, demografia, história. Estes contornos traçados, ‘les cartes’ vêm verificar a adequação de metodologias a regiões e períodos históricos. (Marseille, a

Bretagne, a URSS, a África). Uma última rubrica do “jeu” se esforça para dar “alguns pontos de referências para pensar o estado e o movimento do mundo hoje.”⁷¹

Do famoso jornal *Le Monde* obteve o seguinte comentário:

Este livro apresenta uma reflexão coletiva sobre o tema do espaço político. Especialistas de várias disciplinas (geografia, política, antropologia, sociologia, história, urbanismo) participam do livro, e então assiste-se, como notou Jacques Lévy, a uma ‘desgeopolitização’ do mundo e um deslocamento do político em proveito de uma extensão e de uma diferenciação de seus espaços. O conjunto constitui um dossiê rico e denso.

As duas notas, de teor crítico, de jornais famosos e respeitados na França foram transcritas da contracapa do livro.

Entrevista com o Professor Jacques Lévy

Jacques Lévy foi muito receptivo ao ser procurado para a entrevista. Em sua casa, depois de apresentadas as razões da pesquisa, perguntei se para ele a geografia brasileira já possui um perfil próprio e se até certo ponto, constitui uma escola autônoma. Assim se manifestou o professor:

“Bom, antes de responder a essa questão quero precisar algo. Eu não sou um especialista em Brasil e não sou um especialista em história da geografia. Portanto, eu não sou um conhecedor especializado me permitindo responder com profundidade a essa questão. É mais uma impressão que eu posso dar a partir de duas viagens muito curtas que fiz ao Brasil com intervalo de 10 anos – 1982 e 1992 – e do conhecimento pessoal que eu pude ter com alguns geógrafos brasileiros. Eu tenho a impressão e posso certamente responder sim a essa questão, porque, quan-

⁷¹ BERQUE, A. “Espace, milieu, paysage, environnement. In: _____. *Enciclopédia de Géographie*. Paris: Econômica, 1992. p. 358.

do comparada com outros países, meus sentimentos me revelam que, no Brasil, a geografia é importante, é densa, é estruturada, é complexa. Há muitas escolas de pensamento no interior da geografia, mas, em todo caso, ela se assemelha à geografia dos países onde essa ciência é forte. E eu não construí firmemente meu conhecimento a respeito disso porque há uma grande crise nos países do mundo desenvolvido, como na Grã-Bretanha, na França, na Itália. Na Espanha ela é um pouco menor. E depois os Estados Unidos que não são muito poderosos senão em alguns lugares isolados, muitas vezes, aquém dos europeus. No Japão há também geógrafos, mas eu não estou seguro de que haja uma verdadeira escola japonesa de geografia. A Suécia também, seguramente, deve ser citada. Portanto, eu penso que o Brasil, desse ponto de vista, figura entre os grandes países da geografia, notadamente no que se refere à América Latina. Eu creio que não há senão o México que possa, de certa forma, rivalizar, mas de qualquer maneira eu não tenho conhecimento, e o que sei é que há geógrafos em todos os países. Há na Argentina, na Venezuela, no Peru, mas o Brasil nesse contexto, é o mais importante, porque, se não há muitos geógrafos, torna-se difícil haver uma geografia. Desse ponto de vista em termos de massa, o Brasil preenche as condições. Em termos de ideias, eu creio que sua força é estar ligado ao exterior, não ser uma província, como se diz na França, isto é, uma zona de enclave, mal ligada ao mundo exterior, que vive seu próprio ritmo o que se podia dizer, no passado, também, em termos, da geografia francesa. Mas sabemos que geografia brasileira não é “provinciana”, que ela é ligada ao fluxo, ao mercado intencional das ideias. Os geógrafos brasileiros leem o que se faz no exterior, têm uma boa cultura anglofônica e francofônica, produzem obras anglofônicas e francofônicas, são importantes como massa. Portanto, eles constituem massa sem enclave, em relação ao mundo. No fundo, verdadeiramente, eu te respon-

do que não conheço senão um pequeno número de geógrafos. Penso que há toda uma parte que eu não conheço totalmente, especialmente, aquela ligada, por exemplo, ao IBGE - que faz a geografia quantitativa fundada sobre estatísticas, positivista se dito sob um ponto de vista pejorativo. Trata-se de uma geografia decorrente dos momentos de glória do 'milagre brasileiro', de teor economicista, que não desapareceu completamente. Eu não sei se existe ou existiu, não conheço. O que conheço é a geografia que se considera como ciência social, que pensa seriamente o conceito de sociedade, justamente como o de totalidade social. Trata-se de uma abordagem fundada na ideia de que o espaço tem uma dimensão de sociedade. Que utiliza, sobretudo, métodos qualitativos mais do que métodos quantitativos, porque pensa que é o melhor meio de apreender seu objeto. Todas essas coisas que a ligam a escolas comparáveis na Europa. E como eu mesmo me situo nessa abordagem, evidentemente, tomei contato com essa versão, essa porção da geografia brasileira. E depois, meu conhecimento me ligou muito fortemente à pessoa de Milton Santos. Ele foi meu embaixador nesse ingresso. Para ser honesto, devo dizer que a geografia brasileira que eu conheço é aquela que gravita em torno de Milton Santos”.

Interrompo e provooco mais uma vez Jacques Lévy perguntando se a geografia brasileira seria uma espécie de escola e o professor prossegue: “Sim, uma espécie de escola, sobretudo agora que Milton Santos está na USP, onde trabalham muitas pessoas. Trabalham bem e muito. Isso é reforçado, penso, quando comparo com a época em que estive no Rio de Janeiro. Eu conheci também um terceiro aspecto da geografia brasileira que é o aspecto da geografia militante, quando de minha primeira viagem em 1982 ao congresso da AGB, em Porto Alegre. Fiquei impressionado com duas coisas que não havia visto alhures, ou seja, a possibilidade de conseguir fazer vir dois mil participantes

geógrafos num local que era distante para todo mundo, e caro, porque os transportes são caros para os brasileiros, e entre os participantes, muitos professores do ensino secundário. E isso me pareceu um sinal muito importante de vitalidade. Creio que foi do mesmo modo, em Presidente Prudente”. Informo que a AGB tem conseguido arregimentar sempre um número considerável de participantes aos seus eventos. Jacques Lévy prossegue: “É o primeiro aspecto, o fato de que universitários estejam em contato com os utilizadores do pensamento geográfico sobretudo dos professores. Outro aspecto, este mais conjuntural e provavelmente mas ligado à época, é o primeiro passo da luta política pela democratização, e certamente lá houve certa mistura de gêneros, eu diria, entre trabalhos propriamente científicos e militância política. Era ao mesmo tempo simpático e inquietante porque se pensava que a autonomia científica corria o risco de ser diminuída pela abordagem dos problemas políticos que evidentemente eram muitos e importantes, e compreendi o ‘porquê’”. Adverti ao professor que no contexto do evento de Porto Alegre já se observava um cisma, uma separação. Jacques Lévy concorda e prossegue:

Efetivamente, foi minha impressão. Após dez anos o que me espantou foi que a geografia brasileira trabalha, trabalha duro, tem ambições teóricas e ao mesmo tempo elabora trabalho de campo. Então ela tem, eu creio um bom equilíbrio entre esses dois aspectos da pesquisa. (1991)

Prossigui provocando o professor dizendo que considerando que a geografia brasileira mantém vínculos fortes com a geografia francesa apresentando fases diferenciadas como as de hegemonia, de afastamento, de rupturas e de aproximações em suas relações científicas. Citei nomes de professores do porte de Deffontaines, Monbeig, Papy, De Martonne, Pierre George,

Kayser, Rochefort, Labasse, Claval, Lacoste, Tricart, Pebayle, o próprio professor e tantos outros, que são constantemente citados em cursos e trabalhos de pesquisa. A partir desse preâmbulo perguntei como ele via aquele contexto, se havia uma descontinuidade nessas relações ou se havia sintomas de estagnação. Jacques Lévy questiona: “Quando você diz sintomas de estagnação, o que seria estagnação, as relações?” Digo que sim, as relações, como você se referiu na questão anterior a propósito das relações do Brasil com os Estados Unidos, a geografia quantitativa e assim por diante. Jacques Lévy responde assim: “Eu tenho a impressão que há certa dessimetria atual posto que os brasileiros são muito interessados na geografia de outros países, e, em particular, pela geografia francesa. Há uma continuidade, justamente do ponto de vista dos brasileiros, pelo interesse que têm pela França. Inversamente, tenho a impressão que a continuidade não é tão forte porque os franceses gostam muito de utilizar o Brasil como objeto/campo de pesquisa, e eventualmente como público, mas eu creio que não cumpre com muito interesse e há exceções brilhantes. Muitos não podem aceitar a ideia de que o Brasil seja também um produtor de geografia e que então devem ir ao Brasil como vão a Grã-Bretanha ou aos Estados Unidos para se enriquecerem nas fontes de produção. Mas eu creio que não conhecem tão bem a geografia brasileira enquanto produtora de trabalhos. Portanto, talvez sejam esses especialistas os que introduziram essa descontinuidade. O fato de o Terceiro Mundo finalmente ter se tornado popular no nosso país nos anos 60 e 70, e muito mais hoje, é qualquer coisa que perpassa largamente a geografia e que é o problema das esperanças finalmente políticas e sociais que muitos dos intelectuais colocaram no Terceiro Mundo. Eles tinham a impressão de que a periferia finalmente era a esperança do centro. Hoje, as ideias dominantes é de que o centro é a esperança das periferias.

Bom, há, sem dúvida, muito de excesso nas cores. Penso que são as ideias que dominam hoje. Quero dizer que, se busca respostas, justamente, às nossas questões, no Sul. Então, há, provavelmente, uma perda de interesse quando se vê nos países da América Latina e, particularmente no Terceiro Mundo, o inconveniente de não serem nem os países que acabam de sair do Terceiro Mundo como os do Sudeste da Ásia, nem países que estão na miséria como os da África. Portanto, eles são mais complexos e provavelmente não se deixam mais serem reduzidos a interpretações simplistas. Pode ser então que isso não seja mais do interesse daqueles que estão em pesquisa com visões simplistas do mundo. Eu penso que é por isso que há um eclipse particular da América Latina como centro de interesse. Sublinhando, eu creio que há mesmo uma continuidade que está ligada ao fato da geografia francesa não caminhar muito bem neste momento, pelo menos institucionalmente. Isto ocorre em face do regime nos anos 72, por razões de crises internas da geografia, e também porque as pessoas estavam mais interessadas nelas mesmas do que no mundo exterior, e tudo isso para resolver o problema de definição da geografia. Hoje os geógrafos apresentam certa melhora pela diversidade. Melhoraram, porque estão ligados ao exterior e então estão mais ligados à geografia universal. A do grupo Reclus, o festival de Saint-Dié de Vosges, constituem uma espécie de vontade de um novo universalismo que forçosamente, provocará contatos com o resto do mundo, mas, se mantém também, um déficit de relações, porque finalmente vocês estão sempre à escuta dos geógrafos franceses. Os geógrafos franceses, entretanto, deveriam também, por outro lado, ficar à escuta dos geógrafos brasileiros”.

Era difícil não demonstrar meu entusiasmo com as respostas e continuar a entrevista indagando o professor. Refiro-me às suas vindas ao Brasil dizendo: você disse que foi duas vezes ao

Brasil e que você conhece muitos geógrafos brasileiros. Você falou de Milton Santos, Maria Adélia, Ana Fani, Rogério Costa. Você pode traçar seu itinerário intelectual fazendo referência ao papel que o trabalho e o contato sobre e com o Brasil exerceram na sua formação? Sempre atento e cuidadoso, assim respondeu Jacques Lévy:

“Sim. É difícil fazer um balanço quando se está justamente envolvido em alguma coisa, e o lugar do Brasil se reforçou na minha vida. Logo, é difícil fazer um balanço. Há grosseiramente duas fases na minha história brasileira pessoal. A fase em que essencialmente conheci Milton Santos e nós trocamos ideias, ele fez artigos e fui ao congresso da AGB em 1982. Discutimos muito, fiz conferências, mas foram acontecimentos relativamente pontuais. Após alguns anos, o que é novo, é que pouco a pouco me encontro incluído numa pequena rede de relações com brasileiros que vêm a França. Percebo que não é só indo ao Brasil que faço contato com brasileiros, mas também permanecendo aqui. Assim, tive ocasião de discutir eventualmente, de aconselhar estudantes, pesquisadores e professores brasileiros que vêm a França e eu senti uma procura muito forte da parte deles, pode ser porque o acolhimento aqui não é muito bom para os estrangeiros. Há um acirramento, há frieza, não há desenvoltura, descontração, que fazem com que os estrangeiros sintam-se perdidos. Acredito, entre outras coisas, que eu seja um pouco mais disponível e assim cresce a procura na medida em que aumenta o fluxo de brasileiros que vêm a França, falo no conjunto. Cito o caso específico da experiência que tive com o Rogério Costa porque estivemos verdadeiramente juntos por muitos meses e estabelecemos trocas de forma regular. Nós nos víamos constantemente e ele participou de seminários que eu organizei, interveio em diferentes momentos e discutimos modelos explicativos sobre o mundo contemporâneo, sobre a epistemologia das

ciências sociais, a modernidade e a pós-modernidade. Percebi que ele me acrescentou muita coisa, ao mesmo tempo que eu pude passar alguma coisa para ele. Nesse caso, houve uma troca verdadeiramente produtiva, que, finalmente, pode ser mais fácil entre pessoas que estão em instituições diferentes porque há um fenômeno de sociologia das instituições que faz com que quanto mais eu esteja próximo de alguém, mais difícil se torna permutar com ela. Isso ocorre porque há o fenômeno da rivalidade ou da impressão de que o outro não vai nos acrescentar nada e finalmente, o exotismo como ponto de partida para uma verdadeira troca porque se quer conhecer melhor o mundo que encerra o indivíduo que vem de longe. E, por todas essas razões noto que, em geral, os contatos são mais fáceis com pessoas que vêm de fora e mesmo de muito longe. Por esta razão, como justamente vivi a importância dos geógrafos brasileiros que vêm à França com os quais eu pude discutir, como por exemplo, Ana Fani A. Carlos uma só vez na França e, em seguida, trocamos coisas. Ela me enviou um artigo, o seu livro sobre a cidade, que eu achei muito interessante, porque ela tem preocupações que também tenho sobre a cidade. E então, mesmo falando de Brasil, objeto fundamental para ela, e de certa forma, também para mim. Mas mudou muito quando fui ao Brasil em setembro e imaginamos fazer coisas juntos etc. Então, há coisas que se encaixam, sendo que uma delas, uma ideia que não sei se irá se realizar, de trabalhar em pesquisas concretas sobre o espaço político brasileiro e notadamente, a partir do espaço eleitoral. É uma sugestão feita aos estudantes e pesquisadores da USP, mas há um laboratório de geografia política, não me lembro o nome exato, se é grupo ou seminário. Sei que é dirigido por Maria Adélia. É um grupo que trabalha sobre Geopolítica, sobre a interpretação, por exemplo, dos resultados eleitorais, sobre as virtudes dos candidatos, a relação entre a vida política e o espaço. Agora a democratização

permite ter uma massa de fatos, é possível discutir a cidadania, enfim, o sentido dado a esse fato. E há muitos fatos a tratar, e eu senti, por outro lado, uma reticência porque certas impressões eu compreendo, são ligadas ao fato de as eleições serem totalmente livres e transparentes etc, mas posso assegurar que é necessário saber e interpretar se as eleições são totalmente livres e transparentes”.

Prossigo, dando outro rumo à entrevista e falo: Você mesmo fez um mapa com os resultados eleitorais da França para Mastrich e a União Europeia, você fez a comparação.

“Sim, é uma coisa que fiz há algum tempo e, efetivamente, é necessário interpretar com precaução, querer saber o que se quer saber, mas isso me diz coisas; no Brasil, também, pelos resultados das últimas eleições municipais, porque, por exemplo, Salvador tem uma prefeita de esquerda e de outro lado, no governo estadual, um cacique bem conhecido. Eis uma questão geográfica sobre a política que a meu ver, vale a pena considerar. Mas estou desejoso de ir além, nas minhas trocas. Pretendo trabalhar junto”. Emendei perguntando se isso incluía Fortaleza e Jacques Lévy logo respondeu: “É isso aí. Já fui convidado em janeiro. Infelizmente eu não pude ir. É duro para um estrangeiro que não fala bem o português, chamava Salvador de “Salvateur”(risos).

Continuo e provooco o professor perguntando se ele pensa que a prática da geografia francesa em relação ao Brasil é semelhante à geografia colonial ou à geografia tropical. Jacques Lévy é enfático ao negar. “Não, penso que não é a mesma coisa, a questão não é a mesma. Há, eu penso duas tradições na geografia francesa que se encontram na geografia tropical, colonial, tradicional, mas que não é encontrada na geografia do Brasil feita pelos franceses. Por tradição, não é uma geografia propriamente colonial que é aquela a qual os geógrafos estão mesmo a serviço do

colono e do colonizador, do Estado francês, querendo conhecer os recursos do país, querendo saber onde instalar as infraestruturas, querendo saber como bem controlar os movimentos da população, as ideias políticas, impedir a subversão anticolonialista. Toda essa problemática de colono e colonizador foi mais ou menos posta em prática pelos geógrafos em seus trabalhos, particularmente nas colônias francesas. Fez-se algo semelhante no Império Britânico, mas isso não ocorreu no Brasil.

Essa Geografia colonial tem uma outra tradição que foi, eu diria, a tradição do arcaísmo. Tinha maior interesse pelo campo que pela cidade, mais pela agricultura que pela indústria, mais pela indústria que por serviços, não sendo atraída pelas coisas mais modernas da vida social. Interessa-se também pelo que possibilita depois, pela sua aparência, um modelo explicativo naturalista e o meio social, e a sociedade finalmente e o que interessava aos geógrafos que ensaiavam aplicar o conceito de Vidal de La Blache. Quer dizer deixar a permanência e não o que muda. O que muda, muda na superfície. As coisas essenciais são estáveis, elas não mudam e esse é o nosso trabalho.

Daí a tentação de conservar a natureza porque a natureza não muda, muda o nosso ritmo, logo, é uma relação com a natureza no modelo fundamentalmente naturalista/possibilista. É uma variante que é necessário introduzir no trabalho do geógrafo. Portanto, há evidentemente esta postura, esta atitude. Ela se manifestou mais em alguns países do Terceiro Mundo, em países onde o desenvolvimento da produção é menos importante, onde a agricultura desempenha um papel mais importante com seus contrastes físicos da terra, do clima. Há essa lógica de que os geógrafos franceses estão particularmente interessados, nos países do Terceiro Mundo, na geografia tropical, como você diz no questionário, tropical, mas não colonial. Nesse sentido a distinção entre essas duas expressões, contém a tradição. Pode-se

entender essa tradição que apresenta a geografia tropical pelo fato de na França, os geógrafos estudarem as cidades, porque se interessaram pela relação entre as cidades e o campo, não o espaço das metrópoles, por exemplo, que são pouco trabalhados. Felizmente os sociólogos estão interessados nisso. Se não, não se saberia muita coisa sobre o espaço interurbano e toda essa visão. Essa abordagem, essa ‘demarcação’ que esteve presente na geografia física e que de fato fez com que um país como o Brasil com seus espaços vazios, seus espaços-cidade, seus espaços pioneiros e a presença forte da agricultura, a presença fraca da indústria, atraia particularmente os geógrafos. Estes eram também interessados no Canadá e, ao mesmo tempo o mundo se expandia rapidamente, se expandia também o conjunto de zonas tropicais que pertenciam ao império britânico porque lá havia os geógrafos coloniais britânicos etc. O Brasil e a América Latina, em geral, eram um espaço onde podiam ir, não era fechado”. Prossigo e pergunto a Jacques Lévy se existe algo novo em matéria de geografia na França. Se tem, que ele dissesse em que consistia, onde ela estava sendo aplicada e quais eram suas principais características e quais são as pessoas-chave. Com muita atenção e calma, respondeu o professor: “É difícil reunir tudo em algumas frases, sobretudo porque os brasileiros conhecem muito bem a geografia francesa e nada lhes escapa sob esse aspecto. Mas a dificuldade que há no momento, se deve a uma falta de ruptura, isto é, as evoluções mais espetaculares, as mais visíveis, foram feitas entre 15 e 20 anos atrás, nos anos 68, quando era mais fácil classificar as correntes, as ideias. Agora é mais difícil porque o trabalho científico não é um trabalho concreto de pesquisa, que inviabiliza dados privilegiados ou uma nebulosa de ideias ou escola de pensamento em conjuntos menos estruturados. Penso, por exemplo, que a escola neopositivista-quantitativa jamais foi muito concreta na França porque foi temperada por outros

princípios teóricos e a visão que se tinha das coisas era de clã. Hoje, utiliza-se de mais em mais o estudo quantitativo, em particular de gestão automática das variáveis, estudo qualitativo das relações, dos estudos que, seguramente, utilizam dados quantitativos privados, mas que levam mais tempo na interpretação dos dados e na manipulação em si mesmo. É claro que há uma evolução, mas não é fácil dizer que isso terminou que isso começa, mas há nuances, coisas que evoluem muito lentamente e, em certo momento, se percebe que há evolução. Como exemplo, assinalo como evolução na geografia francesa o fato de há dois anos ter vingado a estruturação em seções no CNRS que muito mudou para a geografia, e, pela primeira vez em sua história. Agora a Geografia Humana está separada da Geografia Física. A Geografia Humana está associada ao Urbanismo na seção que se chama Geografia, Urbanismo e Aménagement, enquanto que na divisão equivalente na universidade se tem ainda um só sistema – Geografia Humana, Física, Humana e Econômica, os mesmos nomes dos anos 50, ou mesmo de anos anteriores. É interessante assinalar que essa mudança não foi proposta pelos geógrafos, foi a administração do CNRS que considerou como evidente que valia a pena reunir as pessoas que trabalhavam juntas e realizar um reagrupamento em base mais formal. Um geógrafo que trabalha sobre a cidade jamais terá o que discutir com um geomorfólogo mas terá sempre o que discutir com um urbanista, um sociólogo urbano. Logo, foi uma mudança guiada pelo bom senso a nível administrativo. O interessante é que isso caminhou bem, não provocou medos, lágrimas, o que quer dizer, houve evolução e eu pude constatá-la posteriormente.

Há coisas que evoluem e eu penso que outrora quando se dizia que a geografia era uma ciência social, isso, há vinte anos atrás. Eu me lembro, eu dizia isso, comecei minhas intervenções no plano epistemológico com a visão de geografia como ciên-

cia social, como essência da ciência do espaço e da sociedade e entendi a dimensão espacial da sociedade. Então, dizer isso era considerado uma provocação e num certo momento, eu pensei, e vou falar porque, de todo modo, estou de acordo e me apercebi agora, que há os irredutíveis. Tenho a impressão que esse combate não tem sentido atualmente, pois todo mundo tem mais ou menos a mesma posição. Há coisas que evoluem, direi, globalmente, e há tendência muito clara ao 'fechamento' da geografia. Ela se fechava em si mesma, agora ela está aberta em direção às outras disciplinas, particularmente, às ciências sociais. Os geógrafos encontram, evidentemente, mais lógica, e achavam mais necessário ler trabalhos de ciências sociais e até mesmo de Filosofia. Fazem citações de filósofos nos seus trabalhos geográficos. A literatura também lhes interessa cada vez mais e há uma espécie de ampliação do campo e são menos economicistas e se interessam por tudo o que se refere ao espaço, por toda a espacialidade e, especialmente, pela espacialidade da ocorrência dos fatos. Posso dar o exemplo do carvão e da capacidade dos navios. Recentemente foi feito um estudo sobre que tipos de navios servem mais para tal tipo de container e não há muita coisa a ver em termos de conceito. Posso dizer que isso não é geografia dos mares dos anos 70, mas a geografia dos anos 60 que se traduzia desse modo, não desapareceu completamente. Essa forma de ver as coisas, ainda resiste. Pode-se considerar como uma nítida regressão e colocar-se em questão a gradação mundial, a 'divisão mais relacional do espaço mundial' com o refluxo de certas áreas. É necessário compreender que a lógica desse refluxo é, sobretudo, econômica, e que influi na formação o que indica uma evolução. Eu acho que é difícil dizer onde se pratica a geografia nova. Pode-se dizer que restam certos lugares para a geografia moderna. Entretanto, não há muita agregação externa se bem que há mais agregação interna, isto liga-se também a natureza das provas e é

importante, pelas consequências para todo o sistema educativo. De outro lado, há ainda um ‘bunker’ conservador, muito ligado a uma abordagem cartográfica tradicional, cartografia para a África e que não assimilou as transformações da cartografia, que não aceita a ideia da geografia como ciência social, no seu pequeno ‘mundo’. Mas esse número de ‘bunkers’, da geografia tradicional pode-se dizer um movimento que há por todo canto nas universidades, nos laboratórios, em lugares inesperados mais do que alhures. Há também os que exercem um papel importante na geografia como a revista *Hérodote, Espace et Société, Espaces Temps*. Há também alguns ‘feudos’ que se mantêm e outros que aparecem como RECLUS, como também, as pessoas que trabalham com Paul Claval. Há evolução, coisas e ideias novas aparecem, mas há também os endereços que são ‘estáticos’, laboratórios de uma região onde é possível encontrar todos os aspectos da geografia e também do espaço, embora haja também coisas interessantes. E há lugares delimitados como onde eu leciono, na Sciences Politiques. Há geografia política e o diretor Alain Lancelot é um politólogo que ama a geografia e renega a tradição de Siegfried que era geógrafo mas, negava, entretanto, a geografia se refugiou na geopolítica, nos imperativos políticos. E então renova a tradição de Siegfried da relação espaço e política e a geografia suportou bem e ela se desenvolve e há um bom número de geógrafos que ensina e produz, e há lugares novos que surgem etc..

O que mudou globalmente hoje é que a geografia tem uma imagem melhor fora dela e clama pelo trabalho dos geógrafos e pelos próprios geógrafos, é uma ideia que não é mais estranha no mundo afora. Atravessam-se quilômetros e não é difícil encontrar o centro político, mas quando se trata da geografia política é outra coisa. Uma coisa é a questão paquistanesa, outra é a questão da Sérvia de querer constituir estados independentes

e outra a questão do pedaço da Provence, o poder é o poder. O espaço da geopolítica e do político não são os mesmos espaços. Daí a importância de fazer a distinção de base. Em seguida peço para Jacques Lévy falar sobre a revista '*Espace Temps*', sua importância em sua formação, sua vida, considerando tratar-se de um dos animadores dessa revista. O professor respondeu: "Quando cheguei a ser um dos animadores da '*Espaces Temps*', ela já tinha o caráter que a distingue, o caráter coletivo. Não há chefe na '*Espaces Temps*'. Não há patrão. É, por isso, muito cansativa a democracia, não como sistema, mas como condução, embora seja uma vantagem preciosa. Eu creio que se '*Espaces Temps*' não fosse dessa maneira, os resultados seriam muito diferentes, porque cada um compõe um comitê, não importa quem. Não há cooptação e, há diversidade no comitê, os membros forçosamente têm pontos de vista diferentes e muitas vezes divergentes e as decisões, geralmente, são tomadas por consenso. Quando há divergência cada um leva muito tempo a se explicar. E isso gera uma espécie de formação contínua, selvagem, de todo mundo por todo mundo. Pessoalmente, grande parte do pouco que eu conheço das outras ciências sociais, fora da geografia, eu devo a '*Espaces Temps*'. É lá que se tem acesso a livros importantes. Quando surgem esses livros nas diversas disciplinas, tomamos conhecimento, embora na geografia, infelizmente, sejam lançadas publicações em menor número. Assim fica mais fácil saber quais são as coisas importantes que são produzidas ao lado e como se faz, como se pratica, como se desenvolve. Se não houvesse regularmente pessoas que falem do que se passa na Sociologia, na Economia, sobre o Sudeste Asiático, o que se reproduz etc., eu não saberia grande coisa. A palavra é livre e não há o jogo do poder e ninguém tem poder sobre os demais. Não costuma ser assim no universo da pesquisa nas instituições. Muitas vezes há, infelizmente, tentativa autoritária e mesmo nos grandes

projetos há tiranos ‘iluminados’ por ambições mesquinhas. Isso é o pior de tudo, isso põe tudo a perder. As pequenas coisas, os pequenos sinais de poder, isso, pessoalmente, não me interessa. Por isso, tenho relações distintas, fico distante da minha instituição de pesquisa e, muitas vezes, formam-se equipes onde as pessoas se escolhem entre si e esquecem de trabalhar com outros. Na ‘*Espaces Temps*’ é um direito. As pessoas se sustentam, verdadeiramente, por causa do sentido democrático. É fatigante porque é um trabalho artesanal, que não tem sustentação automática sob o plano financeiro, e é objetivo de todo mundo ‘vestir a camisa. Aquele que está ali está, verdadeiramente, porque quer. Foi por isso, que dediquei minha tese a esse grupo de pessoas da ‘*Espaces Temps*’. Porque é o lugar de pessoas que me marcaram e que têm papel importante no meu itinerário intelectual. Nessas pessoas, *Espaces Temps* é meu espaço legítimo. E é, em todo caso, confortável.”

Entusiasmado com as prontas respostas do entrevistado, indagando sobre respostas anteriores. Retomo e falo que ele havia dito que conheceu a AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros, você também me perguntou sobre a ação da AGB na formação da geografia brasileira no que diz respeito à formação de estudantes e permutas da geografia no Brasil. Traçando um paralelo, o que você tem a dizer sobre a Associação dos Geógrafos Franceses ou da Associação Francesa para o Desenvolvimento da Geografia?

De imediato, o professor argumenta: “As instituições da geografia francesa são muito complexas e não há, justamente, o equivalente à AGB, infelizmente. Os alunos ultrapassaram os mestres, sejam eles P. George, Monbeig. A AGF desempenhou outrora, um papel certamente mais dinâmico. Hoje é apenas uma instituição marginal. Mas é de estranhar que sejam as instituições que tenham vocação para representar a geografia junto às autoridades, que têm vocação para representar na geografia a visão que se tem do mundo exterior. A UGI (União Geográfica

Internacional) e as instituições francesas governamentais, por exemplo. E, de fato, há duas exceções a essa dicotomia, traduzida na divisão que existe e não deveria existir na geografia francesa. Essas duas associações são a AFDG e o Comitê Nacional de Geografia. O Comitê Nacional era o único que existia outrora e era acusado por alguns geógrafos de não atender aos seus anseios, de não ser democrático, por ser necessário o título de *doctorat d'Etat* para ingressar nesse Comitê Nacional. E isso quer dizer que não se podia optar por entrar, era discricionário, era totalmente antidemocrático, e, muito logicamente, esse Comitê Nacional era portador de uma ideologia muito conservadora, notadamente em matéria de poder e disciplina internos. Em 1968 o professor catedrático era tirânico em relação aos assistentes”. Pergunto se seria ainda certa influência colonialista na geografia. O professor confirma e continua: “Certamente. Era dominação como sobre os escravos negros. Logo, ocorria uma espécie de humilhação por parte dos jovens universitários e eu estava do outro lado. Entre 1980-1982 foi criada como organismo, a AFDG (Associação Francesa para o Desenvolvimento da Geografia), aberta a todos os geógrafos, compreendendo e assimilando, inclusive, o ensino secundário e os estudantes. Eu fiz parte do grupo fundador. Fui o primeiro vice-presidente da AFDG, no primeiro mandato, e nós nos inspiramos na AGB. Quando do meu retorno em 1982 do Brasil, particularmente impressionado com o que vi no encontro de Porto Alegre. No regresso eu me disse - isso é formidável e devemos ter algo assim entre nós. Essa organização resultou na AFDG com a ideia de uma associação aberta que se fixe em promover todas as novidades, todas as inovações, todos os títulos de associações francesas para o desenvolvimento da geografia. Portanto, isto quer dizer que o Comitê Nacional não contribuiu para o desenvolvimento da geografia. Agora há uma espécie de dualidade, mas não é, verdadeiramente

te, uma ruptura. É pacífica a relação entre o Comitê Nacional e a AFDG. A AFDG faz manifestação anual denominada GEOFORUM e pouco a pouco ocupa, por vontade dos geógrafos, o lugar das Jornadas Geográficas que são as manifestações habituais do Comitê Nacional. Atualmente, o Comitê está pacificado. Dele participam também os jovens, que agora formam a AFDG. Eles têm posições de poder importante, são professores, não somente assistentes, mas mestres de conferências. Assim, a Universidade francesa evoluiu num sentido de poder menos pesado, alterações na hierarquia e na geografia também. De fato, as posições ideológicas foram, outrora, muito fortes. Hoje são mais fracas, e, sobretudo na geografia, as posições ideológicas e as posições teóricas se modificaram amplamente. Decorre da ação da esquerda política e também da corrente progressista no plano teórico. Agora as coisas são mais simples, mais evidentes e as posições entre a direita e a esquerda aparecem com maior nitidez e há progressistas e conservadores teóricos em todos os campos políticos. “Não basta ser militante da ‘esquerda’ por exemplo, para se produzir uma visão inovadora da geografia”. Na condição de ex-presidente da AGB, digo ao professor que gostei muito de entender essa questão. Dizer que sua explicação foi esclarecedora na compreensão do papel da AGB. Digo da importância da entidade em minha formação e que identifico na AFDG, uma real semelhança com a AGB. Noto que grande parte dos brasileiros que vêm à França não toma conhecimento da associação. Jacques Lévy se pronuncia: “É provável que os brasileiros desconheçam. Quanto a registros das entidades, não há livros. Mas também o outro, o Comitê Nacional é desconhecido, totalmente desconhecido fora, e eu me pergunto finalmente como um grupo pequeno, um grupo reduzido como RECLUS pode ser mais conhecido fora do que a AFDG. No Comitê Nacional, de visão conservadora de geografia, quais são, finalmen-

te, os atores principais, quando se fala no projeto de mudança dos programas do ensino secundário. Há sempre conservadores de ‘lobby’ bastante particular. Eles são bem organizados, melhor estruturados do que a Associação dos Professores do Ensino Secundário que tem outro ‘lobby’, extremamente poderoso, que em geral, se opõe a toda mudança. Essas pessoas são mais eficazes do que a AFDG e o Comitê Nacional onde podem ser todos generalistas, mas não estão suficientemente mobilizados. Outra atividade que movimenta os geógrafos anualmente e o Festival Internacional de Geografia de Saint Dié des Vosges. A questão atual é organizar um colóquio tipo festival, capaz de reunir todos os geógrafos, isto é, uma ocasião de manifestação para um grande público, qualquer coisa que venha operar, que pareça exterior ao coração da disciplina e que se pareça com manifestação não oficial de geógrafos destinada a universitários.

Qualquer coisa que evolua, de forma que os geógrafos se percebem como “tribo”, como corporação, como se de tempo em tempo tenham uma espécie de paixão corporativa. Entretanto, no essencial, eles estão mais interessados em suas pequenas ‘pranchas’ de trabalho, do que na identidade abstrata do geógrafo, e ela, a geografia, é mais feliz do que antes, é mais forte e eles não têm mais necessidade de ritual para se afirmar como geógrafos.

Encerrei a entrevista contente com o resultado obtido. Agradei bastante a disponibilidade e gentileza de Jacques Lévy.

No tocante aos objetivos da pesquisa que realizava, tive certeza, ao encerrar a entrevista, que a escolha de Paul Claval e Jacques Lévy atendeu as expectativas iniciais. Elas comprovam a expressão que os dois profissionais assumem no processo de renovação das relações da França com o Brasil. O teor das entrevistas evidencia a importância que esses dois geógrafos assumem.

A escolha não teve o caráter de excluir outros profissionais geógrafos que desenvolvem atividades no Brasil. Ao contrário. Citamos Hervé Théry que foi da Maison de Géographie de Montpellier do grupo RECLUS, e que dada a sua condição de pesquisador especializado em Brasil, torna-se figura obrigatória quando se discute a ação de geógrafos franceses no Brasil. Ademais, o grupo RECLUS foi conveniado com o IBGE, o que reforça o contato com Théry e sua equipe. Martine Droulers, coordenadora do Grupo Brasil do CREDAL do IHEAL, é outra profissional muito experimentada em Brasil, já tendo ocupado posto acadêmico na Universidade Federal da Paraíba e participado de várias equipes de pesquisa com brasileiros em acordos bilaterais. Desenvolve, entre inúmeras pesquisas, uma com equipe do Rio de Janeiro em torno de Tecnopolos e organização espacial, outra sobre agronegócios. Discípula de Monbeig desenvolveu sua tese de doutorado sobre a expansão agrícola no Maranhão mantendo produção regular sobre o país. Seus livros com temática voltada para interpretação e análise do Brasil são bem conhecidos pelo público francês. Em Paris, o Grupo Brasil do CREDAL constitui-se em importante ponto de apoio para pesquisadores brasileiros. Destaca-se também o professor Jacques Malezyeux que tem trabalhado, sobretudo, com urbanistas ligados à Universidade de Brasília.

Poderia citar Pebayle entre aqueles mais conhecidos que possuem uma história no quadro de relações mantidas entre os dois países. Entretanto, insiste-se em ressaltar que no caso dos dois geógrafos escolhidos, os mesmos foram inseridos na pesquisa com o teor integral de suas entrevistas. Fica evidente de imediato as situações e contextos diferentes assumidos por eles. Paul Claval, de inserção mais recente na geografia brasileira, na fase de maturidade de suas reflexões. Trata-se de um profissional nascido em 1931. Embora declare que seus vínculos afetivos

e/ou de interesse com o Brasil tenham tido início no período em que cursava a graduação em geografia na universidade, suas orientações ocorrem a partir dos anos 1980. Seus livros são sempre citados por geógrafos brasileiros, tornando-o referência obrigatória em vários temas abordados pela geografia. Sua obra variada abrange temas ligados à epistemologia geográfica, história da geografia, geografia do poder, geografia urbana, ensino de geografia e geografia cultural. Independentemente de suas posições políticas, seus trabalhos são citados no Brasil por geógrafos de todas as tendências ideológicas. Sua maior expressão no nosso cenário geográfico, no que tange às relações com a França dá-se nos últimos anos, garantindo-lhe posição de destaque entre os orientadores de teses e pesquisa de brasileiros.

No tocante a Jacques Lévy, o quadro de referencial histórico é bem diferente. Suas posições políticas e sua produção garantem-lhe uma situação confortável no meio geográfico brasileiro. Acredita-se que surgirá um fluxo em torno de Jacques Lévy que demonstrou vontade de estreitar suas relações com os geógrafos brasileiros e assume postura de extremo respeito e admiração pela produção geográfica do país.

6

O BRASIL NA FRANÇA

“Eu diria que em relação ao interesse que o Brasil levantou nos anos 70, o interesse atual é menor. Parece-me que hoje o interesse pelo Brasil se inscreve no interesse mais geral pela América Latina. Eu acho que até hoje, apesar de tudo, a imagem do Brasil na França está influenciada pelo que o General de Gaulle teria dito, faz muito tempo, ‘de que o Brasil não é um país sério’. Então, tanto aqui como lá, o ‘impeachment’ foi justamente o fato que mudou um pouco essa visão, e que se pensou ‘Ah, em um desses países tem um lugar onde são capazes de fazer uma coisa politicamente coerente’”

Essas palavras de Marion Aubrée, antropóloga do quadro de animadores do Centro de Pesquisa sobre o Brasil Contemporâneo, da Maison des Sciences de l’Homme da Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales. Trata-se de profissional com muitos anos de experiência de pesquisa no Brasil e sobre o Brasil. Assumiu também o cargo de coordenadora de um Convênio CAPES/COFECUB. Em entrevista concedida ao autor em janeiro de 1993, sintetiza a situação da presença brasileira na França, seus efeitos, além de discutir a formação da imagem do Brasil naquele país.

Jean Tricart, conceituado geógrafo de Strasbourg, conhecido por suas excelentes pesquisas sobre a Amazônia assim se expressou sobre o Brasil:

“O caso Collor, prontamente, corajosamente, honestamente conduzido, suscita alguma esperança: aplicação da Constituição de 1988 é avançada em relação a legislação de outros países, mas ela não terá lugar senão no quadro mínimo de prosperidade”.

Esses pontos de vista abrem a discussão em torno dos efeitos das relações mantidas pelos dois países, enfatizando as opiniões emitidas por pesquisadores e outros profissionais que, em suas atividades, geraram imagens do Brasil.

A imagem do Brasil na França foi construída por um saber científico que se estruturou a partir da vinda de viajantes e artistas. O contato com o mundo tropical, o encontro de uma cultura diversa e adversa, e em alguns casos reconhecido e estabelecido, provocava grande interesse na Europa e na França em particular.

A França firmou-se no Brasil enquanto referência cultural tendo sido hegemônica em certos períodos. A França com o charme de sua língua, a fama de sua culinária, o luxo e a fineza de seus salões, fizeram sucesso no Brasil. O país tornou-se um grande adepto de vários aspectos da cultura francesa, abrindo amplas possibilidades de mercado para um país que vivia um período de franca expansão industrial e comercial e que contava com concorrentes de porte.

Na Geografia, o Brasil iniciou o contato mais amiúde com a Geografia francesa por intermédio de Delgado de Carvalho que introduz o pensamento e a reflexão geográfica no país, com tratamento científico.

O Prof. Hervé Théry em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* para o caderno Cultura da edição do dia 13 de setembro de 1986 assim respondeu a pergunta: Que

imagem do Brasil se tem em Paris, particularmente, na Ecole Normale Superieure?

“Não posso responder pela Escola, que também não adotou o Brasil como uma disciplina obrigatória. É facultativa a presença dos alunos nos seminários de cultura geral sobre o Brasil, que ali realizo há dois anos com o economista Alain Zantmann. No entanto, é forçoso reconhecer que o interesse por essa iniciativa aumenta cada vez mais. Não sei se um seminário sobre um outro país despertaria a mesma curiosidade. Na verdade, existe entre a França e o Brasil uma velha relação de entusiasmo, de atração mútua, que não galvaniza as multidões de um lado e do outro do Atlântico, mas que são suficientes para assegurar o funcionamento de centros de intercâmbio como o inspirado pelo seminário do professor Ignacy Sachs na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais de Paris, ou pelo nosso seminário, na Ecole Normale. Curiosamente é bom assinalar logo que a história da simpatia, da sedução entre os dois países repousa sobre um curto número de mal-entendidos, de imagens um pouco falsas, entretidos por ambos os lados.”

O teor da entrevista permite incluí-la para explicar o que seriam esses mal-entendidos no caso específico da geografia. Para fins de ilustração, foi selecionado no Boletim INTERGEO do CNRS, com início de edição em 1966, algumas impressões e registros que abordam as relações entre os dois países.

O Boletim INTERGEO é organizado por ano e por universidades, institutos e/ou centro de pesquisa. Nos casos de dúvida foram procurados os centros e ou universidades em Paris e adjacências para poder identificar, na medida do possível, o nome do estudante e confirmar a nacionalidade. Outro caso que exigiu muita acuidade na pesquisa e registro das informações foi o de pesquisadores ou estudantes franceses que fizeram suas pesquisas no Brasil. O critério utilizado foi o mesmo, sendo que

nesse caso, foi solicitada a nacionalidade dos pesquisadores e orientadores franceses mais ligados ao tema. Nas listagens apresentadas, foi feita a seleção pelo nome do estudante e pelo tema na tentativa de localizar os brasileiros, visto que não há nenhuma identificação quanto à origem dos estudantes.

O assunto principal do INTERGEO N° 1 (1966) e o Projeto de Programa em Aplicação da Reforma de Ensino Superior elaborado por uma comissão nomeada e constituída de oito historiadores e oito geógrafos. Geógrafos - professores Derruau, Dresch, Juillard, Papy, Pinchemel (ausente), Roncayolo, Taillefer e Veyret.

Nesse período pós-64 do século XX, o Brasil não entra em evidência, não foi constatado nenhum registro.

O volume (INTERGEO N° 2, 1966) é caracterizado pelo aspecto globalizante em termos de mundo tropical e subdesenvolvimento.

Dos professores mais ligados ao Brasil, com seus interesses voltados para as questões da tropicalidade tem-se no ano letivo 65/66 em Bordeaux o Prof. Guy Lasserre, que leciona entre outras disciplinas Geografia Tropical e Agricultura Tropical. Em Caen, M. André Journaux ministra um curso de Geografia da América Tropical. Esses cursos na verdade foram oferecidos por várias universidades francesas nesse período (Dijon, Lyon, Nancy, Paris, Strasbourg, Rouen).

Nesse mesmo ano em Montpellier, Deffontaines organizou um curso sobre a América Latina. Em Paris, Monbeig ensinava Geografia da População e Agricultura dos Países Tropicais.

Enquanto a maioria dos professores tinha sua atenção voltada para análises regionalizadas, em Paris, P. George discutia Questões de Urbanismo e Rochefort trabalhava com Métodos de Estudo da Armadura Urbana, População Urbana e Redes Ur-

banas e um outro curso, sobre a Produção de Bens de Equipamentos no Mundo.

Em Toulouse, um brasileiro, o Prof. Milton Santos, ministrou um curso sobre “Geografia da População - Países Subdesenvolvidos”.

A repressão política imposta pelo golpe militar de 64, se por um lado provocou a perda de pensadores do porte de Milton Santos, Josué de Castro, Celso Furtado e tantos outros, por outro propiciou ao mundo, via França, perceber a capacidade intelectual de brasileiros. Segundo o Prof. Ignacy Sachs, coordenador do Centro de Pesquisa sobre o Brasil Contemporâneo, em entrevista concedida em janeiro de 1993 afirma:

“Milton foi o que mais contribuiu para o conhecimento do Brasil aqui. Em parte por causa de sua experiência durante muitos anos na Universidade francesa.”

Marion Aubrée prossegue: “Milton Santos foi exilado aqui durante um bom tempo, e não foi somente através de sua ciência, que ele permitiu aos franceses conhecer melhor a realidade do Brasil. Acho que também pela pessoa dele, pela subjetividade dele. Ele vivendo num outro país e uma troca, um enriquecimento mútuo, que não passa só pela ciência, mas que passa também pelos modismos de cada um, quer dizer, um enriquecimento também para conhecer melhor a cultura do Brasil... sabendo o que é a realidade da outra cultura no que ela tem de eternidade.”

A produção acadêmica francesa no campo da geografia não privilegiou a América Latina. Um dos poucos trabalhos dedicados ao continente latino-americano coube ao Prof. Dollfus, “Os Andes Centrais do Peru e seus piemontes”, trabalho defendido em 12 de fevereiro de 1966. Nesse mesmo ano, Hélène Riviere D’Arc, que posteriormente alcançara expressão no Brasil, preparava seu DES (Diplome D’Etudes Superieur), intitulado “Estudo de um Subúrbio do México”, dirigido por Pierre Monbeig.

Ainda no domínio da pesquisa geográfica, em 1966, os professores Dollfus e Rochefort trabalharam com o projeto sobre “Cidades Médias e sua Ação Regional na América Latina”.

O tratamento de um tema exclusivo sobre o Brasil aparece na INTERGEO pela primeira vez em Poitiers, com a tese de 3º Ciclo de. F. Kott, intitulada “Brasília e sua Região”, orientada pelo Prof. Robert, com defesa realizada em outubro de 1966.

Um registro interessante da INTERGEO é o do *item 5*, publicado também no volume 2 do ano de 1966 sobre “missões e deslocamentos”, visitas de colegas franceses e estrangeiros. Nesse ano letivo (set. 65/ set. 66), Guy Lasserre viajou no período de 26 de outubro a 15 de dezembro de 1965 para São Paulo a fim de ensinar no Instituto e Departamento de Geografia da USP.

Bordeaux contou nesse ano com a visita do Prof. Milton Santos, da Universidade da Bahia que se encontrava, naquele momento, instalado em Toulouse. Lyon faz referência sobre M. Santos. Assinala uma conferência sobre “As características originais da agricultura no Nordeste Brasileiro” que deveria se realizar em 1966.

Em Reims, o Prof. Demangeot previa uma viagem ao Mato Grosso patrocinada pela FAO.

Outro registro de grande interesse para a comunidade geográfica, que possibilita mapear e rastrear os eventos, é a seção IV que contém um calendário de eventos, Colóquios e Congressos nacionais e internacionais. Registra o Colóquio Internacional do CNRS, no período de 11 a 14 de outubro, abordando a temática “Os Problemas Agrários da América Latina”.

Também de expressivo interesse para a comunidade geográfica brasileira é o rastreamento de atividades que tenham o Brasil como centro de interesse. Em seus primeiros números, o Boletim INTERGEO registra uma presença tímida do Brasil. Verifica-se o tratamento em bloco de temas pertinentes à Améri-

ca Latina. O que ocorre aparece assim, tratado de forma generalizada. Não se considera as singularidades e diferenças do Brasil no conjunto latino-americano. A ausência de registros de brasileiros na França, desenvolvendo atividades de pesquisa vinculadas às necessidades do país, prende-se, acredita-se, à conjuntura política que o país atravessava naquele momento e que perduraria por quase 25 anos. Assim os volumes 3 e 4 não contemplam nenhum assunto de interesse do universo de pesquisa.

Nos registros para o ano de 1967, o *Boletim* nº 6 acusou tema que merecia registro. A temática estava centrada no continente latino-americano. Persistia, entretanto, mais uma vez, o título “Mundo Tropical”. Dentre os professores, Guy Lasserre, ensinando “Geografia da População e Geografia Alimentar nos Países Tropicais”. Em Bordeaux, um curso específico para América Latina é o curso do Prof. Deffontaines, em Montpellier, intitulado “América do Sul”.

A partir desse número sinaliza-se uma mudança de porte no tratamento de temas geográficos, conforme a programação a seguir: no IHEAL, o Prof. Rochefort enfoca “Estudo Comparativo de Casos d’Aménagement du Territoire” e “Os Grandes Problemas da Geografia Humana na América Latina”. No Instituto de Geografia da Rue Saint Jacques, o novo era o “Estudo das Cidades” em forma de curso a ser ministrado pelo Prof. Pierre George. Ainda sobre a responsabilidade de Michel Rochefort, naquele Instituto, o registro de estudo de conceitos novos nos cursos “Métodos de Estudos de Redes Urbanas” e “As Funções Urbanas”. Na Escola Normal Superior Saint Cloud, o Prof. Pierre George ministrou um curso sobre “As Democracias Populares”, tema a que ele dedicou um número não desprezível de obras.

A Geografia brasileira chega à França nesse período de análise por intermédio da Profa. Lysia Maria Cavalcante Bernar-

des, com o curso “Tipos de redes urbanas no Brasil”, ministrado no IHEAL. O título indica o nível de atualidade da geografia no Brasil naquele momento. A convidada brasileira trabalhava um tema cuja estrutura conceitual ainda se constituía em novidade na França. Ocorria um raro momento de sincronia entre os dois países, em termos de temas abordados.

Em Toulouse, nesse ano, o Prof. Milton Santos lecionava “População e Alimentação”.

Discussões em torno do tema l’aménagement’, desenvolvido por Bernard Kayser, toma corpo nos anos 1960 como também o conceito de “Organização do Espaço”. Augustin Berque⁷² refere-se à utilização do conceito de espaço por Jean Labasse em seu livro *A Organização do Espaço*, de 1966.

“Este título testemunha o efeito da apropriação caracterizada por uma disciplina científica de um termo tido até ali como efetivamente ‘banal.’”

Das publicações, merece destaque o livro de Rochefort e Monbeig, intitulado *A América do Sul Atlântica*, editado pela Magellan.

O avanço da estrutura conceitual da geografia urbana aparece nesse ano, no livro *L’Armature Urbaine Française*, editado pela PUF, de autoria de Rochefort e Hautreux.

Nessa época, o Prof. F. Koit, com sua tese *Brasília e sua região*, permanece como o único pesquisador com tema exclusivo sobre o Brasil. A nova capital torna-se um centro de interesse da pesquisa geográfica.

No programa de intercâmbio, em missão de cooperação técnica, viaja ao Brasil o Prof. Rochefort, no período de julho a agosto de 1967.

⁷² BERQUE, A. Espace, milieu, paysage, environnement. In: _____. *Encyclopedie de gegraphie*. Paris: Economica, 1992. p. 358.

A França redescobre o Brasil! Sim, no INTERGEO N° 10 de 1968. O Brasil que fora tema de livros, pesquisas e filmes durante muito tempo, estava meio esquecido.

Anteriormente, nos idos do ano 1900, Elisée Reclus escreveu a obra *Estados Unidos do Brasil*, publicada no Rio de Janeiro pela Garnier. Em 1909, Pierre Denis transforma o Brasil em objeto de seu livro.

Após a fundação da USP – Universidade de São Paulo, da Universidade do Distrito Federal e do IBGE, o país alcança um destaque considerável. A presença de geógrafos do porte de Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, entre outros professores que ocupariam mais tarde o papel de intelectuais dos mais afamados na França, repercutia na construção da imagem do Brasil no exterior. No campo da geografia, a partir da chegada dos dois pioneiros, o Brasil inicia uma fase de intensa relação com a França no campo da Geografia. INTERGEO só aparece em 1966. Até esse ano, face à falta de registros sistematizados, a única forma possível de se analisar a presença dos profissionais geógrafos da França, que estiveram no Brasil, foi via organização cronológica de suas estadias e permanências, mapeamento de suas áreas de atuação e levantamento da produção científica.

INTERGEO, como um boletim de registro das atividades desenvolvidas pela área de geografia na França, oferece a partir de 1966, elementos minuciosos que permitem interpretações e análises mais refinadas conforme interesse do tema e do pesquisador.

A afirmação de que a França redescobre o Brasil está apoiada na análise de dois fatores. O primeiro quanto à escassez de pesquisadores na década de 1950, o segundo pela ausência quase que completa do Brasil, enquanto tema ou título de cursos e pesquisas nas universidades francesas.

A análise dos números anteriores revela essa ausência. Ao contrário, a partir de 1968 (ano letivo set. 67/set. 68), o Brasil

aparece como tema em quase todos os centros de formação de geografia na França. Cresce consideravelmente o número de brasileiros desenvolvendo suas pesquisas nesse país. Em Bordeaux, o Prof. Milton Santos leciona “Geografia e Economia Urbana nos Países em via de Desenvolvimento: Brasil”, e, junto com o Prof. B. Kayser, agora no Institut d’Etude du Developpement Economique et Social - IEDES - ministra o curso de “Urbanisation et Organisation de l’Espace dans les pays en voie de développement”. Neste mesmo ano, ainda no IEDES, entra em cena outro ilustre brasileiro. Trata-se do médico e professor Josué de Castro, que ministra o curso, intitulado “Quelques problèmes alimentaires dans le monde contemporain”.

Cresce o interesse pelo Brasil nesse período. O país fica em evidência, entra em moda “c’est la nouvelle vague”. A melhor maneira de se perceber as diversas abordagens, de forma direta ou indireta, foi organizar o registro do INTERGEO por universidades, centros ou institutos. Em seguida, os centros de pesquisa selecionados com os respectivos responsáveis pelas disciplinas e seus títulos.

- **Clermont Ferrand:** o professor Derruau, trabalhou com o tema “Japão... Brasil, Ilhas Britânicas”.
- **Nancy:** o professor de Planhol leciona «Le Brésil: l’habitation rurale”.
- **Nantes:** a professora Mesnard desenvolve o curso “La France, le Brésil, la Venezuela” e “La France, le Benelux et le Brésil”.
- **Orleans-Tours:** o professor Fenelon, com a disciplina Geografia Agrária, enfoca com “L’Afrique, Le Brésil e Le Loire”.

- **Paris:** no Instituto de Geografia da Universidade de Paris, o Prof. P. Monbeig ensina “Le Brésil”. O Prof. M. Rochefort prossegue com suas pesquisas sobre “Les fonctions Urbaines” e “Géographie des Activités Tertiaires”. O Prof. P. George trabalha com a disciplina “Estudos Urbanos”. No IEDES, o tema «subdesenvolvimento» aparece nos cursos do Prof. P. George, intitulado: “Caractères géographiques des pays en voie de développement”. Já o Prof. Kayser assumia a disciplina “As situações geográficas do subdesenvolvimento”. No IHEAL, confirmando o interesse pelo Brasil, naquele instituto, o Prof. Demangeot leciona “Exercices de Photo-interpretation sur le Brésil”. O Prof. M. Rochefort desenvolve os cursos: “Geografia Humana e Econômica da América Latina” e “O Papel das Cidades no Desenvolvimento Regional do Brasil”.
- **Poitiers:** o Prof. J. Cabot, ensina “Brésil, l’Agriculture Tropicale II».
- **Strasbourg:** o Prof. Jean Gallais leciona o curso “Le Brésil Tropical”.
- **Toulouse:** o Prof. Demangeot ensina “Géographie Zonale – Le Brésil”.

Fica patente esta mudança de postura dos centros de formação ligados ao ensino e à pesquisa, quando várias universidades elegem o Brasil como centro de interesse manifestado pelos títulos de várias disciplinas. Torna-se evidente que há uma conjuntura política capaz de mostrar que todo esse empenho da França em colocar o Brasil como centro de atenção ocorre num momento em que se agravam as questões internas do país. Na França, o “Maio de 68” – a rebelião

da população estudantil que lutava por uma universidade mais aberta, mais atuante. Aqui, os estudantes se organizam e se mobilizam contra a repressão do regime militar com a passeata dos «Cem Mil» exigindo o fim da ditadura que se instalara no país a partir de abril de 1964. O ano de 1968 é marcado pelo AI5 (Ato Institucional nº 5), período em que um contingente expressivo de brasileiros é banido do país ou condenado a viver na clandestinidade. A França, além de conceder asilo político para vários exilados, mostra-se sensível à questão da luta pela redemocratização do país, condenando o regime de exceção aqui instaurado. Contraditoriamente, pelo menos à primeira vista, é nesse período de forte repressão política que o Brasil conhece um de seus momentos mais férteis na produção cultural e intelectual. Bossa Nova, Tropicalismo, Cinema Novo, grandes festivais de música popular revelam um país em busca do novo. O pulsar da modernidade inspira um grande debate no país, integra os brasileiros impedidos do uso livre de suas capacidades comunicativas e incita-os a tentar novas formas de burlar as regras ditatoriais estabelecidas.

A voz do povo não se cala! A mudança não impede que os gritos ecoem noutras plagas. A França, dentre outros países solidários à causa democrática, foi, naquele momento, uma possibilidade concreta de denúncia e de expressão.

Quanto ao Boletim INTERGEO, as pesquisas agora indicam um maior número de cursos e atividades. Em Poitiers, o Prof. Koit conclui sua tese de 3^e. cicle, sob o título «Brasília e sa région: Etude de Géographie Urbains». Completando o quadro do período, registrou-se também o desenvolvimento de três pesquisas de mestrado: a de Ana Maria Montenegro, Maitre de Conférences na Universidade de Paris XII, Paris Val-de-Marne, sobre “Variações Regionais dos Níveis de Educação na América Latina e Particularmente no Brasil”, a

de um francês, Prof. Michel Foucher, sobre “Le Développement du Réseau Routier au Brésil” e o de M. Ribeiro sobre “La ville et la Région de Bahia: Colonisation et Contacts de Civilisation”.

Quanto a publicações, o Prof. Gallais publica no Cahiers des Amériques Latines “L’Aménagement Agricole de la Serra de Baturité – Brésil”, 1968.

Das Missões e Viagens, o Prof. Lasserre, de Bordeaux, segue em missão de ensino ao Brasil. A Universidade de Lyon registra a visita do Prof. Milton Santos, da Universidade de Salvador. A Universidade de Paris informa a viagem do Prof. Pierre George ao Brasil para ministrar cursos na USP nos meses de abril e maio de 1968. Toulouse registra uma missão ao Brasil no verão de 1968. O quadro a seguir contém o número de teses de franceses sobre o Brasil (segundo INTERGEO).

Tabela 1 – Teses de Franceses sobre o Brasil

ANOS	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91		
INSCRITAS	1	1	6	1	1	3	2	1	3	4	3	2	2	3	1	1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	
DEFENDIDAS	2	2	1	1	2	2	1	2	2	2	2	4	2	2	1	1	2	1	3	3	4	5	6	7	8	9	0	1

Fonte: Pesquisa Direta, 1992.

Tabela 2 – Teses de Franceses sobre o Brasil segundo os Orientadores

Rochefort	06
Monbeig	04
Robert, Celso Furtado, Tricart, Leloup, Gagnard, Barbier	-
Revel-Mouroz, Hélène Lamicq, Di Meo	01
Sem indicação	03

Tabela 3 – Teses de Franceses sobre o Brasil segundo as Universidades

Paris (até 1969)	08
Após 1969	
Paris I	08
Paris III	05
E.H.E.S.S	02
Paris XII	01
E.P.H.E	01
Total PARIS	25
INTERIOR	
Strasbourg	03
Toulouse	02
Rouen	02
Poitiers	01
Reims	01
Lyon	01
Aix-em-Marseille	01
Pau	01
Nantes	01
Bordeaux	01
Total	14

Tabela 4 – Temas Estudados

GEOGRAFIA URBANA, CIDADE E REGIÃO, TERCIÁRIO	14
GEGRAFIA AGRÁRIA, EXPANSÃO FRONTEIRA AGRÍCOLA	
FRENTE PIONEIRA	08
INDUSTRIALIZAÇÃO, “AMÊNAGEMENT”	07
TRANSPORTE	03
CERRADO, CAATINGA	02
OUTROS TEMAS	04

Tabela 5 – Abordagem / Localização

Geral	
Brasil	08
Regional	
NORDESTE	04
AMAZONAS	03
CENTRO-OESTE	02
SUL	02
Estadual	
MINAS GERAIS	02
MARANHÃO	02
PARAÍBA, BAHIA, SÃO PAULO, RGS, RONDÔNIA	01
Vales	
SÃO FRANCISCO	01
Cidades	
BRASÍLIA	02
RECIFE	02
SÃO PAULO	02
SALVADOR	02
RIO DE JANEIRO	01

Fonte: Bulletin INTERGEO, Paris, CNRS, 1966/1991, volumes 1 a 104.

7

A PRODUÇÃO DE TESES DE BRASILEIROS NA FRANÇA

A França, naturalmente, converter-se-ia no centro de atração de brasileiros para realização de pesquisas e teses, pois contava com centros especializados e corpo docente qualificado, portanto, tinha as condições necessárias que propiciaram e deram continuidade aos laços acadêmicos institucionalmente estabelecidos, via convênios e acordos de cooperação técnico-científica entre os dois países.

No quadro político desenhavam-se cenários de modernização acelerada do país viabilizáveis em programas bilaterais de cooperação. A chamada era muito forte e, nessa chamada, a França destacava-se. Contemplando este assunto, Velho (1992) assim se manifesta:

[...] pode-se dizer que a elite brasileira sempre esteve fascinada pela 'modernização'. Pelo menos no sentido de ter como modelo os países considerados mais avançados, sobretudo, (em ordem variável), Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Alemanha. Na política, alguns dos principais episódios (como a Proclamação da República em 1889 e a Revolução

de 30) podem mesmo ser lidos como mudanças nos modelos hegemônicos. Embora isso não exclua coexistência, a França, por exemplo, mantendo mais ou menos sempre um lugar privilegiado como referência no âmbito da “cultura” e dos costumes.⁷³

A situação de dependência permanece e a França desfruta tranquilamente de sua posição de modelo para o mundo em diversos setores. Nas relações estabelecidas no campo da formação ou estágio em Geografia, evidencia-se a supremacia francesa em vários níveis, acima de tudo, nas mantidas entre professor/aluno, pesquisador/estagiário e assim por diante. Ela intensifica-se no período pós-34, quando nosso quadro de carência era completo, e, o discurso do progresso toma corpo. Neste aspecto, comentários e afirmações do Prof. Orlando Valverde induzem pensar que seria mais interessante o estreitamento de laços acadêmicos no momento em que o país tivesse condição de troca a partir da capacidade de reflexão e produção.

Apesar da atribuição pela França de bolsas de estudos e de estágios de pesquisa a estudantes geógrafos brasileiros, é inegável que os laços estreitos estabelecidos antes da 2a. Guerra Mundial, não foram mais sustentados até hoje. No entanto, isso seria mais fácil atualmente, pois o ensino superior de Geografia já produziu resultados no Brasil.⁷⁴

Essa situação de dependência, de incapacidade de reflexão sobre teoria geográfica e, especialmente sobre a realidade espacial do país, vai ser superada mais tarde. A formação de um quadro competente de geógrafos brasileiros cria as condições essenciais para se pensar na formação de uma escola geográfi-

⁷³ VELHO, Otávio. “Impedindo ou criticando o processo de modernização? O caso do Brasil”. *Síntese Nova Fase*, v. 19, n. 57, 1992, p.199.

⁷⁴ VALVERDE, Orlando. Op. cit. (T.A) p. 8.4.

ca brasileira. A problematização acerca da formação de quadros capazes de estruturar e manter no Brasil, um ambiente acadêmico de forma satisfatória, envolve praticamente todas as áreas do conhecimento. Ao se questionar o país sob a perspectiva do universo intelectual, dos centros de excelência na produção científica e a capacidade de pensar e refletir o mundo e nesse mundo, o Brasil, toma-se consciência das deficiências mas apreende-se também, avanços significativos que foram obtidos. A esse respeito, Micelli afirma:

Durante muito tempo os intelectuais brasileiros foram reduzidos pela qualidade das idéias científicas transmitidas pelos pesquisadores franceses reputados como Fernand Braudel, Claude Levi-Strauss, Roger Bastide, Maurice Bye ou François Perroux [...] Hoje, sociólogos, economistas ou historiadores brasileiros não têm mais nada a desejar de seus homólogos franceses.⁷⁵

Os geógrafos brasileiros poderiam perfeitamente ter sido citados por Micelli. O país possui há algum tempo um corpo qualificado de profissionais com produção científica que extrapola em muitos casos os limites das fronteiras nacionais. Ao mesmo tempo, os programas de cooperação e intercâmbio com seus desenhos assimétricos alcançam resistência e provocam, ocasionalmente, políticas e medidas nacionalistas de forte teor conservador.

Espera-se um programa de cooperação que supere as práticas de supremacia e dominação de uma das partes e que evite a competição acirrada entre os parceiros. Nesta direção aponta Berque:

Uma cooperação não consiste apenas em transferência, nem de objetos, nem de práticas, nem mesmo de métodos, mas de procedimentos exploratórios postulando fazer um diálogo de

75 MICELLI, Sergio. Op. cit. (T.A) p. 265

civilizações. Deste diálogo não quer dizer que todos os elementos estejam presentes no nosso próprio sistema. A médio e, mais ainda, a longo prazo e, a partir daí, a criatividade do pensamento e da pesquisa francesa e mesmo da sociedade francesa em todos os domínios, fornecerá a matéria que suscitará a demanda de uma cooperação.⁷⁶

Neste aspecto, há fortes indícios de que se caminha nesta direção. Os professores e pesquisadores entrevistados, em sua grande maioria, consideram a geografia brasileira amadurecida, logo gozando de situação mais confortável nas relações de intercâmbio.

O pensar criticamente pressupõe buscar alternativas imprescindíveis ao aprimoramento da qualidade da geografia brasileira. O emergir de um novo profissional, criativo e comprometido com a originalidade e criticidade da geografia, só é possível com programas de graduação e pós-graduação de qualidade. No Brasil, tem sido crescente a expansão de centros de pós-graduação em geografia. A criação da ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, viabiliza com certeza pesquisas que sistematizam e divulgam informações integradas dos programas de pós-graduação. As agências de fomento à pesquisa e formação de pessoal de nível superior tem incentivado as bolsas da modalidade “sanduíche”, incrementando a realização do curso de pós-graduação no país, oferecendo, entretanto, condições para que o pós-graduando realize parte de seu curso, no exterior. Essa modalidade tende a firmar-se, sem, no entanto, impedir que sejam aprovadas bolsas de estudo para pós-graduação integral no exterior.

⁷⁶ BERQUE, Jacques. “recherche et cooperation avec le Tiers Monde”. *Rapport au Minisb’e de la Recherche et de l’Industrie*. Paris: La Documentation Française, 1982. p. 22.

Essa discussão vem à tona neste momento em que se discute a produção geográfica de brasileiros na França em virtude de se avaliar o processo histórico que gerou o fluxo de brasileiros para aquele país. Esse fluxo firmou-se diante de um quadro de carência, e foi aumentado por profissionais de outras áreas, principalmente arquitetos e urbanistas que na França eram atraídos para fazer suas teses em geografia. O prestígio dessa ciência na França elegeu figuras de proa como Monbeig, Tricart, Rochefort etc, que se destacaram inclusive, pelo elevado número de teses orientadas, de autoria de profissionais de outras áreas do conhecimento.

O Prof. Milton Santos em entrevista realizada em Paris em janeiro/93 presta excelentes informações em rico depoimento, como nesse trecho referindo-se às várias fases das relações França/Brasil:

“Nessa fase você tem a influência múltipla de geógrafos de várias partes do mundo e ainda dos franceses, porque a sedução da cultura francesa, a posse da língua francesa pelas gerações de então, o interesse do governo francês em ‘empurrar’ a cultura francesa; tudo isso, e a força da geografia francesa - sobretudo isso – porque os franceses, aos estrangeiros, nunca se apresentavam divididos, daí aparecer como escola, apesar das divergências que são normais. Nesse caso, teria que ver quem veio, quantos bolsistas tinham aqui na França, que era bem mais do que no caso da infância, e muito menos do que no caso da maturidade. Tem uma ampliação quantitativa da presença brasileira na França e da presença francesa no Brasil. Você tem uma agressividade das Universidades das províncias, a começar por Strasbourg, onde estava Tricart, onde passaram Rochefort, Monbeig, Dollfus, onde estava Juillard, onde estava Sautter, então um forte contingente de especialistas do mundo tropical. Toulouse se levanta, Bordeaux busca manter sua velha vocação

colonial e tropicalista e depois se associam a essas universidades Clermont-Ferrand. Por exemplo, você tem uma abertura do leque das influências digamos, pessoais, e muito mais geógrafos vêm para cá (França) e, no Brasil, você tem também uma expansão de vida universitária e, mais tarde, a institucionalização da formação (antes de institucionalizar) de carreira, quer dizer que você tem formas que se institucionalizam de entrar na disciplina, na universidade, muito antes que Caiena fosse institucionalizada. Então isso vai nos dar uma dispersão que vai se refletir na produção e, aí, somente o que vinha no caso da juventude, vai ter manifestação unitária, primeiro através da geografia quantitativa, que é uma forma unitária, e depois através das geografias marxistas que também aparecem como uma forma unitária pois ambas são totalizantes, com tendência a serem totalitárias, exigindo, às vezes, debate, às vezes submissão, mas que vão ter um papel muito grande na recriação da geografia brasileira para que possa se questionar como disciplina.

É possível que essas perguntas que a geografia brasileira se faz estejam ligadas à afirmação das outras disciplinas sociais e a hierarquização social de disciplinas e o planejamento, como começou a ser feito, com o crescimento econômico, deve ter tido um papel também nisso porque quando as disciplinas passam a entrar no mercado então se faz uma troca porque elas têm que se rever para terem um bom preço, para serem mais ou menos apreciadas. Eu acho que é isso que leva a esse debate teórico dentro da Geografia.

O que tem isso a ver com a Geografia francesa? Aí você tem uma busca daqueles que tinham o que oferecer no plano do conceito. Então, os conceitos passam a ser centrais e os produtores de conceitos passam a ser solicitados. E aí você tem prolongamentos. É nesse sentido que um Rochefort, um Kayser... todos na esteira do mestre George, são um traço de união entre

os dois momentos. Eles aparecem como produtores de conceitos. Uma região estudada em si não é o estudo de uma região, mas é a região. O crescimento dos geógrafos se confirma com Peroux, com Boudeville que fazem o vínculo entre a geografia e economia só que uma outra linha vai também aparecer a partir dos anos 60, sobretudo anos 70, onde todos os grandes países passam a se preocupar com a assistência técnica e o comércio internacional, passam a ter um papel muito grande na cooperação intelectual e aí é também o momento da expansão dos brasilianistas em todos os países, quer dizer que você tem... ao mesmo tempo que o Brasil não podia ser estudado por brasileiros porque o regime não gostava de cientistas sociais brasileiros, preferia mandá-los para o estrangeiro; havia uma certa permissão aos cientistas sociais estrangeiros para virem para o Brasil. Então esse momento, que é o imediatamente anterior a este estabelecimento de maturidade, é também o de uma dupla demanda de geógrafos franceses. Uma vem dos geógrafos que é a demanda dos que pensam os conceitos e a outra vem da própria França, que é o envio dos brasilianistas e alguns vão ter influência determinante na produção da maturidade. A maturidade é a fase em que a geografia brasileira produz os seus próprios compêndios teóricos, metodológicos que discutem a geografia, que se discute ela própria, que passa a ler em português que é um fenômeno muito importante, porque a geografia encontra o mercado editorial e se preocupa com ideias e que vai dar como resultado nas relações internacionais uma série de fenômenos que ainda estão por ser analisados”.

O brilhantismo com que o Prof. Milton Santos emite suas opiniões e pontos de vista permite uma multiplicidade de elementos facilitadores na condução analítica da produção brasileira na França. A forma como ele cruza os componentes estruturadores da formação geográfica brasileira, coloca em evidência

pessoas-chave nesse processo, recupera o processo histórico e insere toda a dinâmica da geografia, perpassando a influência de diferentes abordagens no contexto político conturbado do Brasil. Associa o processo perverso que, ao excluir vários brasileiros, privilegia os estrangeiros nas leituras analíticas sobre o país.

Não foi possível localizar fonte sistemática que permitisse quantificar o total e local de teses produzidas antes de 1966, ano em que surge o Boletim INTERGEO do CNRS, razão pela qual o histórico desse período foi estruturado sobre informações colhidas em entrevistas ou outras encontradas em obras esparsas. A dinâmica parcial do processo de qualificação da geografia brasileira e a busca de referências de um momento histórico privilegiado foram fornecidas pelo Prof. Pedro Pinchas Geiger, em entrevista realizada no Rio de Janeiro em outubro de 1993. Indagado sobre o significado da geografia francesa no seu percurso profissional, assim se expressou:

“Fiz o vestibular em 39 e o curso começaria no ano de 1940, isto é o ano da II Grande Guerra. A Faculdade de Filosofia tinha sido criada alguns anos antes, quer dizer, eu sou das primeiras turmas de um curso formal universitário, chamado geografia quando a geografia está aliada à história. Ao ser criada, na verdade até a II Guerra Mundial, prevalece no Brasil a influência cultural francesa. O francês era muito mais ensinado na escola secundária do que o inglês, pouca gente falava o inglês. A segunda língua depois do português era o francês. Nós temos tradições francesas. Então, quando a Faculdade se criou eles utilizaram professores franceses em diversas disciplinas. Não foi só na geografia. Na história o Antoine Bon foi meu professor de História Antiga, o Tapier, professor de História Moderna, o Jacques Lambert dos “Dois Brasis” era professor do curso de Sociologia, houve outro da Matemática, de Filosofia, quer dizer a influência

francesa nessa época prevalece na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Naquela época, tinha o Rio de Janeiro como capital do Brasil. A passagem de Deffontaines e de Martonne pelo Rio foi fundamental pois eles exercem influência na fundação do IBGE.

A criação do Conselho Nacional de Geografia nasce de uma solicitação para que o Brasil dê sua adesão à UGI. É claro que depois vem o significado verdadeiro. A criação do IBGE é outra coisa, mas esse episódio histórico tem que ser registrado. Acontece que a França cai logo em 40 e então, os professores franceses que tinham vindo por prazo curto, como foi o caso dos que vieram para o Rio de Janeiro, não sei, mas talvez a mesma coisa em relação ao Prof. Monbeig, ficam impedidos de voltar à França; então eles ficam no Brasil e, no caso do Rio de Janeiro, o Prof. Ruellan, tem um papel preponderante e na verdade é preciso compreender o seguinte: as Faculdades de Filosofia naquele tempo não eram centros de pesquisa. A Faculdade Nacional de Filosofia foi criada na Reforma Capanema para preparar os professores secundários, para dar um outro nível ao ensino secundário. Só mais recentemente na Geografia, a USP talvez antes, mas no Rio de Janeiro só mais recentemente, a Universidade passa a ser um local de produção do saber, no sentido de se reproduzir na Universidade, o saber, ter doutores, mestres; então essa produção de saber geográfico durante certo tempo, concentrado no IBGE, o Prof. Ruellan, entendendo isso, começa a colocar alunos seus, pelos quais tem preferência, dentro do IBGE. O segundo grupo a ingressar é o do Ruellan, aí já são pessoas mais jovens e que foram para essa carreira sem ter nenhuma profissão. Muitos dos da primeira turma foram para os Estados Unidos, porque depois da Guerra há a entrada americana, mas, aqueles que na Faculdade de Filosofia foram influenciados pelos professores franceses, no caso do Rio de

Janeiro, o Ruellan, foram ser bolsistas na França. Como eu disse, o Ruellan era um homem de Geomorfologia. Eu mesmo fui geomorfólogo no início de minha carreira e é a linha de De Martonne que prevalecia.

Bem, ocorre que eu já tinha certo envolvimento, como estudante, nos movimentos políticos e, na própria França, estando eu como estudante lá, eu tive acesso à Literatura, a Economia Política e ao Marxismo. Eu conheci o Lefebvre. Meu primeiro contato com o Lefebvre foi em 1947. Ele não como cientista social, não, mas o homem da lógica formal, da dialética. E, pela efervescência da França, a efervescência da esquerda é muito grande, não é verdade? Eu já tinha uma predisposição em termos de visão social, e já não aceitava facilmente a visão vidalina, e já tinha uma reação, e isso foi reforçado com a minha estadia na França. Bom, quando eu volto, e eu já contei para você, nessa primeira leva de bolsistas vai o Hélivio para Strasbourg, o Miguel para Paris, em 1946. O Tricart estuda, parece que ele era professor em Strasbourg, mas ainda tinha vínculos em Paris para fazer o doutorado. Então ele teve contato tanto com o Hélivio como com o Miguel de quem ele se torna colega e então surge uma relação pessoal que vai explicar depois o que aconteceu no ano de 1956.⁷⁷ E a Elza vai para Montpellier, eu que fazia Geomorfologia, sou enviado para Grenoble... e Myriam, para Lyon”⁷⁸

⁷⁷ Nota do Autor. Os nomes completos desses estudantes que foram à França no pós-Guerra são: Hélivio Xavier Lenz César, Miguel Alves de Lima, Elza Coelho de Souza Keller e Myriam Mesquita, o nome completo do Prof. Sternbergé Hilgard O’Reilly Sternberg.

⁷⁸ Nota do Autor: Recorri ao Professor Milton Santos que explicou o que viria ser esse famoso episódio de 1956, ano da UGI, envolvendo o Prof. Tricart, senão vejamos: “O ano de 1956 foi muito importante para a Geografia internacional, pois marca o balanço do movimento da geografia mundial, da Europa para os Estados Unidos, foi o momento em que a influência americana dentro da UGI, aumenta e um dos artífices desse movimento foi exatamente o Prof. Sternberg que, logo depois, seria nomeado professor nos Estados Unidos. Sternberg organiza um Con-

O depoimento do Prof. Geiger permite a reconstituição parcial do período 1940/1950, e oferece condições para compreender e analisar a dinâmica do processo de formação profissional em Geografia no Brasil.

As entrevistas constituíram fonte fundamental para o resgate desse período. Não havia material sistematizado que possibilitasse a localização, quantificação e outras informações referentes a ida de brasileiros à França até a data de 1966, quando e implantado o serviço do INTERGEO, pelo CNRS.

O material levantado ofereceu várias possibilidades de cruzamento e de análise. Do período compreendido entre 1966 até 1991. O inventário do material computou o total de 183 teses inscritas em programas de pós-graduação na França. O número total de teses não corresponde exatamente aos valores da tabela. Há casos de teses que, durante a fase de elaboração, tiveram seu nome alterado. Entretanto, não foi possível checar caso a caso. Em certas situações não havia registro do nome do estudante, noutras, faltava o nome do orientador, o ano de defesa e assim

gresso de Geografia no Rio de Janeiro, com alguns colegas brasileiros, com o apoio do CNG (Conselho Nacional de Geografia) e paralelamente, ele organizou um curso de Altos Estudos Geográficos que foi um grande acontecimento. Na organização desse curso, ele foi uma espécie de bruxa ideológica, ele vetou de maneira nítida a participação de professores de pensamento progressista e aqui entre nós, fizeram exceção ao Prof. Monbeig, evidentemente. Eu nem sei se Monbeig estava dando esse curso. Creio que não. Entre os convidados tinham diversas pessoas importantes, mas o Prof. Tricart, por exemplo, não foi convidado dele. Foi convidado pela mão do Miguel Alves de Lima, que não era progressista, e convida o Prof. Tricart para dar um curso sozinho, lá no antigo Lafayette. Dessa preocupação ideológica do Prof. Sternberg, eu tenho outro exemplo, porque tendo convidado o Prof. Tricart para vir à Bahia, fui informado por meus amigos do IBGE que o Prof. Sternberg havia obtido uma circular das autoridades brasileiras dando ordem para que o Prof. Tricart não fosse acolhido em lugar nenhum. Essa circular não foi obedecida pelos funcionários federais da Bahia, com quem tínhamos relações de amizade muito estreitas” (Entrevista concedida em janeiro de 1993 em Paris).

por diante. Mesmo assim, a fonte utilizada com a cobertura a partir de 1966, permitiu uma aproximação da realidade. Com base nos dados foi elaborado um quadro da situação dos estudantes brasileiros na França.

Objetivando transmitir uma ideia do teor do Boletim, alguns anos foram anotados. A proposta era fazer uma análise para demonstrar a qualidade e quantidade de informações disponíveis. Os nomes das pessoas, dos orientadores e títulos das pesquisas foram registrados da mesma forma como se encontravam no INTERGEO.

No tocante a pesquisadores brasileiros em programas de pós-graduação, os dados referentes aos anos de 1967, registram as pesquisas desenvolvidas por Catarina Vergolino Dias, sobre “As regiões agrícolas da Amazônia” e de M. da Silva, “Estudo Sócio-econômico de um Bairro de Salvador”, ambas sob a direção do prof. Galllais, de Strasbourg.

Em Toulouse, três brasileiros desenvolviam pesquisas em torno de suas teses de doutorado de 3º ciclo. *A Borracha no Estado da Bahia*, de Lina de Brito *A Rede Urbana no Estado da Bahia* de P. Motti e a tese *A Organização Regional do Sul da Bahia* de S. Silva.

A presença do Prof. Milton Santos em Toulouse, na condição de professor e sua passagem por Strasbourg, onde realizou sua tese de doutorado, fornece pistas para compreender a presença de quatro pesquisadores da Bahia, residindo e estudando na França, nesse período após o golpe de estado, no Brasil.

Em Paris, a Prof^a. Maria Luisa Marcílio elabora sua tese *La ville de S. Paulo: peuplement et population de 1750 a 1850 (d’après les registres paroissiaux et les recensements anciens)*. Strasbourg permanece na condição de centro com maior número de brasileiros, neste momento. Ali desenvolvem suas pesquisas:

- Maria A. da Silva, “Les transformations du Reconcavo da Bahia sous l’influence du pétrole-Brésil” – Direção: Prof. Gallais;
- Maria Novaes Pinto, “La culture du sisal dans l’est de Bahia-Brésil” – Direção: Prof. Juillard;
- C. Peixoto, “Géomorphologie des environs de Salvador-Bahia - Brésil”. Direção: Prof. Tricart;
- T. Prost Ribeiro da Costa, “Aspects géomorphologiques du bassin du Mamanguape-Paraíba- Brésil”. Direção: Prof. Tricart;
- Catarina Vergolino Dias, “L’Agriculture Amazonienne” Direção: Prof. Gallais.

Nesse período são concluídas duas teses de brasileiros com temática sobre a Bahia: a de D. Lina Brito com o título *Le caoutchouc dans l’Etat de Bahia*, em Toulouse e a de Sílvio Bandeira de Melo sobre *Le Découpage Régional à Bahia*.

Nessa fase inicial há uma preferência por temas nordestinos com a supremacia absoluta da Bahia quanto aos assuntos pesquisados.

O levantamento geral indica que das 183 teses registradas, 80 foram defendidas nesse período. Acredita-se que esse número possa ser superior. Quanto à frequência temporal, foi detectada uma ausência de concentração. Ela se insinua no período 84/89, acusando o maior volume de teses inscritas no período trabalhado. A distribuição no período considerado é a seguinte:

Tabela 1 – Teses de Brasileiros na França segundo o Ano

ANOS	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91
INSCRITAS	7	8	7	1	4	12	4	2	9	6	1	14	6	2	10	6	6	9	14	8	17	10	12	8		
DEFENDIDAS																										

Fonte: Pesquisa Direta, 1992

Paris desponta como o centro preferencial dos brasileiros com um total de 103 teses no período (1966/1991). Até 1969 o registro acusa genericamente Paris, visto que até essa data havia a unificação da Universidade. A tabela é a seguinte:

Tabela 2 – Universidade de Paris

Até 1969-	09 estudantes
Após 1969-	94 estudantes
DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO AS UNIVERSIDADES	
Paris I	
Paris XII	38
Paris III	21
Paris IV	16
Paris VII	07
Paris X	06
Paris	02
Vincennes	02
E.P.H.E	01
Paris VIII	01

As três primeiras Universidades contam com 75 alunos matriculados, evidenciando o caráter de centros que possuem núcleos especializados. A Universidade de Paris I reúne um número significativo de professores especialistas, dentre eles os que contam com grande número de orientandos como é o caso do Prof. Michel Rochefort. Cabe destaque especial para o Prof. Pierre Monbeig, falecido em 1987, que não aparece na lista entre os orientadores. Merece destaque, pois foi um dos mentores e patrocinadores de programas bilaterais envolvendo os dois países. A Universidade de Paris III contava também com a presença desses dois professores no seu quadro de professores orientadores de estudantes brasileiros.

Tabela 3 – Interior

Toulouse	17
Strasbourg	12
Bordeaux	10
Montpellier	05
Rouen	05
Grenoble	03
Poitiers	02
Aix-em-Provence	01
Brest	01
Caen	01
Lyon, Nancy	01

Fonte: Pesquisa Direta, 1992

As tabelas revelam uma distribuição que se coaduna com a opinião geral que se tem quanto ao destino de brasileiros que se dirigem à França para realizar seus estudos. Em alguns destes centros trabalham geógrafos que possuem e alimentam níveis de afinidade, tornando-os atraentes aos alunos forasteiros. Esses profissionais ficaram tão conhecidos no Brasil de forma que muitas vezes confunde-se o centro com o profissional, uma espécie de concretude ofertada que personifica o lugar. Entre os renomados professores reconhecidos no Brasil, esse fato ocorre com o Prof. Jean Tricart, que é a própria expressão de Strasbourg para a maioria dos brasileiros. O mesmo acontece com o Prof. Lasserre em relação a Bordeaux e, por conseguinte, com Kayser e a cidade de Toulouse. Essa identidade permitiu a construção de vínculos com esses centros, garantindo certa continuidade.

Tabela 4 – Teses de Brasileiros na França segundo o Professor Orientador

Nome do Professor	Nº de teses orientadas
Michel Rochefort	27
Heléne Lamicq	09
Jean Gallais	07
Paul Claval	06
Claude Collin Delavaud	06
Bernard Kayser	05
Guy Lasserre	04
Anne Collin Delavaud	04
Jean Tricart	03
Jacques Malesieux	03
C. Bataillon	03
Jean-Claude Ziv	03
Jacques Hubschman	03
Yves Babonaux	03
Yves Le Coz	03
Juillard	03
Noin, Bonnefont, Prats, Bonnamour, Hélène Rivière d' Arc, Chonchol, Durand	
Dastes, Dupuy, Sachs, Beaujeu Garnier, Coing Lacroix	02
Galabert, Nonn, P. Michel, Raymond, F. Mauro, Koechlin, Revel Moroz, Prud' Homme Sternberg, Burgel, Rougerie, Fournie, Chaline, Noin, Cabannes, Saussol, Pébayle, Lacoste, Baurricaud, Huetz Le Lemp, Joly,	
George, Pinchemel, Leloup, Derruau	01

A lista contempla praticamente todos os profissionais que vieram ao país para fazer suas pesquisas e destaca a importância de Michel Rochefort que declarou em sua entrevista ter viajado 26 vezes ao Brasil e orientado 27 teses. Essa procura confirma a afinidade, competência e reconhecimento de seu trabalho.

Tabela 5 – Teses de Brasileiros na França Segundo Abordagem/Localização

Abordagem/Localização	
Geral	
BRASIL	31
PAÍSES DES.SUBDES. EM VIAS DE.	04
REGIÕES/GRANDES ESPAÇOS	
AMAZÔNIA	03
NORDESTE	03
SUL	02
SUDESTE	01
RECÔNCAVO BAIANO	03
VALE DO SÃO FRANCISCO	01
VALE DO PARNAÍBA	01
VALE DO PARAÍBA	01
VALE DO MAMANGUAPE	01
PROJETO CARAJÁS	01
RODOVIA BELÉM-PARÁ	01

ESTADOS	15
BAHIA	05
MINAS GERAIS	04
PARAÍBA	03
CEARÁ	03
SÃO PAULO	03
ACRE	02
RIO DE JANEIRO	02
SANTA CATARINA	02
PIAUI	02
GOIÁS	02
RIO GRANDE DO SUL	02
ESPÍRITO SANTO	01
CIDADES	
SÃO PAULO	09
SALVADOR	07
BELO HORIZONTE	06
BRASÍLIA	05
RECIFE	05
RIO DE JANEIRO	04
GOIÂNIA	03
FORTALEZA	02
PORTO ALEGRE	02
VITÓRIA	01
BELÉM	01
CURITIBA	01
TERESINA	01
MACEIÓ	01
CAMPINAS	01
OLINDA	01

TEMÁTICAS ESTUDADAS	
GEOGRAFIA URBANA, TRANSPORTES URBANOS	
CIDADE E REGIÃO, INDUSTRIAL/ URBANIZAÇÃO	
POLÍTICA URBANA, MOVIM. SOCIAIS, URBANISMO	
TROPICAL, HAB. POPULAR, INDÚSTRIA	61
GEO. AGRÁRIA, EXPANSÃO FRONTEIRA AGRIC.	30
PERÍMETRO IRRIGADO, AÇUDAGEM	
GEOGRAFIA REGIONAL, ORGAN. DO ESPAÇO, "AMENAGEMENT"	27
GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO/ DEMOGRAFIA	11
ESPAÇO TÉCNICO/CIENTÍFICO	05
REGIÃO/ECOLOGIA	04
TRANSPORTE	03
OUTROS	11

As tabelas acima contêm números que expressam a dinâmica espacial brasileira por meio de temas tratados nas teses. Os títulos ajustam-se à dominância conceitual da época de realização das teses. O Brasil, enquanto totalidade, foi objeto de pesquisa em 31 teses com temas mais generalizantes. O tratamento regional, inicialmente, tem predominância do Nordeste e, em seguida, aparece o da Amazônia. No tocante à abordagem focada no recorte estadual, a Bahia ocupa a primeira posição, tendo sido tratada nas pesquisas que resultaram no total de 15 teses. Na sequência, surge Minas Gerais com 5 teses, a Paraíba com 4, entre os Estados mais estudados. Quanto à abordagem urbana, há o privilégio de São Paulo, que vem à frente, enquanto tema de 9 teses, seguida de Salvador, com 7 e Belo Horizonte, com o total de 6. A abordagem urbana cobre grande parte de cidades brasileiras.

O comportamento geral da situação da pós-graduação em geografia na França conduz a um quadro ascendente com um aumento do número de estudantes e de teses em processo de elaboração. A atualização temática e inserção de novos orientadores comprovam a dinâmica desse processo. A criação da bolsa de estudos na modalidade “sanduíche” tem intensificado a procura da França no processo de formação de quadros para a geografia brasileira. Entretanto, essa modalidade cria dificuldade de controle para fins estatísticos e de pesquisa. Isso impediu que traçássemos sua importância e posição no quadro geral da presença e produção de brasileiros na França. Acredita-se que haverá mais interesse e procura, ampliando as possibilidades de intercâmbio entre os dois países.

8

CONCLUSÕES

A geografia enquanto saber dinâmico continua ativa e atuante emprestando sua contribuição para um melhor conhecimento de um mundo que envelhece e se rejuvenesce simultaneamente. Assim como o Mundo, ela também envelhece e se rejuvenesce desenvolvendo novas formulações, métodos e técnicas passíveis de contribuir para uma melhor explicação desse mundo cada dia mais complexo. Diante da intrincada situação em que o mundo se encontra, a discussão em torno dessa ou daquela escola, parece perder sentido. O mundo, na verdade parece cada vez mais dividido entre os produtores de ciência, a chamada sociedade que domina o técnico e o científico e os dependentes, seus consumidores.

Novos espaços, novas configurações do mundo se definem. O conceito de mundo impregnado dá ideia de unicidade, de coerência, na maioria das vezes sistêmica, parece não dar conta da realidade face à diversidade cada vez maior na face da terra.

Etnias, línguas, religiões, culturas garantem essa diversidade que se complexa nas formas de organização de poder, da educação, na abertura ou fechamento em relação ao mundo ex-

terior. Esse ou esses mundos uno e divisos ao mesmo tempo, conheceram mudanças tão significativas neste século.

Os últimos anos foram marcados por muitas novidades: derrubada do muro de Berlim, desmonte da URSS, golpe de estado na Rússia, crise econômica acentuada em Cuba, ascensão do narcotráfico, emergência de novos blocos de poder, domínio das redes sociais, smartphones, ipad, blue ray e outras tecnologias surgem no mercado. A presença marcante da China no cenário mundial, retração do império americano. A globalização e a aparente unificação do mercado são, sem dúvida, a mais espetacular. As mercadorias circulam no mundo, troca-se tudo e vende-se tudo. Fluxos e mais fluxos de capital, de pessoas e de mercadorias desenham-se no mundo, fluxos em várias direções. O avanço das técnicas de comunicação reduz distâncias, desconhece as artimanhas do território e converte o mundo numa grande aldeia. Estruturas imensas são construídas para dar lugar aos grandes eventos. São efêmeras. Aparecem e desaparecem na paisagem, confundindo os observadores. Transmissões de competições e eventos, como os de Fórmula 1, alcançam um público formidável. São inúmeros os programas idênticos: Oscar, Olimpíadas, Copa do Mundo, entre outros. Durante a Guerra do Golfo as imagens da rede de televisão CNN no vídeo, adquirem feições de imagens virtuais, parecendo corromper as ideias e conceitos de espacialidade. O telespectador de qualquer parte do mundo se envolve e participa da guerra. Acompanha a trajetória dos mísseis, entra e sai de cena, como se fosse ator ou figurante do filme “Meia-noite em Paris”, de Woody Allen. Ogivas, caças, migs, mirage, exocet incorporam-se à linguagem do cotidiano. O mundo cabe nas telas enormes de LCD. Os episódios se sucedem em vida, morte, festa, golpes de estado, quedas da Bolsa, massacres. Todos participam da guerra, todos adentram no campo de operações. O tempo real do fato é o tempo da difusão da imagem.

No bojo da modernidade que, segundo Habermas, é “um projeto inacabado”, eclode a luta das minorias, entre negros, índios, feministas, homossexuais etc. Os anos 1960 registram a mudança de valores. Democratização do corpo, liberação sexual, luta ecológica. O novo mapa do mundo com configurações inusitadas lembra o fim da Guerra Fria que dividia o mundo entre os Estados Unidos e a extinta URSS. A nova configuração do globo no plano econômico altera o chamado Terceiro Mundo, perde sentido enquanto bloco. O Terceiro Mundo ainda ganha visibilidade não pela importância, mas pelo gigantismo de seus problemas. Ares liberalizantes reduzem a repressão na América Latina alternada com curtos períodos de democratização. Na África, o esfacelamento dos impérios coloniais e posterior fragmentação de etnias. Na Ásia, a emergência da China e da Índia modifica o perfil do continente alterando fluxos, provocando concentrações e adensamentos. O Japão se ajusta com dificuldade, à nova configuração da Ásia.

O neomalthusianismo é revisitado em diversos centros de pesquisa, centros de decisão política e universidades. Poucos são os países que ingressam no clube fechado dos ricos. A explosão demográfica ocorre em grande escala, nas áreas mais pobres do mundo.

A compartimentação decorrente do aparato bélico e o controle econômico são constantes. Os recursos naturais entram na fase do esgotamento e impõem cuidados e aprimoramento da consciência ambiental. A dependência energética, pautada no petróleo, incita os centros de pesquisa à busca de novas fontes capazes de mover o mundo. A crise do petróleo gerou contradição em certos países com fortes receitas via exportação dessa fonte energética, mas que não resolveram suas grandes questões econômicas e sociais.

A crise do petróleo gerou um estado de alerta, deixou as nações dependentes numa situação incômoda. A tecnologia

criada e aperfeiçoada a partir das duas grandes guerras do século passado, evoluiu em escala jamais pensada. A indústria bélica impeliu os principais grandes blocos em competição pela conquista espacial. As conquistas tecnológicas foram formidáveis. Novos materiais utilizados e testados nos programas espaciais foram colocados à disposição do mercado a ciência avança e com ela a certeza de novas possibilidades. Os ramos do saber se entrecruzam. Mergulha-se completamente no mundo das novas tecnologias. Artefatos confeccionados com novos materiais ou similares e outros derivados do petróleo, invadem os lares independentemente de classe social. Vive-se uma verdadeira revolução no cotidiano. Sua proliferação transforma a superfície da terra, sua utilização na substituição de produtos tidos como clássicos provoca polêmicas, rejeição. Com eles, aguçam-se os problemas ecológicos que adquirem e firmam-se sob a forma de “questões”. Os produtos oriundos da petroquímica, não sendo biodegradáveis, geram uma esteira de problemas, que, em resposta a essa constatação, ocasionam a organização e mobilização de grupos, instaurando-se os “movimentos ecológicos” que se proliferam rapidamente e adquirem feições variadas, ajustadas às diversas formas de agressão à Natureza e à Sociedade. A questão ecológica seguiu diferentes direções.⁷⁹ Cientistas, políticos e religiosos contrapõem-se aos excessos em termos de desgaste e extinção dos recursos naturais.⁸⁰

⁷⁹ “Na América Latina, por exemplo, a degradação dos regimes nacionais populares proporcionou, antes de mais nada, em numerosos países o triunfo de ditaduras militares e a troca do protecionismo por uma política liberal de procura de vantagens comparativas sobre o mercado mundial[...]” In: TOURAINE, A. *Critique de la Modernité*. Paris: Fayard, 1992.

⁸⁰ Ver GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus Editora, 1990; SERRES, Michel. *Le Contrat Naturel*. Paris: Editions François Bourin, 1990; FERRY, Luc. *Le Nouvel Order Ecologique*. Paris: GRAS SET, 1992. MORIN, Edgar. *Le paradigme Perdu: la nature humaine*. Paris: Seuil, 1973.

A Terra, nosso velho planeta conhecido, insiste em revelar novas feições. Nela, a Ciência vai adquirindo novas características, tentando novas possibilidades. A Química Fina, a Informática e a Engenharia Genética instauram nova concepção de Ciência. Os laboratórios empenham-se em resolver novos desafios, tentando conciliar avanço técnico e questão ecológica. Desta forma, Capital e Ciência renovam suas alianças. Não obstante, doenças seculares como a sífilis, o cólera, persistem. Outras, como o câncer e a AIDS entram em cena. A fome assola o mundo adquirindo feições epidêmicas. A África, continente que mais necessita de ajuda, é o mais abandonado.

Os anos 1980 revelam a grande crise do capital. Uma nova ordem mundial se configura, de forma que o velho modelo de identificação de paisagens urbano-industrial com um determinado tipo de organização mostra-se incapaz de apreender a dinâmica dessa nova modalidade de arranjo espacial.

A indústria moderna potente, transformadora, não tem mais chaminés, não ocupa vastos quarteirões em setores insalubres das grandes cidades dominadas pela poluição. Nessa ambiência de penumbra com o domínio de tons acinzentados. Essa indústria nova, dos chips, da química fina instala-se em qualquer bairro das metrópoles, nos tecnopolos. Elas não têm mais em suas linhas de montagens aqueles operários com seus macacões surrados, não têm mais ambientes enfumaçados, desagradáveis. A indústria moderna confunde-se com outras formas urbanas, camufla a realidade. Hoje, segredos industriais de fórmulas e contratos movimentam executivos, políticos, cientistas. A velha ordem com seu espaço vetusto, pesado, carregado de poluição, mas ainda necessária, persistem. Os países do Terceiro Mundo clamam por ela e conformam-se com a defasagem tecnológica. Os tecnopolos e laboratórios estratégicos não se distinguem na paisagem urbana. Ao contrário, passam

despercebidos num mimetismo que esconde seu poder financeiro e industrial.

“É assim que o Silicon Valley⁸¹ nos Estados Unidos é uma construção espontânea, ligada a uma tecnologia de ponta e de inovação criada nos laboratórios, proporcionando o surgimento de empresas dinâmicas, atraindo competência e capital produzindo um ambiente urbano com feições próprias. A cidade que pesquisa, encontra e produz é um tecnopolo, motor e elo principal do sistema produtivo que dele toma forma, célebre por dele ter nascido uma aglomeração de empresas com nível tecnológico muito forte. A major concentração mundial de “cérebros” induz um efeito de arrastamento ao nível dos processos científicos. Antes de mais nada, o ambiente intelectual desempenha um papel na criatividade científica, a informação circula melhor, as ideias novas são confrontadas entre si. Muito mais do que isto, as inovações estão muitas vezes interligadas: determinada criação de uma empresa induz ocasiões de inovação para outras.”⁸²

Mergulhada nessa reviravolta que agita e transforma o mundo, a geografia, essa velha senhora respeitável, centenária, nossa velha conhecida, do alto de sua sabedoria se rejuvenesce e embrenha-se na procura da compreensão da realidade desse tempo de mudanças rápidas, bruscas.

Pierre George (1990), em seu último livro *Le Métier de Géographe*, afirma:

“O sonho dos geógrafos do início do século era desenhar um álbum de imagens em várias escalas para a informação e a edificação de gerações futuras. Descrevendo-as, eles pensavam ter fixado o mundo”. Prosseguindo, indaga: “Resta saber se nessa

⁸¹ MANZAGOL, C. “La Localisation de activites specifiques”. In: _____. *Encyclopedie de geographie*. Paris: Economica, 1992. p. 510.

⁸² GELEDAN, Alain e BREMOND, Ianine. *Dicionário das teorias e mecanismos econômicos*. Lisboa: Livros Horizontes, 1988. p. 343.

aventura acelerada a geografia não perdeu sua identidade”. Termina seu livro dizendo que “O círculo não está fechado porque a história é uma espiral em geometria variável nas curvas das quais, a geografia tem sempre o seu lugar.”⁸³

A Geografia construiu um saber fundamental para o conhecimento da terra e do mundo. Cada dia transforma-se em um conhecimento mais útil para uma melhor compreensão desse mundo. Nos primórdios dos anos 2000 a geografia, enquanto saber científico, encontra fôlego para atualizar-se, superar-se, abandonando análises esgotadas, ultrapassadas, conceitos rotos e metodologias inadequadas. Esse velho mundo que se renova dia a dia impõe novos desafios. A dinâmica desse novo tempo se dá com intensidade ocasionando o surgimento de novos mundos novos. Aprisioná-los, congelá-los para compreendê-los, é impossível. Cabe aos geógrafos, enquanto profissionais que lidam simultaneamente com a Natureza e a Sociedade, como sujeitos do processo de produção do espaço, buscar a renovação e ajuste de todo um arsenal teórico-metodológico para explicar essa realidade e compreender sua dinâmica.

O mundo hoje é um conjunto de conhecimentos que evoluiu paulatinamente. Do universo desconectado da fase inicial, uma espécie de micromundo, chega-se a uma aldeia global. O mercado e as comunicações comandam o processo.

Nessa evolução, o mundo concebido como campo de forças, passa pela guerra fria e vive a expansão capitalista com a universalização crescente dos fluxos econômicos. Dessa forma, ordenaram e hierarquizaram o espaço mundial. A modernidade foi e continua sendo a justificativa para a maioria das ações políticas e programas de governo. Segundo Touraine (1992) “O esgotamento da idéia de modernidade é inevitável posto que ele

⁸³ GEORGE, P. *Le métier de géographe*. Paris: Armand Colin, 1990. p. 241.

se define não como uma nova ordem mas como um movimento, uma destruição criativa.”⁸⁴

A geografia enfrenta grandes desafios nesse início de milênio. Não importa mais falar ou questionar se existe uma escola brasileira e quais foram os estrangeiros que mais influenciaram a geografia brasileira. Concretamente, a geografia brasileira como as demais, questiona sua natureza, sua dualidade. Ao tentar negar tudo isso, enquanto campo do conhecimento, não tem firmeza suficiente para dirimir como as demais escolas ligadas a outros países que apresentam as mesmas ambiguidades quanto à sua dicotomia.

A originalidade da geografia reside no fato de tratar simultaneamente a natureza e a sociedade, o que deve garantir sua unidade e não dividi-la. Assim sendo, a geografia, diante de um mundo integrado, conectado, de final de milênio, que por sua vez apresenta suas contradições, deve investir o que puder para dar continuidade ao seu projeto científico que é o de explicar a sociedade a partir do espaço geográfico, produto das relações estabelecidas pela sociedade. Quanto aos estrangeiros, aqueles geógrafos pioneiros que com persistência criaram as bases do desenvolvimento de uma geografia científica no Brasil, conseguiram estabelecer políticas de formação de pessoal qualificado que aos poucos foram substituindo-os. A substituição não significou, em nenhum momento, abrir mão da contribuição de profissionais estrangeiros. A permuta, a troca, o intercâmbio são fundamentais para o avanço da ciência geográfica.

Dentre os estrangeiros, não resta a melhor dúvida que, no Brasil, os franceses ocuparam e ocupam papel destacado. As relações entre os dois países devem ser reforçadas, propiciando

⁸⁴ TOURAINE, A. Op. cit.

a troca recíproca. Hoje, nesse início de milênio, as possibilidades de intercâmbio aumentam e nesse processo existe condição de modificar um pouco o papel que cabe ao Brasil. A geografia brasileira foi aprendiz, herdou procedimentos metodológicos, linhas teóricas, bibliografia etc. Ao longo do tempo, mesclando a aprendizagem mais efetiva com os franceses, adicionando o que se aprendeu com os alemães, americanos, ingleses e outros, a geografia brasileira alcança um modo talvez peculiar de fazer Geografia. Cumpre-nos, como produtores de ciência, decorrente desse amálgama, mostrá-la e divulgá-la.

Durante a pesquisa, os entrevistados foram categóricos no reconhecimento da autonomia e qualidade da geografia brasileira. O Prof. Sachs, prosseguindo em sua entrevista afirma:

Eu acho que uma reatualização e um debate sobre o método de Josué de Castro na 'Geografia da Fome' é um problema de interesse internacional e não só brasileiro. Ab'Saber, eu acho que ele representa hoje no debate sobre a Amazônia, uma voz extremamente importante pela sua capacidade de aliar a fidelidade à Geografia no sentido estrito da palavra, com a sensibilidade aos problemas emergentes. O que eu li dele, o que eu conversei com ele me afirmaram que é uma personalidade de primeiro plano com um problema, ele é pouco traduzido para outras línguas. Orlando Valverde é uma personalidade, é de uma outra geração e inspirou toda uma geração. Acho que a importância do Valverde está mais no papel que ele desempenhou como homem, do que nos livros dele.

Cabe à Geografia brasileira importante papel na explicação da realidade do país, da América Latina e por que não, do mundo. No Brasil a ciência geográfica alçou um nível razoável de reflexão. O país conta com um número considerável de profissionais que alcançam notoriedade nacional e alguns, até internacional. No contexto do Mercosul, há um amplo espaço de discussão, interpretação e análise e no que tange a realidade dos

pares envolvidos. O EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina tem sido um traço de união entre os geógrafos. Os eventos da ANPEGE e da AGB têm atraído a atenção e participação de geógrafos dos países vizinhos. É um bom caminho para uma efetiva integração.

A história e a realidade do cotidiano têm provado o quanto se tem produzido em geografia no país. Nessa fase final da pesquisa, os entrevistados ganham espaços para que expressem seus pontos de vista sobre a geografia brasileira.

“O Brasil não esta só, mas ele é certamente, na sua condição, um dos países melhor estudado internamente, graças precisamente a qualidade e a vitalidade de sua escola geográfica.” (Pierre George em carta-resposta ao questionário, em novembro de 1992).

“Eu creio que a geografia brasileira tem seu próprio perfil e sua autonomia.” (Jean Labasse em carta-resposta ao questionário, em dezembro de 1992).

“É evidente, a geografia brasileira existe. Ela tem o mesmo problema epistemológico que a geografia tem em todos os países.” (Bernard Kayser em carta-resposta ao questionário, em novembro de 1992).

Eu penso, com efeito, que a geografia brasileira tem um perfil próprio, após se ter engajado muito nos modelos quantitativos nos anos 70, ela reintroduziu a dimensão política e a dimensão cultural em suas análises. E isso manipulando com facilidade a cartografia informatizada. Lugares como a USP e a UFRJ me parecem ser, ao mesmo tempo, criativos e autônomos. (Hélène Riviere D’Arc em carta-resposta ao questionário, de dezembro de 1992).

“Parece-me que a Geografia Humana, Econômica e Social, adquiriu certa autonomia em relação à geografia francesa e a outras escolas dominantes”. (Jacques Malezieux, em carta-resposta ao questionário, de dezembro de 1992).

Nada melhor para concluir do que Milton Santos, o eminente geógrafo brasileiro, de reputação internacional, respondendo à pergunta sobre sua relação com a França hoje. O mestre dá um depoimento que expressa sentimento que perpassa o intercâmbio da geografia mantido entre a França e o Brasil nos últimos anos:

“A França continua tendo uma importância muito grande na minha vida, na minha carreira, nas minhas ideias. Uma relação contraditória, nem sempre pacífica dentro de mim, mas que é extremamente importante porque eu me sinto bem aqui (na França), eu me sinto praticamente em casa e é evidente que isso cria problemas. A mesma relação contraditória, a relação que você tem com sua própria terra que é também contraditória, a relação que eu tenho com a Bahia que é também contraditória”.

BIBLIOGRAFIA

A.F.D.G. *Géographes Associés*. n. 9. Lyon: Université de Lyon II, 1991.

AGB. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo, AGB, v. VIII, i Torno I, 1956, 406 P.

ALLIES, Paul. *L' Invention du territoire*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1980. 184 P.

AMORIM FILHO, O. *Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da Geografia*. Belo Horizonte: Instituto de Geociências, 1985.

Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França. *Nouvelles APEB*, Paris, APEB, n. 7, dec. 1992 e n. 8, jan. 1993.

Association Géographie et Cultures. *Géographie et Cultures*. Paris, Ed. L'Harmattan, 1992. 144 P.

AUBREE, Marion *et al.* *Cahiers du Bresil Contemporain*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1991-92.

AZEVEDO, A. *Discurso de Abertura do I Congresso Brasileiro de Geógrafos, da Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo, AGB, v. VIII, Tomo I, 1953/54, 1956.

AZEVEDO, A. de. *Brasil a terra e o homem*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1970. 490 P.

BAILLY, A, FERRAS, R, PUMAIN, D. *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1992. 1132 P.

BAUDRILLARD, J. *Amérique*. Paris: Grasset et Fasquelle, 1986. 123 P.

BERQUE, A. *Médiance de milieux en paysages*. Montpellier: GIP RECLUS, 1990. 163 P.

BOUDEVILLE, J.R. *Os espaços econômicos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. 123 P.

BRUNEAU, M. *Les enjeux de la tropicalité*. Paris: Masson, 1989.

BRUYNE, P. et al. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 252 P.

BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ DES PROFESSEURS D' HISTOIRES ET DE GÉOGRAPHIE DE L'ENSEIGNEMENT PUBLIC. *Historiens et Géographes*, Neuilly, n. 216, rev. 1969. 583 P.

CARDOSO, LC et MARTINIÈRE, G. *France-Brésil, vingt ans de coopération*. Paris: IHEAU PUG, 1984.

CHONCHOL, J. et MARTINIÈRE, G. *L'Amérique latine et le latino-américanisme en France*. Paris: L'Harmattan, 1985. 332 P.

CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. 318 P.

CLAVAL, P. Essai sur l'évolution de la géographie humaine. In: *Annales Littéraires de l'Université de Besançon*. Paris: Les Belles Lettres, 1976. 201 P.

CLAVAL, Paul. *A nova geografia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987. 158 P.

CRNS/INTERGEO. *Bulletin(s) INTERGEO*, Paris, n. 1 a 104, 1966 a 1981.

CNRS-INTERGEO. *L'Annuaire de la recherche géographique francophone*. Paris: INTERGEO, 1992. 862 P.

COMISSION DE GEOGRAFIA. Instituto Pan-americano e História. Simpósio de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: Inst. Pan-americano de Geografia e História, 1968. 324 P.

Comité National Français de Géographie. *La recherche géographique française*. Paris- Alpes, CNRS- XXV Congres International de Geographie, 1984. 261 P.

DEMANGEON, A. *Traité de Géographie*. Paris: Armand Collin, 1947.

_____. *O continente brasileiro*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. 191 P.

DOLLFUS O. *O espaço geográfico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. 121 P.

_____. *A análise geográfica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. 130 P.

DROULERS, M. (Coord). *Le Brésil a l'aube du troisieme millenaire*. Paris: IHEAL/CREDAL, 1990. 151 P.

DULLES, J. W. F. *O comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 366 P.

DURAND, Marie-Françoise *et al.* *Le Monde, Espace et Système*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques/ DALOZ, 1992. 565 P.

FAISSOL, S. (Org.). *Urbanização e regionalização*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. 247 P.

FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine*. Paris: Ed. Albin Michel, 1970. p. 444.

FERNANDES, A. M. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. Brasília: Ed. UnB, 1990. 292 P.

FERRY, Luc. *Le nouvel ordre écologique*. Paris: GRAS SET, 1992. 275 P.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. 239 P.

FREMONT, A. *France-Géographie d'une société*. Paris: Flammarion, 1988. 290 P.

GALLAIS, J. et al. *Sahel, Nordeste, Amazonie*. Paris: Ed. L'Harmattan/UNESCO, 991. 233 P.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 307 P.

GEBRAN, P. (Coord.). *Conceito de modo de produção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 275 P.

GELEDAN, A. BREMOND, J. *Dicionário das teorias e mecanismos econômicos*. Lisboa: Livros Horizontes, LDA, 1988. 463 P.

GEORGE, P. et al. *Geografia ativa*. Tradução de Gil Toledo" Manuel Seabra, Nelson de 1ª Corte e Vincenzo Bochicchio. São Paulo: DIFEL, 1966. 359 P.

_____. *Populações ativas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. 219 P.

_____. *Le métier de géographe*. Paris: Armand Colin, 1990. 250 P.

GRAMSCI, A. *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. 341 P.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990. 85 P.

GOUROU, P. *Les pays tropicaux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948. 271 P.

HARTSHORNE, R. The nature of Geography. In: *Annals Association of American Geographers*. XXXIX, 1939.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. 349 P.

IBGE. *Visita de mestres franceses*. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

IHEAL. Cahiers des Amériques Latines. Paris: IHEAL, 1991, 143 p. Instituts et Centres de Recherches de Géographie. INTERGEO – Bulletin. Paris Laboratoire de Communication et de Documentation en Géographie (CNRS)- n. 1 a 104, anos de 1966 a 1991.

JAPIASSU, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. 262 P.

LABASSE, J. *La organización del espacio*. Madrid: Ins. de Estudios de Administratacion Local, 1973. 752 P.

LA BLACHE, V. de. Géographie Générale. Annales de Géographie. In: SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

LACOSTE, Y. *Geografia do subdesenvolvimento*. São Paulo: DIFEL, 1975. 265 P.

_____. *et al. Hérodote*. Paris: Maspero, n. 16, oct/ dec. 1979.

_____. *Os países subdesenvolvidos*. São Paulo: DIFEL, 1981. 120 P.

_____. *La Géographie, ça sert d'abord a faire la guerre*. Paris: Maspero, 1982. 235 P.

_____. *Unité et diversité du tiers monde*. Paris: Ed. La Découverte, Hérodote, 1984. 563 P.

LARES. *Les raisons de l'Urbain- Colloque international*. Rennes. LARES, Université Rennes, 2, 1991. 347 P.

LEDROUT, R. *Espaces et sociétés*. Paris: Ed. Anthropos, n. 42, jan/juin, 1983.

LEFORT, Claude. *As formas da história*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 345 P.

LEVY, J. *Géographies du politique*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques et Espaces Temps, 1991. 220 P.

MARRERO, Levi. *Viajemos por el mundo*. CUBA: Publicaciones Cultural, S.A., [s.d]. 240 P.

MEIRELES, Cecilia. *Cecilia Meireles: obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, S/A. 1987.

MERQUIOR, J. G. *O marxismo ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 323 P.

MONBEIG, P. *O Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1975. 133 P.

MONTEIRO, C.A.F. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia, 1980. 155 P.

_____. *A questão ambiental no Brasil – 1960-1980*. São Paulo: USP/Inst. de Geografia, 1981. 133 P.

MORAES, A.C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

MULLER, N. L. *Evolução e estado atual dos estudos de geografia urbana no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História, IPGH, n. 274, 1968.

ORSTOM. *Cahiers des Sciences Humaines*, Paris, ORSTOM, v. 22, n. 3/4, 1986. 480 P.

PINCHEMEL, P. L'Aventure géographique de la terre. In: _____. *Encyclopédie de Géographie*. Paris: Economica, 1992.

PINTO, A. V. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. 537 P.

QUAIN, M. *Marxismo e geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RAFFESTIN, C. *Pour une géographie du pouvoir*. Paris: Librairies Techniques, 1980. 249 P.

RECLUS, E. *Geografia*. São Paulo: Ed. Atica, 1985. 200 P.

REYNAUD, Alain. *O espaço interdisciplinar*. São Paulo: NOBEL, 1986. 139 P.

RIBEIRO, A.C. T. et al. (Org). *Metropolização e rede urbana - perspectivas dos anos 90*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1990. 263 P.

RIVIERE D'ARC, H. et al. *A Amazônia na França*. St. Just-Lapendue, CHIRAT, 1990. 63 P.

RONCAYOLO, M. *La vine et ses territoires*. Paris: Gallimard, 1990. 273 P.

SANTOS, M. *A cidade nos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965. 175 P.

_____. *Por uma geografia nova*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978. 236 P.

_____. *O espaço dividido*. Rio de Janeiro: F. Alves. 1979. 345 P.

_____. *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1982. 219 P.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1988. 124 P.

_____. Flexibilidade tropical. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 38, out/novo 1991, p. 44-45.

SERRES, M. *Le Contrat Naturel*. Paris: Ed. François Bourin, 1990.

SODRÉ, N. W. *A ideologia do colonialismo*. Petrópolis: Vozes, 1984. 200 P.

SOTELO, Ignacio. *Sociologia de America Latina-estructuras y problemas*. Madrid: Editorial Tecnos, 1972. 207 P.

THÉRY, H. *Le Brésil*. Paris: Masson, 1985. 231 P.

THÉRY, H et DROULERS, M. (Org). *Pierre Monbeig, un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, 1991. 239 P.

TOURAINÉ, A. *Critique de la modernité*. Paris: Fayard, 1992.